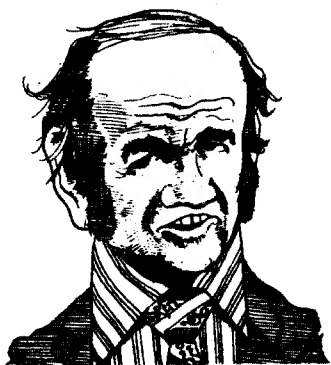




Uma bomba explodiu no Pentágono

Uma violenta explosão causou hoje importantes estragos no Pentágono. As autoridades recusaram-se a comentar o acontecimento, mas um telefonema anónimo levou à descoberta de um papel de uma organização clandestina reivindicando o atentado e ligando-o à escalada americana na guerra do Vietname. Entretanto, o jornal comunista francês «L'Humanité» publica hoje uma entrevista com o presidente da Frente Nacional de Libertação do Vietname do Sul, Nguyen Hu Tho, na qual se afirma que têm sido capturados soldados americanos durante a actual ofensiva. Por outro lado, em círculos diplomáticos de Hanói informa-se que as operações de desminagem do porto de Haiphong continuam e que o acesso ao alto mar poderá estar restabelecido nos próximos dias.



Bremer também queria matar McGovern?

O FBI diz ter razões para suspeitar que Artur Bremer, o agressor de George Wallace, tencionava também matar o senador McGovern. Os investigadores anunciaram ter encontrado no automóvel de Bremer material de propaganda da campanha de McGovern, misturado com folhetos respeitantes a Wallace. A polícia procura averiguar se Bremer também seguiu o senador partidário da paz, a exemplo do que fez com o governador segregacionista, que continua a melhorar.

Manifestantes apedrejaram bancos - anuncia a P. S. P.

(Comunicado na página 2)



BRANDOAS proliferam em Lisboa

Cinco mil habitações clandestinas foram construídas, nos arredores de Lisboa, durante os últimos dez anos. As «brandoas» têm proliferado, apesar das medidas e contra-medidas anunciadas. O problema agrava-se, agora que o centro da cidade começa a ser «proibido» às gentes de menos posses. Ainda ontem o presidente do Município de Lisboa referia que nos últimos dois anos tinham sido eliminadas 3719 barracas da área da cidade. O pior é que a destruição de barracas não é acompanhada pela construção de um número equivalente de casas. E quem não pode pagar rendas altas constrói barracas nos arredores ou procura a solução da casa clandestina, onde quer que descubra uma nesga de terreno. Assim se complica a urbanização dos concelhos da cintura de Lisboa. (Nas páginas interiores).

Um Roosevelt em Portugal para criar cavalos



Elliott Roosevelt

«Não faço apostas, mas espero que Nixon seja reeleito», disse Elliott Roosevelt, industrial de muitas indústrias, ao chegar esta manhã a Lisboa. Com um traço de John Wayne, o filho de Franklin Delano vem instalar uma criação de cavalos árabes e viver em Portugal «centro do mundo». Mas até daqui «iria lutar para o Vietname se o chamassem» o homem de negócios que terminou a Segunda Guerra como brigadeiro da Força Aérea dos Estados Unidos e coberto de medalhas. A exportação de cavalos de circo é o sonho do antigo dirigente democrático do Estado da Florida, que vem fazer o seu new deal «com a memória do pai sempre presente».

TEEN-AGERS



Carla repete

Carla foi uma das finalistas do ano passado e esteve a um passo de ser vencedora. Este ano voltou a inscrever-se porque gostou de todo o ambiente que viveu e ficou com saudades. Para ela uma «teen-ager» deveria ser «uma rapariga que desse às pessoas a melhor ideia possível da juventude». Estudante, está a concluir o 7.º ano e tenciona seguir Direito. (Págs. int.)

Tremenda mistificação no "Queen"

Especialistas ingleses em despoletamento de bombas passaram minuciosa revista ao «Queen Elizabeth II» e chegaram à conclusão de que a companhia proprietária fora vítima de «tremenda mistificação».

Os quatro especialistas foram lançados de pára-quedas junto do enorme paquete, no meio do Atlântico, após ter sido recebido um telefonema de um anónimo, pedindo um resgate de 350000 dólares (cerca de 9450 contos). O desconhecido disse a um director da Cunard Steamship Line, a proprietária do navio, que se encontravam seis bombas a bordo, as quais seriam accionadas por

dois cúmplices seus — um antigo condenado e um homem sofrendo de cancro incurável — caso a Cunard se recusasse a pagar o resgate. O homem disse, durante essa conversa, que voltaria a telefonar para informar como se deveria processar o pagamento. Esse segundo telefonema ainda não foi feito.

A bordo do paquete, que amanhã deve aportar a Cherburgo, em França, seguem 1438

passageiros, os quais receberam as notícias com grande calma, continuando a jogar o «bridge» e conversando no bar. Quando os especialistas em bombas foram lançados de pára-quedas gerou-se um certo movimento de curiosidade que levou muitos dos passageiros a arrostarem com uma chuva muidinha para assistirem às evoluções do avião da R.A.F. que os lançou.

Entre os passageiros, embarcados em Nova York, encontra-se o célebre maestro Leopold Stokowski, que recentemente foi homenageado devido aos seus 90 anos.



Ten. Clifford, um dos homens-rãs que entraram em acção

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA



DL / VIDA NACIONAL

Montras quebradas por manifestantes

- informa o comando da P. S. P.

Do Comando-Geral da Polícia de Segurança Pública de Lisboa recebemos o seguinte comunicado:

«O comando da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, em continuação dos esclarecimentos já prestados sobre a actuação dos estudantes das escolas superiores, nos dias 11 e 16 do corrente, informa que anteontem, 17, se reuniram na cerca do Hospital de Santa Maria aproximadamente 700 estudantes, que em dado momento, por motivos

que se ignoram, partiram os vidros das portas de acesso aquele edifício.

No mesmo dia, ao fim da tarde, um grupo de cerca de 40 estudantes, em que predominavam alunos do Instituto Superior Técnico e Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, manifestou-se na Avenida Almirante Reis, fazendo desactos e partindo as montras de mais três estabelecimentos bancários.

Foram prontamente interceptados por forças da Polícia, sendo detidos 29 indivíduos, dos quais foram ainda hoje enviados à Polícia Judiciária os seguintes:

Fernando Lourenço de Jesus, de 17 anos, empregado no comércio; José Castelheiro Fernandes, de 27 anos, operador da RTP; Luís Filipe Baptista Domingos Valente, de 20 anos, estudante do 2.º ano do I. S. C. E. F. João Artur Domingos Antunes Lourenço, de 20 anos, estudante do 3.º ano do I. S. C. E. F. Manuel Martins dos Santos Delgado, de 20 anos, estudante do I. S. C. E. F. Lino Manuel Gomes Fernandes, de 22 anos, estudante do 4.º ano do I. S. T. José Augusto de Oliveira Santos, estudante do 5.º

ano do I. S. T. Maria Luisa da Silva, de 29 anos, empregada de escritório; Bernardo António Andorinha Camelo, de 18 anos, estudante do 2.º ano do I. S. T. Maria Tibério Sotto Maior Quaresma, de 22 anos, estudante do Instituto Superior de Línguas e Administração; Marcos Laminhas Ré, de 22 anos, estudante do 3.º ano do I. S. T. Luís Manuel Martins da Costa Miranda, de 20 anos, estudante do 3.º ano do I. S. T. Nuno Maria Serpa de Vasconcelos, de 19 anos, estudante do 2.º ano do I. S. T. Joaquim José Pereira de Sousa Tomé, de 20 anos, estudante do I. S. T. Fernando José Vilar Nunes da Silva, de 19 anos, estudante do 2.º ano do I. S. T.; Carlos Alberto Costa, de 18 anos, escritor da C. R. P. Q. F.; Maria Teresa Coelho de Leiria, de 21 anos, estudante do 1.º ano da Faculdade de Medicina; Luís Cordeiro Teixeira, de 20 anos, estudante do I. S. T.; António Manuel Rola Andorinha, de 21 anos, estudante do 2.º ano do I. S. T. e Jorge Manuel Viana Alves dos Santos, de 17 anos, estivador.

Os restantes indivíduos detidos foram postos em liberdade por se ter apurado que não estavam comprometidos nesta agitação.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁZ E ELECTRICIDADE

AVISO

AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

2.º Sector Conselho de Lisboa. Ruas 3, 5, 7, 8, 9, 11, 13, 15, 17, 19, 21, Praça do Caramão lado direito, Largo Ocidental lado direito e Casal do Gil ao Caramão da Ajuda. (Das 8 às 12 horas).

3.º Sector Rua Guilherme Anjos, Rua Costa Pimenta, Casal Ventoso de Cima e imediações. (Das 8 às 12 horas).

3.º Sector Rua do Embaixador Teixeira de Sampaio (toda) (Das 8 às 12).

4.º e 10.º Sector Rua da Quinta do Charquinho de 9-A a 31-A. (Das 8 às 12).

5.º Sector Rua da Boavista de 34 a 188-A, Beco da Boavista, de 2 a 10 e 1 a 5, Pátio da Galega (todo), Beco Francisco André (todo), Trav.ª do Marquês de Sampaio 2 a 46 e 1 a 23-A. (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector Rua dos Bacalhoeiros de 28-A a 30-B, Rua da Padaria 2 a 52 e 39 a 51, Rua de Santo António da Sé 2 a 20, Largo de Santo António da Sé 1 a 23 e Igreja Cda. do Correio Velho 1 a 15. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector Av.ª Duque de Avila de 185 a 207. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector Av.ª João XXI de 23-A a 59-A e 48 a 50, Rua Oliveira Martins de 1 a 19-B. (Das 8 às 12 horas).

9.º Sector Cda. da Picheleira, Rua João Nascimento Costa, Rua Capitão Roby, P.ª Silveira Peixoto, Rua G.ª Quinta do Machado, Cda. do Carrascal, Rua Dr. Faria Vasconcelos, Rua Professor Mira Fernandes e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona Concelho de Oeiras: Alto do Logoal; Caxias, Rua 7 de Junho, Rua de S. Rafael, Rua S. Gabriel, Rua Vasco da Gama, Rua Paulo da Gama e imediações. (Das 8 às 14 horas).

2.ª Zona Laveiras, Murganhal e imediações. (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona Amadora: Falagueira e imediações, Amadora (parte). (Das 8 às 14 horas).

4.ª Zona Reboreira: Av.ª Conde de Oeiras, Av.ª da Aviação Portuguesa, Rua Brito Pais, Rua Pais Ramos, Rua Alexandre Sales, Rua Gonçalves Ramos, Rua 27 de Julho, Rua Capitão Plácido de Abreu, Av.ª Conde Castro Guimarães e imediações. (Das 8 às 14 horas).

5.ª Zona Concelho de Cascais: S. Pedro do Estoril: Murta; Rua Maestro Pedro de Freitas Branco, Rua José Feliciano Moreira, Rua Filipe Rodrigues da Silva, Rua António Sêco, Rua das Pedreiras, Rua de Damão, Rua de Gôa, Rua João António Pereira, Rua João Duarte Domingues, Trav.ª Sarg. Joaquim José, Trav.ª Senhora da Saúde, L.ª João dos Santos, Trav.ª do Celão, L.ª Jaime Ferreira Roque, Cd.ª Padre Tomás Borba, Av.ª Infante D. Henrique e imediações. (Das 8 às 14 horas).

6.ª Zona Concelho de Sintra: Vila Verde. (Das 8 às 14 horas).

7.ª Zona Concelho de Mafra: Sobreiro. (Das 7 às 15 horas).

8.ª Zona Concelho de Vila Franca: Vila Franca: Rua Vasco da Gama, Rua Hospital Civil, Rua António José de Almeida, Rua António Palha, Rua João de Deus, Rua do Alegrete, Rua 1.ª de Dezembro, Cd.ª da Costa Branca e imediações. (Das 8 às 14 horas).

9.ª Zona Povos. (Das 8 às 14 horas).

10.ª Zona Toda a rede de B. T. de Vialonga. (Das 8 às 14 horas).

11.ª Zona Concelho de Vila Franca: Toda a rede de B. T. da Castanheira. (Das 8 às 14 horas).

12.ª Zona Concelho de Alenquer: Toda a Povoação de Cheganças. (Das 8 às 14 horas).

13.ª Zona Alenquer, paredes, Pedrogão, Santa Catarina. (Das 8 às 14 horas).

14.ª Zona Concelho de Torres Vedras: Amial, Ramalhal, Outeiro da Cabeça. (Das 8 às 14 horas).

15.ª Zona Concelho de Azambuja: Azambuja. (Das 8 às 12 horas).

16.ª Zona Concelho do Cartaxo: Cartaxo. (Das 8 às 12 horas).

Encerrado o I. S. T.

Da direcção do Instituto Superior Técnico recebemos, com pedido de publicação, o seguinte comunicado:

Na passada terça-feira, um grupo de algumas dezenas de alunos invadiu e revolveu as instalações da direcção do Instituto Superior Técnico, na ausência do respectivo director, tendo, posteriormente, provocado diversos desactos e interrompido o funcionamento de várias aulas.

Nestas circunstâncias, foi solicitada a intervenção da Polícia de Segurança Pública, que, após a recusa de alguns estudantes em abandonarem as instalações, procedeu à evacuação do Instituto.

Os acontecimentos agora verificados vêm na sequência de outras perturbações que nos últimos tempos têm vindo a afectar o funcionamento daquela escola, entre os quais a interrupção de um acto de doutoramento e a paralisação de aulas, inclusivamente as de um seminário para pós-graduados que decorria com a participação de professores estrangeiros.

O pretexto para este procedi-

mento tem raiz na recusa das autoridades académicas em acederem a uma exigência de concessão geral de aproveitamento na frequência das disciplinas de Análise Matemática e Álgebra do 1.º ano.

Devido a isto, e alegando protesto contra os «rítmos de trabalho» vigentes no Instituto, foi impedida na prática, pelo bloqueio das respectivas salas, a realização das provas que se deveriam efectuar em Março passado relativas àquelas disciplinas.

Posteriormente, estas vieram a realizar-se para cerca de 200 estudantes que as requereram, invocando terem sido impedidos de o fazerem na altura própria.

O mesmo tipo de exigências tem continuado a ser feito durante o semestre em curso, incluindo agora a anulação dos exames efectuados pelos referidos alunos, a repetição das provas a que se recusaram em Março e ainda a da redução das matérias já leccionadas.

Em consequência destes factos, as actividades escolares do instituto foram temporariamente interrompidas, pelo que se prolongará o ano académico.

REUNIÃO DA A. N. P.

O momento político actual será abordado pelos participantes no plenário distrital de Faro da Acção Nacional Popular, que reunirá em Tavira, no próximo dia 21. Da agenda de trabalhos constam também assuntos relacionados com as principais necessidades da região.

Entretanto, reuniu uma vez mais em Évora, a Comissão Distrital com as comissões conselheiras do distrito. Na ordem de

trabalhos, a visita de deputados do movimento aos conselhos.

EM MOÇAMBIQUE

Intensificar as actividades da A.N.P. em Moçambique é o objectivo dos plenários do movimento que reunirão a partir de 26 do corrente em várias cidades do território. O primeiro está marcado para Inhambane.

A situação no I. S. C. E. F.

Os trabalhos escolares não foram oficialmente interrompidos no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, onde membros do corpo docente protestaram contra a in-

tervenção de autoridades não académicas na vida da escola. O do prof. Cruz Vidal, direitos do Instituto foi ontem recebido pelo ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão.

ASSUNTOS ECONÓMICOS

Reuniu ontem em S. Bento, sob a presidência do prof. Marcello Caetano, a secção de Política Monetária do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, que aprovou o diploma que define, no quadro do sistema de pagamentos interterritoriais em vigor, o regime das operações cambiais. Foram também apreciadas projectadas alterações ao contrato entre o Banco Nacional Ultramarino e o Estado tendo em vista a respectiva adaptação à nova disciplina dos pagamentos interterritoriais.

THOMAZ RECEBE JORNALISTAS

O Presidente da República, almirante Américo Thomaz ofereceu um almoço a mais um grupo de individualidades que o acompanharam na sua recente visita ao Brasil, tendo condecorado alguns. Pouco depois deu recepção aos representantes dos órgãos da Informação que participaram na viagem. Presente o secretário de Estado da Informação, Moreira Baptista.

ELEIÇÃO DO CHEFE DO ESTADO

No Governo do distrito de Ponta Delgada foi até agora apresentada uma única lista de candidatos a representantes municipais ao colégio eleitoral que elegerá, em 25 de Julho, o Presidente da República. Constituem-na: Rúbens de Almeida Pavão, Manuel Martins Medeiros, António dos Santos Botelho e Gualter Pereira Cordeiro.

EMBAIXADOR NA FINLÂNDIA

O dr. António Luís Novais Machado foi nomeado embaixador de Portugal em Helsínquia. Será o primeiro embaixador português residente na Finlândia.

NAVIOS SUL-AFRICANOS

Encontram-se desde ontem em S. Vicente (Cabo Verde) duas unidades da Armada sul-africana — a fragata «Presidente Steyn» e o submarino «Johanna Van der Merwe».

Importação de arroz

Foi determinado por portaria dos Ministérios das Finanças e da Economia, que sejam mantidos por novo período de seis meses os diferenciais fixados na Portaria n.º 267/71, a cobrar sobre o arroz importado do tipo «Agulha» ou outro com preparação especial.

Manuel Conde homenageado

Os 25 anos de alternativa de Manuel Conde foram festejados durante um banquete, no restaurante da Feira Internacional de Lisboa, por iniciativa da Tertúlia Festa Brava.

Além do presidente da direcção da entidade promotora, falaram aos brindes o matador Armando Soares e o dr. Fernando Salgueiro; José Figueira, vice-presidente da direcção do Aposento do Barrete Verde; os cavaleiros Fernando Andrade Salgueiro, Francisco Mascarenhas, José de Ataíde, David Ribeiro Teles, Alfredo Conde e José Maldonado Cortes; o forçado Nuno Salvação Barreto e Celestino Graça, da Misericórdia de Lisboa.

Praça de Toiros de Matosinhos
INTEGRADO NAS POPULARES FESTAS DO SENHOR DE MATOSINHOS UM GRANDE ACONTECIMENTO

SENSACIONAL CORRIDA DE TOIROS

DIA 21 DE MAIO ÀS 17 HORAS

CAVALEIROS
Fernando SALGUEIRO

Frederico CUNHA

ESPADAS
José JÚLIO
Ricardo CHIBANGA

GRUPO DE FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

8 TOIROS DOS HERDEIROS DE JOÃO GREGÓRIO 8

VENDA DE BILHETES:

Casa Campeão, Porto; Comissão Municipal de Turismo de Matosinhos e nas bilheteiras da Praça de Matosinhos.



ERAM CRUEIS EM TUDO... NO ÓDIO, NO AMOR E ATÉ NAS SUAS RELAÇÕES MAIS ÍNTIMAS!

As crueis
JUDY MATHESON
Grupo D 18 anos EASTMANCOLOR
HOJE às 21.45 ESTREIA no EDEN



Opinião

DAR DE BEBER A QUEM TEM SEDE

O título deste comentário poderia vir a pêlo em sentido figurado, significando, por exemplo, a necessidade, de liberdade, de informação, de bem-estar, de segurança, de tudo aquilo que falta em maior ou menor grau e a que a toda a hora se aspira. Desta vez, porém, a sede de que falamos é a da simples água, que faz jus, em certos casos, ao nome de «precioso líquido» (que lhe foi atribuído graças a um mal empregado esforço de imaginação) naquele mesmo sentido em que denominamos de preciosos certos metais... Como o ouro, cada vez mais caro.

Ora, para a povoação de Vilarandelo (Trás-os-Montes), com os seus vinte mil habitantes, a água é ouro. No ano passado, durante meses inteiros, não houve água nos chafarizes públicos, o que, aliás, vem acontecendo regularmente desde há alguns anos. As populações não têm mais recurso que utilizar «águas inquinadas dos poços e fontes de imundícies».

Perante esta situação, que fizeram as autoridades administrativas? Actuando segundo ordens superiores (pormenor importante), a Câmara Municipal de Valpaços pôs a concurso, em Outubro do ano passado, a pesquisa de águas para Vilarandelo e localidades próximas. A Câmara pediu aprovação urgente para se dar início às obras, mas até ao presente «não foi dada a devida solução.» E apela-se para quem de direito, como sempre sucede em tais casos.

«Quem de direito» é, como o «precioso líquido», uma forma de nomear não nomeando, e é também, de alguma maneira, uma espécie de carapuço que atiramos ao ar, na esperança de que venha a cair na cabeça certa. A rapidez da reacção depende exclusivamente do bom-querer do alvo, o qual pode decidir não se dar por achado durante todo o tempo que lhe convier.

Todos sabemos que é impossível (em Portugal como em qualquer outro país) conseguir que a vida dos povos avance sem dificuldades, ou resolvê-las no exacto momento em que se manifestam. Para não sairmos da matéria, é fácil apostar que nesta hora falta água em muitos lugares do país ou que certas populações se abastecem de águas impróprias para o consumo. E também podemos apostar que algumas dessas populações estão a ser igualmente vítimas da falta de outros «preciosos ingredientes», como a inteligência, a capacidade de decisão e de iniciativa, o respeito pelas necessidades e pelos interesses colectivos. Do bom e do medíocre, do mau e do péssimo, são feitas as sociedades, e de tudo isso são beneficiárias e pacientes. Mas sempre se espera que os elementos positivos acabem por sobrepor-se aos elementos negativos.

O que houve de positivo neste caso, foi o facto da Câmara ter posto a concurso a pesquisa das águas. Aconteceu isto há mais de seis meses, e a aprovação para início das obras ainda não foi dada: esse é o factor negativo. «Quem de direito», entidade sem rosto e de vaga identificação (obras públicas certamente...), ainda não completou o estudo do problema. As populações aguardam, resignadas à perspectiva da febre tifóide ou maleitas similares, lançando baldes ou cântaros aos poços ou às fontes de chafurdo. Estão longe da grande cidade, estão longe do mundo.

Entretanto, as pessoas («quem de direito») de quem depende a decisão, se a sede aperta, abrem a torneira da repartição ou do gabinete de estudos, e, para que a água venha mais fresca, deixam-na correr pródigoamente, enquanto, dentro da gaveta, o processo de Vilarandelo espera submisso, apesar de ter sido organizado por ordens superiores...

Sem a devida vénia

No passado dia 16, o jornal «Novidades» publicou o seguinte:

«Entretanto, há um diário de Lisboa que resolveu travar outra batalha, a das reportagens picarescas, com o propósito mal disfarçado de atacar as mais legítimas e respeitáveis manifestações de fé do povo português.

«Para esse jornal, Fátima, no último dia 13 de Maio, não foi mais do que um ajuntamento de promessas, anacrónico, medieval, quase desumano. O repórter não ouviu nada da homilia do Senhor Patriarca de Lisboa. Não viu que na Cova da Iria, além do Chefe do Estado, estiveram presentes pessoas de todas as categorias sociais, desde honrados trabalhadores do campo a ilustres prelados, professores universitários e generais. Não sentiu, como Paulo Claudel, que Fátima é uma «irrupção de sobrenatural» no século XX. Não sabe ainda que, na justa afirmação de S. E. minência o Cardeal Cerejeira, «não foi a Igreja que impôs Fátima, mas Fátima que se impôs à Igreja.»

«No dia seguinte, o mesmo jornal vespertino esforçou-se por reduzir a um negócio a tradicional procissão de Nossa Senhora da Saúde em Lisboa. Também nela só viu misérias e especulação. Cremos que é ver muito pouco ou muito mal. É, sem dúvida, reentrar no caminho das demolições que fizeram a triste fama do velho jacobinismo opaco e vesgo que costumava começar por campanhas indignas na imprensa e acabava, a cada passo, com bombas na rua.»

Esta prosa, que é, como o leitor verificou, exemplarmente avisadora e denunciante, aponta o «Diário de Lisboa» à execração pública e imputa-lhe, por antecipação a responsabilidade de bombas futuras. Fica assente, portanto, que, na opinião do matutino «Novidades», o nosso jornal não se limita a ser jacobino: é vesgo e opaco... Em todo o caso, não somos tão vesgos que não tivéssemos visto naquelas «manifestações de fé do povo português» os aspectos negativos que apontámos, nem somos tão opacos (isto é, espessos, brancos, rudes, estúpidos) que não tivéssemos sabido comunicá-los inteligentemente aos leitores...

Muito mais grave do que os nossos feios pecados, afinal, é a informação dada pelas «Novidades» de que estiveram presentes «desde honrados trabalhadores do campo a ilustres prelados, professores universitários e generais»... Compreendemos sem esforço, apesar da nossa opacidade, que os trabalhadores do campo não sejam ilustres, mas muito apreciá-los que o matutino explicasse, não a nós, mas aos interessados directos, por que bulas faz a distinção entre honrados e ilustres. Que uns e outros lhe agradeçam.

A opinião de Camões

o recado que trazem é de amigos, / Mas debaixo o veneno vem coberto, / Que os pensamentos eram de inimigos, / Segundo foi o engano descoberto. / Oh! Grandes e gravíssimas perigos, / Oh! Caminho de vida nunca certo, / Que aonde a gente põe sua esperança / Tenha a vida tão pouca segurança!

OS LUSÍADAS

Canto 1, Est. 105



NABAIS DA CUNHA

A CHACINA VENATÓRIA

Duas são, principalmente, as causas que mais poderosamente vêm contribuindo, de há anos a esta parte, para o declínio da riqueza venatória nacional, o aumento, sempre constante, de praticantes deste salutar desporto (de 68.796 em 1938, cerca de 140.000 em 1971), sem que, lamentavelmente, tenha havido as necessárias medidas proteccionistas que se impõem tomar no sentido de evitar, poupando o que não abunda, o desgaste de tão importante riqueza nacional, por um lado; permitir-se o monopólio descarado deste bem comum dos portugueses, a troco do pagamento ao Estado duma irrisória taxa que de maneira alguma indemniza a Nação do valor monopolizado, em vastas regiões de parte importante do centro, como a parte oriental da Beira Baixa — só no concelho de Idanha-a-Nova existem 28 coutos — a Estremadura, o Ribatejo, que está quase todo transformado num couto e todo o Alentejo. É que melhoria geral tem resultado para esta riqueza valiosa, nacional, que não particular, da instituição açambarcadora, por parte de umas centenas de pessoas apenas, muitos dos quais não carecem de ter terras pois têm dinheiro para compra do direito de caçar ali, da caça, privilégio feudal impróprio dos tempos correntes que origina que aos terrenos livres afua a quase totalidade dos praticantes do desporto venatório provocando desta forma, inevitavelmente, concentrações maciças que levam ao desgaste prematuro das espécies?

Ora os coutos, tal como entre nós estão instituídos, são pura reminiscência medieval, o mesmo sucedendo noutras partes do Mundo. Se a caça é, como não podem restar dúvidas a quem quer que seja, uma riqueza nacional, do país portanto, parece-nos que não pode nem deve poder ser alienada nem objecto de monopólio desde que desse açambarcamento resultem, como resultam, prejuízos para aqueles que ao Estado pagam as licenças para usufruírem de uma parcela de um bem comum de todos os portugueses.

Que assim deve ser considerado, mas infelizmente não é, depreende-se facilmente da leitura dos considerandos do decreto-lei n.º 231/71, de 28 de Maio de 1971, como aliás de outros mais diplomas legais anteriores a este, como, por exemplo, o regulamento da caça vigente, de 14 de Agosto de 1967, que no seu artigo 111 define clara e inofensivamente que a função dos coutos e coutadas é para protecção e fomento das espécies cinegéticas.

De que protecção e de que fomento têm as espécies beneficiado com o enxameamento do país de coutos e de aramados? Estes são uma nova modalidade esbulhadora da caça aos pobres de que se está a abusar desmesuradamente, privando-os do direito de usufruírem um bem comum da população portuguesa. Afirma-se no primeiro dos diplomas acima citados, «que quando da elaboração da proposta de lei sobre a caça, procurou o Governo imprimir a esta actividade um cunho acentuadamente social, considerando este aspecto no seu sentido lato de facultar o mais amplo benefício dos seus reflexos económicos e sociais». Parece, pois, desnecessário apontar mais argumentos para provarmos, irrefutavelmente, cremos, que a caça é, de há séculos, riqueza da Nação, do Estado, e, portanto, de todos os portugueses sem distinção como bem comum que é.

Há muitos outros casos que dão a prova de que os coutos constituem a maneira mais directa de uma minoria espoliar a maioria um bem que também lhe pertence. Os coutos como os aramados são instituições medievais, verdadeiramente anacrónicas portanto, que obstam, como na Idade Média, ao usufruto dum bem nacional com um «cunho acentuadamente social, considerando este aspecto no seu sentido

lato de facultar o mais amplo benefício dos seus reflexos económicos e sociais». Reservas destinadas, exclusivamente, à conservação e fomento das espécies, repovoamentos a promover através de reservas fixas e móveis, limitação, em todos os terrenos sem qualquer excepção, dos dias de caça e até, se necessário se julgar conveniente para defesa da riqueza venatória, de horas e peças de caça a abater por caçador. Havia de ser bonito, dirão algumas pessoas habituadas a perpetrar massacres de animais. Realmente, se a educação cívica que escasseia for substituída por uma rede de fiscalização suficientemente eficaz, parece-nos que é possível fazer cumprir a lei.

Publica-se, a seguir, um singelo quadro contendo números respeitantes a animais da fauna indígena, por espécies, entrados oficialmente no consumo de Lisboa. Da sua consulta só pode resultar a confirmação das considerações acima expostas. Os coutos, as coutadas e os aramados não contribuem para proteger a riqueza cinegética nacional. Verifiquem-se os valores referentes à época venatória 1951-52, quando os coutos eram em número bastante menor do que são actualmente e o número de praticantes do acto cinegético era igualmente bastante inferior e comparem-se com os das épocas seguintes ali apontadas. As diferenças encontradas entre 69-70 e 71-72 bem podem atribuir-se a um aumento de chacinas de animais praticadas em coutos industriais que desempenham magistralmente o papel de açougueiros-venatórios.

Éis o quadro das espécies indígenas (das três principais).

Épocas Venatórias	Lebres	Coelhos	Perdizes
1951-52	13 001	56 842	69 409
1954-55	7 035	34 778	35 416
1957-58	6 576	38 529	48 944
1960-61	5 410	11 780	39 222
1963-64	3 014	8 477	25 610
1966-67	5 308	17 735	41 330
1969-70	649	1 823	5 888
1971-72	2 530	13 096	10 979

No tocante ao afluxo da caça de arribação à capital, também a sua descida se tem acentuado grandemente de ano para ano.

Repare-se no pombo bravo, época venatória 1959-60, 15.869; 64-65, 6.607; 69-70, 1.818; 70-71, 2.215; e 71-72, 1.754. Haverá quem seja de opinião que deve continuar a permitir-se a caça indiscriminadamente desta espécie, como a da rola pois a ave escasseia assustadoramente cada vez mais, já que o pombo, que há duas dezenas de anos somente era em densidade altamente aliciente, submetido a matança verdadeiramente vandálica em certas regiões estrangeiras, como nas gargantas alpinas, onde morrem anualmente cerca de 30 mil destas aves caçadas na sua quase totalidade à rede quando no regresso da Europa à sua terra?

Uma outra espécie migratória, mas que aqui se aclimatou às centenas de milhares que nos últimos anos tem afluído com relativa abundância ao mercado lisboeta é a codorniz, época 65-66, 955; 66-67, 1.655; 67-68, 735; 68-69, 529; 69-70, 18.425; 70-71, 23.136 e 71-72, 32.297.

Este aumento de codornizes, porém, deve-se exclusivamente aos aviários que não aos coutos como possa supor-se.

Além das quantidades de espécies já mencionadas temos ainda algumas dezenas de galinhas, patos, tordos, narcejas, faisões, cuja caça é interdita fora dos coutos e até dois veados caçados em coutos ou tapadas.

DL/GERAL

Cavalos na cabeça traz o filho de Roosevelt

Pausado, voz lenta, com o sorriso que se diz ter dado as vitórias a seu pai, Elliot Roosevelt chegou hoje à Portela depois do voo VIP que o trouxe dos Estados Unidos.

Comprar cavalos pelo mundo, fazê-los de novo em Portugal, vendê-los para espectáculos nos Estados Unidos é o negócio que o financeiro americano espera ter lançado no fim-de-semana. Com a quinta comprada, Junho o trará outra vez aos campos do sul, mas para ficar. «Venho viver para o centro das minhas actividades, que abran-

gem o mundo todo», disse Roosevelt, que possui também interesses nas sociedades de investimentos, na TV, na Rádio e na publicidade do seu país.

Herdeiro de um nome que os adversários da direita ligavam a tendências esquerdistas, Elliot Roosevelt, com sessenta anos, tem um passado de guerreiro e industrial. Piloto de guerra em todas as frentes da Segunda Guerra Mundial, o termo do conflito levou-o, brigadeiro, a elevadas responsabilidades no Pentágono e depois na grande finança americana.

«Estou ligeiramente velho para voltar à guerra. Mas iria se me chamassem», declarou quando se pôs a questão do Vietname. E quer Nixon outra vez na presidência dos Estados Unidos.

O presidente do «Roosevelt Fund» viajava com a esposa, que se desloca em cadeirão de rodas como o antigo presidente americano, e tinha à sua espera na Portela um representante da Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

«Venho viver para Portugal, aqui perto de Miami», sorriu o capitalista, com o seu quartel-general de dinheiro e cavalos na cabeça.



Preparando se para o leilão, possíveis compradores examinam as peças artísticas.

VAI A LEILÃO espólio de Maria Portugal

O valioso recheio da casa que pertenceu à ceramista Maria de Portugal, discípula do notável artista Leopoldo Battistini e até pouco antes da sua morte — ocorrida há pouco mais de um ano — directora da Fábrica Constância «Faiança Battistini», vai ser posto em praça esta noite por iniciativa do Estado, único herdeiro na ausência de familiares da artista.

Ontem à tarde, a agência encarregada do leilão facultou ao público a entrada na residência, no prédio 165 da Avenida António Augusto de Aguiar, onde o valioso espólio ainda se encontra, embora já não na totalidade. Efectivamente, o Estado destinou ao Palácio da Ajuda algumas das peças de mobiliário de maior interesse e entregou à Fundação da Casa de Bragança um jarrão Battistini que ostenta o retrato do rei D. Carlos. Por outro lado, e por vontade expressa de Maria de Portugal, foram entregues às escolas António Arroio e Marquês de Pombal cerca de 2400 volumes,

peças de faiança e guaches.

Não deixa de ser valioso, todavia, o espólio que vai ser leilado esta noite e também amanhã: peças únicas assinadas pela artista, muitas delas ostentando poemas seus e trechos literários de seu marido, o escritor Joa-

quim Leitão, peças várias de mobiliário, que vão desde cadeiras do convento de Mafra do período anterior ao terramoto de 1755 até uma credência francesa e uma cómoda D. José, a peça mais cara e cujo preço se espera que atinja os 30 contos.

Três mulheres presas por furto

A PSP deteve agora para averiguações, três mulheres, acusando-as de, em jeito de quadrilha, operarem nos estabelecimentos de Lisboa, através do processo dos «sovaqueiros». São elas, a sr.^a Zulmira Maria de Jesus Delfim de Sousa, de 17 anos, casada, doméstica, residente na Vila Sousa, 22, à Rua Conde de Nova Goa; Alice Pessoa da Silva, de 41 anos, casada, doméstica, moradora no Casal do Sola, 138, à Rua de Campolide; e Anabela de Jesus Delfim, de 19 anos, solteira, doméstica,

moradora na mesma morada da primeira, de quem é parente.

Segundo a Polícia, as três mulheres costumavam visitar estabelecimentos de roupas de Lisboa, furtando peças de vestuário. Na realidade e após a sua detenção, foram-lhes apreendidas várias peças de roupa de adulto e de criança, completamente novas, que se suspeita façam parte do produto dos roubos até agora praticados.

Enviadas ao Governo Civil, vão dali transitar para a Polícia Judiciária, onde lhes será movido o respectivo processo.

TRISTANA amor perverso

«São — e o grande cinema é isso — imagens que nunca esquecem e que até se desdobram, dentro de nós, noutras dilacerantes imagens...»

Urbano Tavares Rodrigues (em «O Século»)

«Tristana» é um obrigatório ponto de encontro.

Tito Livio (em «Diário Popular»)

«Rememoro «Tristana», essa obra-prima (...) do grande mestre espanhol».

José Cardoso Pires (em «Diário de Lisboa»)



«Tristana» é soberbo! É um filme que fascinará mesmo aqueles que entrem no mundo de Buñuel pela primeira vez».

Vincent Canby (in «New York Times»)

«Catherine Deneuve responde maravilhosamente ao seu realizador transformando-se da suave, submissa e virginal criança numa áspera e frágil mulher».

Kathleen Carroll (in «Daily News»)

«Um universo completamente Buñueliano — e que talento! Uma notável variedade de ideias e sensações».

Alex Keneas (in «Newsweek»)

FILMES CASTELLO LOPES



apresenta

6.ª SEMANA LONDRES
GRUPO D-18 ANOS
COLORIDO
às 14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45

S. JOÃO DE BRITO

Com um espectáculo de teatro inicia-se esta noite a tradicional festa de confraternização dos antigos e actuais alunos do Colégio de S. João de Brito, do Lumiar.

A festa, cuja receita se destina a dar bolsas de estudo aos alunos mais necessitados, prolonga-se até ao próximo domingo.

JOSÉ ANTÓNIO DA SILVA PARREIRA

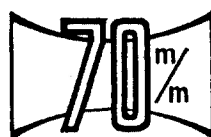
Faleceu o sr. José António da Silva Parreira, de 36 anos, natural de Pêra (Silves), assistente da Siderurgia Nacional, casado com a sr.^a D. Maria Eduarda Cabrita Costa Parreira e pai do menino Eduardo José Costa Parreira. O funeral a cargo da Agência Salgado de Almeida realiza-se amanhã dia 20 pelas 11 horas, da Igreja de Almeida para o cemitério local.

JULIE CHRISTIE

«Doutor Jivago»...
«O Mensageiro»...

enchendo o écran
com a sua força
e a sua paixão!

GRUPO B-10 anos



PANAVISION
METROCOLOR

LONGE DA MULTIDÃO

(Far from the Madding Crowd)

Argumento de FREDERIC RAPHAEL Baseado na novela de THOMAS HARDY Realização de JOHN SCHLESINGER

2.ª semana

NO IMPACTO ESPLENDOROSO DOS 70 m/m



A história ardente
de uma mulher
apaixonada...
e dos três homens
que a amaram!

ALAN BATES
PETER FINCH
TERENCE STAMP

DL/ESPECIAL CULOS

TV/FOLCLORE

TEATRO, TEATRO «NÃO ME EMBALES QUE ME ENJOAS»

A poluição. A poluição pode ter vários nomes. Pode chamar-se Teatro, por exemplo. E dentro do teatro pode chamar-se «Fuga». Iriarte, o de ontem, é mais do que um dramaturgo. É um poluente. Ou usam-no como tal.

«Fuga», o eterno feminino, o eterno masculino da burguesia malcheirosa. Os homens e as mulheres fechados em si mesmos, sepultados nas cisternas da passividade, da inutilidade. Apanhados na rede dos seus compromissos, retiram daí algum motivo para drama barato (Renato e Dulce) para sorriso amarelo (Cortez e Manuela) para coisa nenhuma (Caeiro e Alina). Títeres que se comprazem na sua destruição. Nenhum espírito de denúncia das deformações da mentalidade e da vida em comum. Estamos perante três casos de negação da mulher na sua missão de civilizar o homem. Não para denunciar, mas para glorificar. Parece haver um assomo de revolta, ainda assim representada de forma passiva através da fuga — e ainda assim gorada. Os homens regressam. Os homens reconsideram. Afinal, que diabo, que seriam eles sem elas? E como reconsideram? Raivosos, com um ranger de dentes? Submissos, mas de punhos fechados? Nada disso. As moscas regressam felizes à teia de aranha.

Ninguém desejaria para esta peça uma solução cor-de-rosa. As relações desumanizadas numa sociedade assente em bases ferozes, geram pessoas humanamente pobres, perdida toda a consciência da exigência de si próprias. Acaba por não haver pessoas, há só coisas que mutuamente se usam. Numa sociedade como esta, as pessoas estão destruídas. Desmontar o mecanismo dessas relações eis o que importaria à arte e aos espectadores. Mas aproveitar-se desse mecanismo como material de passatempo, erigi-lo em

fábula, em sinais significativos de uma condição (quando não passa de uma forma específica de relação) como se depreende da encenação de Henrique Santos, eis o que não pode aceitar-se. Precisamente aí começa a poluição.

Que não é, acreditem, menos grave do que a outra.

ENFIM, AMIGOS, LÁ SE VAI POLUINDO TUDO...

O deputado Correia da Cunha vem dizer-nos cobras e lagartos dos malefícios da poluição, essa bomba atómica de acção retardada. No fundo, nada nos disse que já não tivesse sido dito e redito, mas isso é o que menos interessa, pois isto de a seara chegar a pão, sabe Deus as voltas que leva.

Mais útil, porque mais dirigido ao imediato lusitano, poderia ter sido a entrevista com o comandante José de Ataíde. Poderia, Poderia se o comandante falasse com o coração nas mãos. Se dissesse tudo quanto sabe. Se não fizesse uma incómoda ginástica de medidas. Quase chegou a não justificar-se a sua presença ali. Mais, quase não chegou a justificar-se a existência da emissão. Pois não se foi ao excesso de se afirmar, pela boca de Luís Filipe Costa, de que há uma consciência pública sobre os perigos da poluição?

É evidente que não existe. É evidente que se existisse, emissões como esta não se justificavam. Pelo contrário, há que intensificar estas emissões mas não no espírito da conversa de café, do trinta-e-um de boca. É preciso denunciar a situação, o perigo, os responsáveis. Há, sobretudo que apresentar exemplos concretos.

O facto de algumas pessoas inquiridas por Luís Filipe Costa, conhecerem as condições anti-higiénicas das nossas praias da linha do Estoril, não



Por MARIO CASTRIM

reflete a existência de uma consciência do perigo em tantos e tantos aspectos. O entrevistado devia dizer-nos concretamente, pelos seus próprios nomes, os rios poluídos, as regiões de pastagens poluídas, e o que isso já representa ou poderá representar para nós ao nível da saúde pública. Devia dizer-nos a extensão de poluição nas praias da Linha, sendo no entanto certo que aí se esforçou por tocar a campainha de alarme no caso de a Câmara Municipal de Lisboa não resolver a sério o problema do tratamento de esgotos. Justificava-se agora, na Televisão portuguesa, uma entrevista com os responsáveis da Câmara que, conforme nos foi dito, já começaram a tratar do as-

sunto. Começaram? Bem. Mas quando acabam?

Poluição no nosso país, tema de importância essencial que, mais tarde ou mais cedo, teremos de pôr na ordem do dia. A sociedade portuguesa está inçada de problemas, qual deles o mais grave. Nenhum pode ser resolvido em separado, aí é que está, não é possível combater a poluição e deixar todos os outros a passear no recreio. Impensável um país asséptico com tantas doenças por tratar. Certo. No entanto, quando voltarmos a tratar de poluição em Portugal, não se esqueçam, sem paninhos quentes. Sem inquéritos colegiais e ridículos. E sem delicadeza.

EM ZAGREB



O Grupo Coral e Etnográfico «Os Trabalhadores», de Ferreira do Alentejo que gravou para a Tecla uma série de composições do folclore alentejano que serão reunidas num LP a lançar brevemente no mercado, foi convidado a participar num Festival Mundial que se vai realizar este ano em Zagreb, Jugoslávia. O convite veio encher de alvoroço a vila alentejana, onde toda a gente parece preocupada em representar condignamente o país naquele certame.

”PREVENIR”



antes
de
partir...

NÃO ESQUEÇA:

- * Avise da sua partida os fornecedores habituais.
- * Deixe à pessoa de confiança um itinerário da sua viagem e um jogo de chaves.
- * Tome providências para que alguém se ocupe do seu jardim.
- * Entregue em boas mãos os seus animais domésticos.
- * Verifique os seus documentos e bilhetes de viagem.
- * Mande arranjar.....
- * Mande limpar.....
- * Pague as contas cujo prazo expire durante a sua ausência.
- * Desligue o frigorífico e deixe-o aberto (só o congelador deve ficar fechado).
- * Feche cuidadosamente as torneiras da água e do gaz.
- * Faça uma lista das pessoas a quem quer escrever.

E SOBRETUDO...

- * Confie-nos os seus objectos de valor.
- * Adquira os cheques de viagem de que necessita.
- * Leve a nossa carteira do viajante.
- * Peça-nos todas as informações acerca da moeda dos países que tenciona visitar e viaje mais tranquilo.

PEQUENOS CONCERTOS

Olga Pratts

Piano

Manuel

João Afonso

Violino

Ivo Cruz

Croner

de Vasconcelos

Lopes Graça

Beethoven

DOMINGO

21 DE MAIO

AS 18 HORAS

GRUPO A — M/6 ANOS

BILHETES DESDE 10\$00

TEATRO MUNICIPAL DE
SÃO LUIZ

TEATRO MUNICIPAL DE
SÃO LUIZ

TEATRO INFANTIL

A METRUL APRESENTA

TEATRO
DO ARCO DA VELHA

A GATA BORRALHEIRA

NOVA VERSÃO

EM 2 ACTOS DE

MARIA CLARA

MACHADO

COM MÚSICA DE

CARLOS LYRA

SÁBADO

20 DE MAIO

AS 15.30 H.

(MAIORES DE 4 ANOS)

BILHETES DESDE 10\$00

CRIANÇAS

ATÉ 10 ANOS

50% DE DESCONTO



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

DL/ESPECTÁCULOS

CINEMA/TEATRO/MÚSICA

"AULULARIA" EM ESTREIA HOJE



O Grupo Cénico da C.N.N. estreia hoje, no teatro de bolso do Grupo Cultural e Desportivo dessa empresa, a peça «Aulularia», de Plauto, numa encenação moderna de Rui de Matos. Intervêm na peça como actores, Raul Cardona, Helena Heitor, Victor Sérgio, Zita Esteves, João Pinhal, Leonor Bernardo, José Carvalho, Elia Maria e Vasco Fraga. O espectáculo tem sonoplastia de Jorge Santos, luminotecnica de José Mendes e os cenários e figurinos são de Jorge Rocha. Tudo nomes que não dizem nada aos nossos leitores, o que não admira, trata-se de amadores, e os amadores não têm nome — têm, apenas, um grande amor ao Teatro. Nos apontamentos musicais está António Oliveira e a colaboração literária é de Fausto Correia Leite. O espectáculo repete-se à, nos próximos tempos, todas as sextas e sábados.

50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES (Subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian)

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
a mais moderna e confortável de Lisboa
DE TERÇA A SÁBADO
às 21 h. e às 23 h.
DOMINGO ÀS 16 H.
E ÀS 21.45 HORAS
Segundas-feiras
descanso da companhia
Raul Solnado
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEIRO
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de "Dorina"
DIVERTÍDISSIMO !!!
M/18 anos

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Emílio Maria Gonçalves-Arez — GAVIÃO

LAURO ANTÔNIO VÊ OS FILMES

Uma viagem sem talento

TÍTULO: VIAGEM ENTRE MULHERES (La Modification)
REALIZAÇÃO: Michel Worms, 1970 (França)
INTÉRPRETES: Maurice Ronet, Emmanuelle Riva, Sylva Koscina, Louis Malle, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Castelo Lopes
ESTREIA: Cinema Alvalade (12-5-72)

Baseado num romance de Michel Butor, Michel Worms estreia-se no filme de fundo com **La Modification** (Viagem Entre Mulheres). Não se poderá dizer que tal estreia se processe num nível verdadeiramente auspicioso. Muito antes pelo contrário. Senão vejamos objectivamente quais as ambições deste filme e por que forma (ou formas) as pretendeu atingir. O romance de Michel Butor (um dos chefes de fila do **nouveau roman**) tinha como finalidade primeira a ruptura num plano narrativo. Afastando-se de uma tradição clássica do romance, Butor fragmenta recordações, anseios, lembranças, visões de um protagonista, ao longo de uma viagem de Paris para Roma, durante a qual põe em causa toda a sua vida afectiva (e através dela todo o esquema do seu comportamento). Entre a mulher e a amante, Leon Delmont oscila; entre a estabilidade e a aventura, entre os deveres contrários e a paixão. Tudo isto, ao longo de uma viagem de comboio. Entre Paris e Roma. A base do romance era, portanto, pouco mais do que um suporte para um certo tipo de experiências ao nível da narrativa.

O que faz Worms, adaptando o romance ao cinema? Põe a tentar ilustrar, e mediocrementemente, esta estrutura. O que em romance teve a sua época, em cinema surge perfeitamente anacrónico. A técnica é rudimentar, o processo obsoleto: o senhor entra no comboio, senta-se, olha a janela, **flash**

back com a mulher, de novo o comboio, paisagem, **flash forwards** com a amante, de novo o comboio, com o senhor e os monumentos turísticos da região, novamente um **flash back** e a seguir até ao fim, tudo isto sem o menor vestígio de invenção, sem qualquer talento, servindo-se de actores que ra-

ramente trabalham tão mal (caso de Maurice Ronet ou Sylva Koscina) e de outros que mesmo ali não conseguem trabalhar mal, mas que são nitidamente desservidos pela inoperância e a banalidade de um realizador sem ideias. Sem ideias de qualquer tipo. Usando e abusando dos mais estafa-

TÍTULO: LOLITA (Lolita)
REALIZAÇÃO: Stanley Kubrick, 1961 (EUA-Inglaterra)
INTÉRPRETES: James Mason, Shelley Winters, Peter Sellers, Sue Lyon, Marianne Stone, Diana Decker, etc
DISTRIBUIÇÃO: Columbia Filmes
ESTREIA: Cinema Império (11-5-72)

Baseado num romance de Vladimir Nabokov, que foi **best-seller** durante alguns anos e justificou as mais desenfreadas repercussões, **Lolita**, de Stanley Kubrick, chega até nós com cerca de onze anos de atraso. Realizado em 1961, **Lolita** dividiu os críticos, a quando da sua estreia, tendo muitos deles acusado Kubrick de atrair o interesse primordial do romance, transformando o relato subjectivo de um protagonista (Humbert Humbert) numa ficção objectiva que reparte o seu interesse por várias figuras, ainda que dispostas em redor de H. H.

Se é verdade que Kubrick, ao adaptar a obra literária ao cinema, assim teve que proceder, não é menos verdade que a sua leitura de **Lolita** justifica inteiramente os maiores encontros, tratando-se, obviamente, de uma das mais importantes realizações cinematográficas de todo o cinema americano, durante a década de 60.

História de um amor louco, demoníaco e perverso. **Lolita** surge no cinema quase em simultâneo com **Lilith**, de Ros-

sen. Em ambos os filmes a psicanálise adquire uma importância decisiva e julgamos, pela reacção de certos sectores da crítica, que esta não foi particularmente tocada por alguns aspectos das suas obras, aspectos esses que, hoje em dia, mais de dez anos passados, assumem um significado fascinante e extremamente significativo. Mas o filme de Kubrick não oferece unicamente esta via de aproximação. Porque, inteligentemente (outra coisa não seria de esperar de um autor que nos dera **Um Roubo no Hipódromo**, 1956, **Horizontes de Glória**, 1957, **Spartacus**, 1960 e nos reservaria, para depois, **Dr. Strangelove**, 1963, **2001: Odisseia no Espaço** ou **Clockwork Orange**, 1971), Kubrick não deixou nunca que os seus personagens se desligassem de uma realidade humana e social que lhes condicionava os desejos. É assim que, por detrás de Humbert Humbert, de Lolita, de Quitty e de Charlotte Haze, nos aparece toda uma sociedade americana, a cuja crítica Kubrick não quis esquivar-se. Uma pequena cidade da província, uma burguesia que se afirma «liberal» e se comporta num esquema de valores do mais inequívoco reacçãoarismo, tudo isto surge em **Lolita** — filme de forma bem esboçada, com anotações de vigorosa observação crítica, ainda que expressas a um nível de virulento e cruel humor. Sobretudo o tratamento dado à

figura de Charlotte (mãe de Lolita, viúva, cercada de preconceitos numa comunidade de pequenos burgueses, sentindo dentro de si uma avidez que não consegue aplacar) é notável de sobriedade e rigor, oscilando entre uma tentativa de compreensão e a denúncia de uma mentalidade. Causa e consequência de uma moral estabelecida, causa e consequência de condições sociais bem determinadas...

Será neste ambiente onde a transgressão é invariavelmente reprimida (ou só aceita quando mascarada, disfarçada) que um professor universitário se deixará subjugar pelo desejo incontrolável de Lolita, uma **nymphette** a que Sue Lyon empresta um contorno físico talvez excessivo em relação aos treze anos requeridos pelo romance de Nabokov. Este desejo intenso, este amor enlouquecido irá não só conduzir à solidão e à mais negra decrepitude moral o professor H. H., como servirá também de rastilho a um certo tipo de reacções que definem um estatuto moral e social vigente na América nos anos 50 (época durante a qual decorre a acção do livro e do filme). Acção de **Lolita**, ela será um misto de perversidade e inocência, uma explosiva combinação de inconsciência e sensualidade. Sobre este aspecto contraditório de **Lolita** irá exercer-se o fascínio de Humbert Humbert, um homem de cinquenta anos que

NOTÍCIAS DE "ROBERTA"



Numa atitude invulgar, Romeu Correia confiou a Graciano Simões o exclusivo para todo o País da encenação da sua última peça, «Roberta». Esse exclusivo foi comunicado por aquele dramaturgo à Sociedade Portuguesa de Autores. Este gesto de Romeu Correia para com um encenador amador está inteiramente justificado pela qualidade dos trabalhos de Graciano Simões, em especial com a peça de Redol, «A Forja». A estreia de «Roberta», pelo Teatro Ensaio do Barreiro, está marcada para o próximo dia 24 na Sede do «Club 22 de Novembro», no Barreiro. Da ficha artística, constam os seguintes nomes: Manuel Costa, Raquel Maria, Luís Avelino, Maria Rosa, Américo Condeço, Lisete Costa, Maria Rosa, Eugénio Silva, Joaquim Pessoa, Zélia, Joaquim Cardoso, Francisco Fialho.

CARLOS PORTO

AVULSAS

Prosseguem os «Pequenos Concertos» do São Luís. No próximo domingo, com um programa em que não faltarão, como já é tradicional, autores portugueses, serão concertistas a pianista Olga Pratz e o violinista Manuel José Afonso. Serão interpretadas obras de Ivo Cruz, Croner de Vasconcelos e Lopes Graça, na primeira parte e de Beethoven na segunda.

canções e um recitativo, dedicado à Mãe.

«O Segredo que eu te disse», na voz de Maria Valejo, está a ser um êxito popular, segundo informações recebidas da editora com a qual a artista tem contrato.

Tonicha, que se prepara para uma digressão pelo Canadá, não irá só. Acompanhá-la-ão alguns conhecidos intérpretes e músicos da nossa praça cujos nomes, oportunamente, serão divulgados.

Na próxima sexta-feira, dia 26, encenado por Joaquim Carvalho e tendo, ainda, a garantia das concepções de cenografia de Espiga Pinto, o responsável pelos cenários de «Ivone, Princesa de Borgonha», estreia-se o «Auto do Curandeiro», no Ateneu da Madre de Deus.

O Coro da Escola Infantil da Imaculada Conceição, de Évora, gravou um disco, com três

«Les Années Folles 1920-1929» é o último filme da série que o Instituto Francês do Porto está a promover. Realizado por Mireia Alexandresco, o filme será exibido no dia 7 do próximo mês de Junho, com entradas livres, embora interditas a menores de 17 anos.

dos lugares-comuns sentimentais, narrativos (como é possível, depois de Resnais, fazer este filme?) ou turísticos. Uma triste viagem entre mu-

lheres. Um triste caminho do cinema francês. Um cinema francês que, por estas e outras se vê cada vez mais acusado de conformismo e inépcia.

POR AMOR DE LOLITA

recorre ao **diário** como confidante para as suas inconfessáveis paixões, até ao dia em que consegue finalmente possuir (ou deixar-se possuir) pela sofreguidão de um corpo adolescente. Em paralelo com o seu amor, em simultâneo com o desejo, H. H. deixará crescer o ciúme. Implacável e possessivo, Humbert Humbert fugirá com Lolita, de cidade em cidade, até atingir o paroxismo, até ao dia em que Lolita se libera da sua influência, até ao dia em que ela fugirá do quarto de um hospital com Quitty, um novo conquistador.

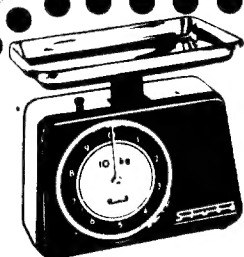
Kubrick iniciou o seu filme por uma sequência de ressonâncias fantásticas, durante a qual H. H. procura Quitty e o assassina. Este encontro de dois fantasmas, em profunda decadência, irá definir o desenrolar do filme, marcado também por meia dúzia de portentosos actores (entre eles, James Mason, Peter Sellers, Sue Lyon, Shelley Winters...) e pela fotografia, baça e deliberadamente cinzenta, de um mestre da câmara (Oswald Morris).

Visto dez anos depois de estrado internacionalmente, **Lolita** mantém o nome de Kubrick entre os mais importantes cineastas do cinema moderno. Uma obra ímpar, repassada por uma respiração erótica de um rigor inextinguível. Uma visão ressonante da burguesia americana e da mediocridade de um doloroso quotidiano.

O Pão de Açúcar está em festa!

inauguramos a loja no Porto

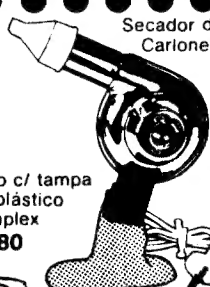
...e as ofertas
das lojas de Lisboa
e do Porto
são sensacionais!



Balança de cozinha
179\$30



Jarro c/ tampa
em plástico
Domplex
11\$80



Secador de cabelo
Carloneri 172\$50



Cera Juvenália
Sort. 250 g. 7\$50



Laca
Rosa-Net
18 oz.
3 fixações
40\$70



Máquina de Barbear
Techmatic 57\$60



Açúcar
Granulado
Pac. 1 kg.
7\$50



Nescafé
c/ cafeína
48 g.
13\$30



Vermouth
Martini
Tinto
27\$20



Whisky
Johnnie Walker
149\$00



Sumos Frutas
Compal - Latas 200 g.
Laranja/Pêssego/Pera
Uva/Alperche/Marmelo
Maça/Cenoura
Ameixa/Ananás
Tomate 3\$80



Margarina
Rica
Pac. 250 g.
3\$70



Café Sical
Lote 5
estrelas
Moido/Grão
Pac. 125 g.
5\$30



Arroz Gigante
Nacional Branco
6\$90



Farinha
Maizena 700 g.
10\$40



Queijo Montano
Tipo Flamengo
Emb. 250 g.
12\$00



Limpa-vidros
Marga Vetro
8\$50



Collant
Cindy
17\$70

ofertas válidas de 19 a 28 de Maio

- Conj. Limpeza (Balde e Escova) 58\$90
- Belo Grelhador A. S. 21\$80
- Descascador de Batatas Eva 289\$20
- Manteiguera Inglesa 715/69 60\$50
- Espanador p/ Cortinados N.º 7 11\$70
- Pasta Dentífrica Pepsodent - Tm. Familiar 15\$80
- Desodorizante Rexina Aerosol Gigante 40\$70
- Shampoo Sunsilk Gigante - 6 Aromas 21\$90
- Lâminas Gillette Platina - Pac. c/ 6 lâminas + 2 Grátis 12\$30
- Crema de Barbear Gillette Médio 9\$90
- Água Velva - Ice Blue - Grande 29\$30
- Escova de Dentes Binaca - 3 tipos 15\$80
- Pink-Lotion 21\$80
- Talco Johnson Cilindro Grande 17\$70
- Fritadeira Eléctrica Nova/16 740\$00
- Ferro Eléctrico GE-32 Pesado 202\$50
- Sabonete Cadum - Banho 6\$20
- Vinho Maduro G. M. Tinto/Branco/Rosé - Garrafa 1 litro 6\$70
- Vinho Verde G. M. Bar Botijo 1 litro - Branco 9\$80
- Mostarda Savora 100 g 11\$50
- Mostarda Savora 200 g 19\$50
- Mostarda Savora c/ Limão 100 g 11\$50
- Korplex Aerosol c/ Esponja 37\$20
- Bolacha Maria Riviera - Pac. 200 g 3\$30
- Bolacha Torrada Riviera - Pac. 200 g 2\$50
- Bolacha Água e Sal Riviera - Pac. 200 g 3\$10
- Gin Bostford 32\$50
- Drops Portugal (s/ Recheio) - Aliança 6\$90
- Drops Beijos de Noiva (s/ Recheio) - Aliança 6\$90
- Drops Kiss (c/ Recheio) - Aliança 7\$40
- Drops Mascariha (c/ Recheio) - Aliança 7\$40
- Cacau Instantâneo Zaine 250 g 6\$70
- Tofina Fs. 50 g 5\$90
- Tofina Fs. 90 g 10\$20
- Tofina Fs. 200 g 21\$40
- Arroz Agulha Sempa Ex. Esp. Ouro 15\$60
- Caldo de Galinha Familiar Maggi - 4 litros 4\$90
- Nesquik 450 g 20\$70
- Nescafé c/ Cafeína 90 g 22\$90
- Nescafé c/ Cafeína 200 g 48\$10

- Vita Laranja C 5\$50
- Refresco Dawa Saco Duplo 2\$00
- Café Sical Lote 5 Estrelas Moido/Grão - Pac. 250 g 10\$50
- Café Sical Lote 5 Estrelas Moido/Grão - Pac. 500 g 21\$20
- Sopas Compal - Fava/Legumes/Cenoura/Ervilhas 7\$10
- Sopas Compal - Espargos/Cogumelos 9\$60
- Lata Folha Litografada - Sort. «Rico Nacional» 600 g 23\$50
- Massinha Sort. Nacional - Pac. Celofane 250 g 2\$60
- Arroz Gigante Nacional Glaceado 6\$90
- Purê de Batata Knorr 6\$20
- Cera Juvenália Alfazema 250 g 8\$00
- Pomada Rosete p/ Calçado 4\$00
- Frangos c/ Miúdos 24\$00
- Cera Líquida Galo Lata 1/2 l. Alfazema/Limão 13\$80
- Atum Posta Toneca em Azeite/Tomate/Picante Lata 1/4 Club 30 m/m 6\$90
- Salada de Atum Toneca 6\$90
- Bagaceira Montaria c/ Cálice Oferta 38\$30
- Brandy Montaria Old Fine c/ Cálice Oferta 36\$30
- Óleo Pima 17\$40
- Margarina Vaqueiro Conj. de 2 Pac. de 250 g 7\$80
- Margarina Planta - Pac. de 250 g 6\$20

Ofertas válidas nas lojas de Av. de Ceuta, Av. Est. Unidos da América (Lisboa) e Av. Boavista (Porto)

- Camiseta de Senhora - Ref. Popover 91\$80
- Pano p/ Chão 5\$00
- Camisa p/ Homem Oxford 86\$20
- Babete/Bibe p/ Criança 23\$50
- Peúga Canelada em Algodão p/ Homem 12\$90
- Toalha p/ Praia - Ref. Urraca 38\$10
- Macaco Turco p/ Bebê - Tms. 2 e 3 40\$00
- Macaco Turco p/ Bebê - Tms. 4 e 5 52\$30
- Cueca Cibelle 7\$10
- Pasta Album c/ 3 Cassetes C-60 e 3 Cassetes C-90 246\$00
- Canetas Tinta Permanente Lamy - Ref. 46 72\$50
- Canetas Tinta Permanente Lamy - Ref. 56 75\$00
- Canetas Tinta Permanente Lamy - Ref. 57 97\$50
- Conj. Kodak Instamatic 233-X 517\$00
- Conj. Kodak Instamatic 133-X 357\$00
- Cana de Pesca 69\$00
- Camareiro Walding 138\$00

Economize com
segurança e conforto no

Av. Estados Unidos da América - Av. 5 de Outubro - Av. de Ceuta (Alcântara) - Estrada de Benfica/Amadora
Rua Conde de Sabugosa (à Av. de Roma) - R. José Ricardo (ao Chile) - Av. da Boavista (Porto)

Pão de Açúcar

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990\$00
Frigoríficos	1.900\$00
Trituradores	260\$00
Secadores de cabelo	140\$00
Cassetes	35\$00
Relógios de cozinha	300\$00

VENDAS
A
PRAZO

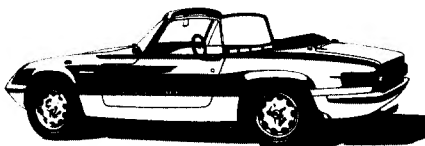
LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555



uma camisa Lotus
dá-lhe um LOTUS ELAN

Uma camisa de requinte
dá-lhe uma soberba máquina.
Compre já a sua Lotus
e sinta-se ao volante do seu Lotus Elan.

camisas lotus



COLESTEROL? ATEROSCLEROSE?

o seu problema alimentar
será facilmente resolvido
através dos métodos de
ALIMENTAÇÃO RACIONAL **diese**

Através do Gabinete de
Estudos de Nutrição,
faculta-se o estudo,
planificação e organização
de Esquemas Alimentares,
adaptados ao seu caso
particular: quer para
profilaxia, quer para
normalização dos seus
problemas de saúde.

contacte o
GABINETE
DE ESTUDOS
DE NUTRIÇÃO
av. república, 46 - lisboa 1
se mora em Lisboa, utilize o
telefone 767141



ANDAR

NA ESTRADA POÇO DO CHÃO, LOTE 1494
(BENFICA — JUNTO AO ELÉCTRICO)

Em prédio de óptima construção, habitações de 4 e 5 assoalhadas,
dispensa, cozinha, roupeiros, hall, 2 casas de banho. Mad. iras exóticas,
loças e azulejos em cor. As casas são pintadas ao gosto do cliente.
PREÇO DESDE 510 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292-1.º — Telef. 369384/5/6 — 328232/3 — 361756

DL/ESPECTACULOS

CANNES

Um Rosi duvidoso e um Polanski pessão

CANNES-A.U.R.S.S. apresentou em competição «Solaris», o último filme de Andrei Tarkovsky, autor do celebrado «Andrei Roublev», exibido no Festival de Cannes de 1970 e durante algum tempo proibido na Europa e na própria Rússia. Quase três horas de projecção para expor uma ideia contida em meia dúzia de planos. Ideia que fez a força do melhor cinema americano de ficção científica, a culminar no magistral filme de Kubrick «2001, Odisseia no Espaço». Solaris é um misterioso planeta, coberto por um espesso oceano que é na realidade um enorme cérebro vivo capaz de emitir sinais para a Terra. Destacado para tentar obter informações precisas sobre Solaris, um psiquiatra russo experimenta, durante a expedição, uma série de perturbações mentais que o põem em contacto com um mundo imaginário extremamente ligado à memória do seu passado. O problema central do filme-saber até que ponto o estatuto moral do homem pode acompanhar o desenvolvimento de uma técnica que o ultrapassa - deliberadamente deixado em suspenso, é, porém, diluído por uma concepção académica e fastidiosa da sua formulação cinematográfica.

«La Vraie Nature de Bernardette», de Gilles Carbe, em representação do Canadá, se outra vantagem não tem, tem pelo menos a ousadia de propor uma das personagens femininas mais extraordinárias da história do cinema. Bernardette, misto de boa mãe de família, burguesa arrependida, é certamente uma personagem impossível mas será, talvez aquela que melhor sintetiza as contradições sociais da mulher na perspectiva irónica e fantasista de Gilles Carbe. Bernardette é o emblema alegre do «western» religioso que Gilles Carbe mascara com as preocupações da actualidade. Um filme modesto que tem a particularidade rara de se tor-



EDUARDO
GEADA

Enviado
especial do «DL»

nar grave, na medida em que é divertido.

DE ITÁLIA

Um filme que não é grave nem divertido embora, justamente, pretenda ser as duas coisas ao mesmo tempo, é «Il Caso Mattei» produção italiana assinada por Francesco Rosi. Digo divertido no sentido em que Rosi, cada vez mais, entende dar da política e dos acontecimentos históricos apenas o lado espectacular. Digo grave porque, nesta política de Rosi, o tom de seriedade oculta a superficialidade dos resultados. Elegendo a gosto de estilo pessoal o processo de montagem que justificadamente utilizara em «Salvatore Giuliano», Rosi volta aqui ao mosaico de acontecimentos sem cronologia para traçar os contornos da personalidade de Enrico Mattei na Itália do pós-guerra. Morto em circunstâncias misteriosas, num desastre com o seu avião particular, em 27 de Outubro de 1962, Enrico Mattei tornara-se uma figura dominante no mundo dos negócios e da política do petróleo. Baseado em reportagens, documentos e testemunhos vivos, Francesco Rosi não quis elaborar uma simples biografia, antes procura colocar um certo número de problemas que deixa em aberto. Ao contrário do que acontecia em «Salvatore Giuliano», «Il Caso Mattei» sofre de uma dramatização não completamente destruída pela montagem que é, por conseguinte, susceptível de anular o carácter de estudo objectivo que o filme pretende alcançar.

Ainda na Itália, em competição, foi exibido o último filme de Lina Wertmüller: «Mimi Metallurgico Ferito nell'Onore». Na tradição da melhor e da pior comédia italiana baseada na observação de costumes, de Fede-

rico Fellini a Elio Petri, Wertmüller faz um filme desigual, ora interessado na crítica social de certos fenómenos característicos (a aliança da Mafia com os partidos fascistas) ora preocupado com mais uma versão irónica das questões de honra sexual na geografia siciliana. Se a primeira parte do filme consegue incluir um ou outro apontamento interessante, como por exemplo, as revelações sentimentais entre um chefe sindicalista e uma militante trotskista, sublinhadas por um humor oportuno, a segunda parte não passa de uma cópia disfarçada e bem executada da «Seduzida e Abandonada».

DA SUIÇA

Michel Soutter com uma produção suíça: «Les Arpenteurs». A história de um equívoco, que o filme segue, é apenas um pretexto para Soutter voltar a uma que até agora tem definido os seus filmes: o encontro casual de pessoas que têm algo em comum. Porém, para Soutter todo o conhecimento humano é um jogo que tem as suas regras aceites que é preciso respeitar. Assim, os personagens entregam-se a um comportamento por vezes estranho, em que alguns espectadores não deixarão de ver símbolos mais ou menos evidentes. A este nível, a «mise-en-scène» participa igualmente desse jogo de escondidas cuja finalidade é revelar o sentido oculto dos gestos banais, dos diálogos quotidianos. Se Soutter se perde em pequenos pormenores sem interesse, é preciso descobrir neles, precisamente, a maior força do filme.

POLANSKI

O último filme de Roman Polanski, produzido pelo grupo da

revista «Playboy», constitui uma das maiores desilusões do festival. Na realidade, «Macbeth», apesar de ser uma inteligente e brilhante ilustração do texto de Shakespeare, não passa de uma obra convencional, comprometida com as exigências da super produção e, de qualquer modo, muito menos intransigente e pessoal do que qualquer dos filmes anteriores de Roman Polanski. A desculpa do realizador é a de que os produtores nem sempre permitiam que ele levasse ao extremo algumas das experiências que se propusera fazer quando do projecto inicial da película. Acharo que, até agora, todas as adaptações de «Macbeth» ao cinema deram filmes medíocres, incluindo a de Orson Welles realizada em 1948 (em minha opinião esta versão é muito mais interessante do que a do autor de «Rosemary's baby»). Polanski segue o texto de Shakespeare para acentuar, em meia dúzia de cenas, as implicações políticas actuais da peça. A concepção de algumas sequências é espectacular, subornadas que estão às opções que caracterizam a obra de Polanski: os sonhos premonitórios, a alucinação dos espaços fechados, o terror da morte violenta, o sangue e a sede do poder.

MILITANTES

Dois filmes militantes vistos na Quinzena dos Realizadores: «Alianza para el progreso», do argentino Júlio Luduena, e «Week end a Sochau» do grupo francês Medverkine. «Alianza para el progreso» é um filme pobre em todos os aspectos, recusando à partida todas as formas da colonização cinematográfica e ideológica irremediavelmente veiculadas pelo espectáculo norte-americano. Quase sempre em planos fixos, com os actores representados dentro de um quadro ostensivamente teatral e alegórico (a USA, o capitalista, o artista, a pequena burguesia — eis os nomes das personagens), um pouco como o nosso teatro de revista, o filme de Luduena denuncia, de uma maneira esquemática e pedagógica, a situação política da Argentina

PAPELARIA

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita, consulte a Papelaria Ferros — R. de S. Julião, 64-66.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
Concurso n.º 40 — Fornecimento de GASES MEDICINAIS
Concurso n.º 41 — Fornecimento de ESPECIALIDADES FARMACÉUTICAS

Recebem-se propostas até às 9 e 30 horas do dia 31 do corrente para os mencionados concursos.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), em qualquer dia útil das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 15 de Maio de 1972.

O CHEFE DO SERVIÇO
Alexandre Pinheiro

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João de Matos Martins — BELVER



Francesa Annis e John Finch no «Macbeth» de Polanski.

o seguro de vida
vale a pena



sim, vale a pena porque...

■ Mesmo falando em pequenos pagamentos mensais — equivalentes por exemplo ao valor do Abono de Família — o Seguro de Vida é o único processo actualmente ao alcance da grande maioria dos agregados familiares para fazer face às suas preocupações imediatas de protecção.

■ Os pequenos pagamentos mensais, acumulados e capitalizados ao longo dos anos, constituirão um capital a entregar ao Segurado no fim do prazo do contrato. Mas se ocorrer a morte do Segurado, a Império entrega imediatamente o valor seguro aos familiares indicados na apólice.

■ O Seguro Popular de Vida Império, que alcançou a mais larga expansão alguma vez conseguida na actividade Seguradora portuguesa, é a confirmação do interesse que modalidades deste tipo têm merecido.

■ Mas o Seguro de Vida oferece-lhe mais alternativas. Da mesma forma, com pequenos pagamentos mensais, poderão ser garantidos capitais ou rendas de montantes muito elevados. É o caso do novo Seguro do Rendimento Familiar Império — agora ao dispor de todos os chefes de família — que garante o pagamento de um capital ou uma renda apenas em caso de morte dentro de um certo prazo.

■ Este novo Seguro permite, ainda, acompanhar a evolução das Necessidades do Grupo Familiar, dando a possibilidade de ajustar os valores seguros de harmonia com as variações do poder de compra de cada Segurado.

■ Por estas e outras razões, de que o Consultor de Segurança Império lhe falará, afirmamos que o Seguro de Vida Vale a Pena.



a Império formou
um consultor de segurança
para lhe dar um conselho
de amigo



SEGURO
DO RENDIMENTO
FAMILIAR

IMPÉRIO

O Consultor de Segurança Império é um homem escolhido para compreender o seu problema pessoal. Um homem preparado pela Império para lhe propor as soluções que melhor se adaptam às suas necessidades. Um homem que representa a dimensão e o potencial de segurança da Império colocados ao seu serviço.

O seu perfil: competência, seriedade, simpatia.

Análise com ele as vantagens do **seguro de rendimento familiar**: o seguro de vida feito à medida das necessidades de protecção dos que estão a seu cargo. E por um preço que nem sente.

Repare neste exemplo: cerca de 150\$00 mensais, para um homem de 30 anos, garantem uma renda anual de 35 contos durante vinte anos.

Para maior comodidade a Império estabeleceu prémios fixos de 50, 100, 150, 200, 250 ou 300 escudos por mês.

Contate com um técnico e analise seguros com um amigo: o seu Consultor de Segurança Império.

Rua Garrett, 62 - Lisboa



Estando interessado em conhecer (sem nenhum compromisso) o Seguro do Rendimento Familiar, agradecia que me enviassem elementos que completem a minha informação pessoal.

NOME _____

MORADA _____

IDADE DO FILHO MAIS NOVO _____



JOAQUIM BRÁS RIBEIRO BELGA

FALECEU

Maria Felizarda de Almeida Faria Ribeiro Belga, Maria do Carmo Ribeiro Soares, seu marido dr. Luís Ribeiro Soares, filhos e netos, Sara Costa Pe-laio Ribeiro Belga de Almeida Faria e seu marido dr. Bernardino de Almeida Faria, Irmã Maria Emanuel Ribeiro Belga, Antónia de Almeida Faria Henriques e seu marido João de Almeida Henriques, Jerónimo de Almeida Faria e sua mulher Maria Cristina Vidigal de Oliveira de Almeida Faria e filhos, Helena de Almeida Faria, dr. Benigno José de Almeida Faria e sua mulher, Bernardino Leão de Almeida Faria, filhos e netos cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, irmão, cunhado e tio e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas da igreja de Nossa Senhora de Fátima para o Cemitério do Alto de São João.



JOAQUIM BRÁS RIBEIRO BELGA

FALECEU

O pessoal dos Cinemas ROMA, AVIS E ESTÚDIO 444, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso Director e Amigo e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 11 horas da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para o cemitério do Alto de São João.



JOAQUIM BRÁS RIBEIRO BELGA

FALECEU

O pessoal das firmas SACIL, MARTRA FILMES, LDA. e REFILME, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso Director e Amigo e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 11 horas da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para o cemitério do Alto de São João.



JOAQUIM BRÁS RIBEIRO BELGA

FALECEU

A Gerência dos cinemas ROMA, AVIS E ESTÚDIO 444, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso Director e Amigo e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 11 horas da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para o cemitério do Alto de São João.



JOAQUIM BRÁS RIBEIRO BELGA

FALECEU

O pessoal das firmas distribuidoras DOPERFILME, TALMA FILMES e FILMES OCIDENTE, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso Director e Amigo e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para o cemitério do Alto de São João.



JOAQUIM BRÁS RIBEIRO BELGA

FALECEU

A Administração das firmas distribuidoras DOPERFILME, TALMA FILMES e FILMES OCIDENTE, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso Director e Amigo e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para o cemitério do Alto de São João.



JOAQUIM BRÁS RIBEIRO BELGA

FALECEU

A Administração das firmas SACIL, MARTRA FILMES, LDA. e REFILME, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso Director e Amigo e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 11 horas da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para o cemitério do Alto de São João.



Fernando Paes

CORONEL DE CAVALARIA
FALECEU

Maria do Pilar Pereira Cabral Paes, Maria Teresa Paes de Botton, seu marido e filhos, Maria do Pilar Cabral Paes de Sousa Afonso, seu marido e filhos, João Eduardo Cabral Paes e filhos, Maria Júlia Paes Beirão e filhos, Odete Lima Paes e filhos, Armando Rui Cerqueira da Silva Paes, sua mulher e filhos, Maria Teresa Cerqueira da Silva Paes Braga, seu marido e filhos, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, avô e irmão, e que o funeral se realiza amanhã, dia 20, pelas 12 horas, da Capela do Hospital Militar Principal, para cemitério a determinar. As 10 horas, será rezada missa de corpo presente no referido templo.

AGÊNCIA ALMEIDA

Necrologia

Joaquim Ribeiro Belga

Da igreja de Nossa Senhora de Fátima, onde o corpo se encontra depositado em câmara ardente, sai amanhã, às 11 horas, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João, o funeral de Joaquim Brás Ribeiro Belga, falecido no Hospital Particular de Lisboa, em consequência da crise cardíaca que o acometera em Nampula, Moçambique.

De 69 anos, natural de Montemor-o-Novo, Ribeiro Belga, que era um espírito dinâmico e empreendedor, de muito novo se viu tentado pelo cinema, primeiro como distribuidor (fundou a Doperfilme) e, depois, como produtor. Do seu entusiasmo surgiram «O Comissário de Polícia», «Viela», «Fogo» e diversas curtas-metragens com fados de Amália Rodrigues.

Tendo estendido os seus negócios ao Ultramar, foi precisamente numa viagem de carácter profissional que a fatal crise cardíaca havia de acometê-lo. Era empresário dos cinemas Roma e Estúdio 444 e administrador da maior organização de casas de espectáculos do continente.

Era casado com a sr.^a D. Maria Felizarda Almeida Faria Ribeiro Belga; irmão das sr.^{as} D. Sara Pelayo Ribeiro Belga Almeida Faria, casada com o sr. dr. Bernardino Almeida Faria; D. Maria do Carmo Ribeiro Soares, casada com o sr. dr. Luís Ribeiro Soares; e D. Julieta Ribeiro Belga, na vida religiosa soror Emanuel; e tio dos srs. Francisco Luís Belga Ribeiro Soares, D. Maria Luísa Belga Ribeiro Soares Medeiros, dr.^a Maria Henriqueta Belga Ribeiro Gomes Carvalho Prazeres e D. Maria do Rosário Belga Ribeiro Soares.

ELEIÇÃO DA PRINCESA DAS "TEEN AGERS" PORTUGUESA 1972

Até amanhã pode fazer a sua inscrição

CARLA, UMA FINALISTA DO ANO PASSADO:

"FIQUEI COM BOAS RECORDAÇÕES E POR ISSO VOLTO A CONCORRER"

Maria Carla Moreira de Castro foi uma das jovens finalistas da eleição da «Princesa «Teen-Agers» Portuguesa» 1971. Durante os dois dias de provas Carla esteve sempre no grupo das possíveis vencedoras. Ela era verdadeiramente, com a sua vivacidade, um símbolo de juventude. Distinguiu-se sempre por um nível cultural pouco comum na sua idade e, ao mesmo tempo, conservava toda a fescura e entusiasmo de uma adolescente para quem a vida ainda tem todos os encantos. Este ano voltou a inscrever-se. Não para ganhar, embora isso possa muito bem acontecer mas, principalmente, porque gostou da maneira como decorreu a eleição e do convívio estabelecido.

«Tenho as melhores recordações do ano passado e essa é a principal razão. Não devia concorrer porque tenho muito que estudar. Mas fiquei com uma recordação muito agradável».

Carla está a fazer o 7.º ano e é uma aluna aplicada. Tencio-

seguir Direito «porque não de todo um trabalho monótono. Além disso embora trate o lado mau da vida é útil e tem um interesse grande porque cada caso é diferente do outro».

O facto de ter concorrido o ano passado em nada alterou a sua personalidade. Ou se alterou, foi para melhor, segundo a sua opinião.

Como encaram as suas amigas o facto de você concorrer?

«As pessoas não encaram da mesma maneira um concurso de «Teen-agers» como um concurso de beleza. O espírito que leva a maioria de nós a concorrer é evidenciar valores mais importantes que os valores físicos. Há quem ache bem e quem encare isto como uma tentativa de nos pormos em evidência. Mas não é nada. É apenas uma coisa agradável que nos desinibe um pouco sem nos estragar. Continuamos a ser as mesmas pessoas. Como jovem a minha participação no ano passado não teve nenhuma influência negativa. Veio até enriquecer um pou-



co a minha personalidade e, muitas vezes vamos descobrir valores que, se calhar, nunca tínhamos descoberto antes.»

— Que qualidades em sua opi-

nião deveriam identificar uma «teen-ager»?

«Deveria ser uma rapariga que, ao vê-la, as pessoas ficassem a fazer a melhor ideia possível da juventude.»

Poderá existir neste mundo perturbado, um amor sem inquietação?...

marina VLADY
frédéric PASQUALE
em

vidas inquietas



Grande Prémio da Academia do Cinema pelo «Melhor Filme» e «Melhor Interpretação» (MARINA VLADY)

com Catherine ALLEGRET e Cristea AVRAM
um filme de
sofismes **BERNARD PAUL** GRUPO D (18 anos)
HOJE no ALVALADE 21h 45 ESTREIA

cupão de inscrição

N.º

NOME

MORADA

TELEF

LOCALIDADE

DIA DO NASCIMENTO

DE

DE 19

PROFISSÃO OU ACTIVIDADE



Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto ou a cores) e envie para «Diário de Lisboa» Teen-Agers Rua Castilho, 185-1.º Lisboa 1



O TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS e a FUNDAÇÃO NACIONAL PARA A ALEGRIA NO TRABALHO (F. N. A. T.)

apresentam no Coliseu dos Recreios

O «ROYAL BALLET», DE LONDRES

Em 23, 24, 25 e 26 de Maio, às 21.30 horas

PROGRAMA

Dia 23/5 — Solitaire

- Lago dos Cisnes (Pas de Deux)
- Las Hermanas
- The lady and the fool

Dia 24/5 — Grosse fugue

- A Bela Adormecida
- The Mids (Pas de Deux)
- Concerto (Pas de Deux)
- Danses Concertantes

Dia 25/5 — Les rendez-vous

- Pallade
- Laurentia (Pas de Deux)
- The mirror Walters
- The grand four

Dia 26/5 — Les patineurs

- Triad
- Monotone n.º 2
- The lady and the fool

O TEATRO DE PANTOMINA DO ESTADO POLACO

Em 13 e 14 de Junho às 21.30 horas

PROGRAMA

Dia 13/6 — O Vestido

- A queda de Fausto

Dia 14/6 — Jardim do Amor

- Sonho de uma noite de Novembro

Para estes espectáculos a F. N. A. T. dispõe de bilhetes de geral que podem ser adquiridos a PREÇOS BASTANTE REDUZIDOS pelos seus beneficiários e pelos sócios dos C. A. T., C. R. P. e Sindicatos Nacionais, a partir das 9.45 horas da próxima 6.ª feira, dia 19, na sua sede, Calçada de Santana, 180.

Grupo B — M/ 10 Anos



CASA VIOLA

VENDEU O 1.º PRÉMIO

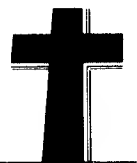
44.154 — 4.200 CONTOS

BILHETE CERTO RECEBIDO DIRECTAMENTE DA STA. CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

N. B. — Este número foi cedido ao nosso colega CASA DA SORTE

CASA VIOLA — Rua da Assunção, 67-69 — LISBOA

ALMADA



JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA PARREIRA

Assistente da Siderurgia Nacional

FALECEU

Maria Eduarda Cabrita Costa Parreira, Eduardo José Costa Parreira, Domitília da Conceição Silva, Claudino da Conceição Parreira, Maria Paulina Cabrita Costa, José Carlos Costa, Joaquim António da Silva Parreira, Maria da Conceição da Silva Parreira Santos, Idalécia Cabrita Costa, Horácio Cabrita Carlos Costa, Carlos Alberto Cabrita Costa, Albertina Alves Leitão Parreira, José Duarte Parreira dos Santos e mais família, participam a todas as pessoas de suas relações o falecimento do seu extenso marido, pai, filho, irmão, cunhado, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 20, pelas 11 horas, da Igreja de Almada para o cemitério local.

AGÊNCIA SALGADO DE ALMADA
TEL. 270132

torre
Alferragide

VISITE OS 5 ANDARES MODELO



DL/GERAL

EDUCAÇÃO

Ora diga-nos...

Há iguais oportunidades para homens e mulheres?

1 — Ana Isabel Gama e Silva, 19 anos, estudante liceal:

— Não. Basta reparar na maneira como os homens olham as mulheres na rua. Olham-nas como bichos. Tratam-nas como objectos de prazer. Não: de descarga. Em casa, os homens consideram as mulheres como servas. Pelo menos, com frequência. Casa em ordem, jantar a horas, botões no seu sítio. E os homens ficam cheios de complexos só de lhes falarem em ajudar a mulher nos trabalhos caseiros. Depois, queixam-se de que a mulher se desleixou e arranjam um «suplente». No trabalho, as melhores oportunidades são sempre para os homens e as melhores remunerações são também para eles. Em concorrência, o homem é quase sempre escolhido.



Ana Isabel Gama da Silva



Ermelinda

2 — Maria Ermelinda Rocha dos Santos, 21 anos, dactilógrafa:

— Não. A mulher é tão desconsiderada que muitas vezes a empregam não pela sua craveira profissional, mas pelos seus atractivos físicos. Ao fim de três ou quatro meses, se, nesse plano, não se submete ao que dela esperavam, rua! Ai tem... E claro que esta não será a regra geral. Mas é bastante generalizada. Além disso, mulheres e homens que realizem tarefas idênticas, com igual competência, não têm o mesmo ordenado. Que me diz a isto? Na própria família, se a mulher tem opinião diferente do marido, acaba por ter de se curvar devido ao peso da tradição...

3 — João da Fonseca Amaral, 44 anos, tradutor literário:

— Não. Conheço bem a gente que trabalha no campo, no Norte. Vejo mulheres e homens trabalharem lado a lado, varejando, sulfatando vinhas, cavando a terra, durante as mesmas horas, com o mesmo esforço e rendimento. Em seguida, enquanto eles descansam, elas fazem a comida e arranjam a casa. E são muito pior pagas do que eles. Na indústria, as mulheres executam geralmente tarefas subalternas, sem grandes possibilidades de acesso. Nas funções públicas, existem, em princípio, iguais oportunidades, que na realidade não se concretizam. E muito mais difícil encontrar mulheres chefes de repartição do que homens.



João da Fonseca Amaral

CENTENAS DE ESTAGIÁRIOS DO ENSINO LICEAL CONTRA O EXAME DE ESTADO

Trezentos e dezasseis dos 465 estagiários que este ano lectivo frequentam o estágio para professores do Ensino Liceal, em todo o País, dirigiram ao ministro da Educação Nacional uma exposição em que pedem mais uma vez a suspensão das provas de Exame de Estado. Os exponentes referem a comunicação da Comissão Orientadora de Estágios, que estabelece o novo regime de Exame de Estado para este ano lectivo, e expõem, em consequência, os seguintes pontos:

1 — «Numa visão esclarecida acentua-se na circular que as «as actividades de estágio são fundamentalmente de carácter prático, pelo que o professor estagiário realiza durante o ano e em circunstâncias mais ou menos normais o mínimo de aulas suficiente para permitir uma avaliação dos seus méritos pedagógicos».

2 — Na refutação da existência de uma aula a servir de elemento uniformizador das classificações de estágio, pergunta-se muito legitimamente

no referido texto se «a sua avaliação deverá ter mais peso do que aquela que foi atribuída em resultado duma avaliação contínua ao longo do ano».

3 — Em face do exposto, pela referida circular estabelece-se um novo sistema de avaliação e classificação do estágio. Estamos certos de que as medidas agora adoptadas na sequência dos processos de orientação e controlo seguidos ao longo do ano — visitas frequentes de metodólogos e inspectores e orientação dos assistentes de metodologia — virão a resultar naquela «uniformidade de critérios na classificação de estágio» que é voto expresso na circular.

4 — Atribuídas as classificações de estágio, com garantia de uniformidade de critérios, por responsáveis com longa experiência que se não poupam a esforços no sentido de conhecerem o melhor possível cada um dos estagiários, que finalidade atribuir à realização de uma prova escrita (a oral não passando de um prolongamento da escrita) de

Exame de Estado? Não pode com tal prova pretender-se avaliar das capacidades pedagógicas dos candidatos, pois isso seria pôr em dúvida o valor das classificações atribuídas pelo Conselho de Metadólogos. Por outro lado, uma prova desse género indicará, quando muito, a maior ou menor propensão para a escrita, o que está longe de ser factor predominante na determinação do valor pedagógico didáctico do professor. Não poderá ainda interessar como teste da preparação científica, pois esta vem patenteada no diploma universitário.

E os signatários da exposição ao ministro da Educação Nacional concluem:

«Os estagiários signatários, regozijando-se embora, a) com a abolição de provas de Exame de Estado no primeiro período lectivo que davam «origem a prejuízos evidentes no funcionamento dos estágios no primeiro período» e prejudicavam notavelmente os alunos pelo acentuado número de faltas dos professores candidatos a Exame de Estado e por outras razões concomitantes, e b) com o sério esforço realizado no sentido duma observação mais cuidada dos estagiários visando maior rigor e uniformidade na atribuição das classificações, não podem todavia compreender que continue a manter-se a exigência de provas de Exame de Estado, de mais a mais sem condições mínimas de realização, dada a comunicação tardia, a acumulação de trabalhos de estágio, o estado de fadiga proveniente de um trabalho extenuante ao longo do ano e outras circunstâncias que não oferecem quaisquer garantias de realização eficaz.»

PASSEIOS PELO TEJO

O Município de Lisboa, promove, com início no dia 28, e até Agosto, das 15 às 18 horas, passeios dominicais pelo Tejo, destinados a proporcionar aos lisboetas o conhecimento do rio e da sua beleza panorâmica.



UM GRUPO PARA CADA FIM:

LEVE
DURÁVEL
RESISTENTE
PRÁTICO
ECONÓMICO

- 02 Regas e jardinagem
- 14 Moto-bombas
- 20 Sucção pesada
- 22 Gasolinas e produtos químicos
- 26 Trasfega de vinhos (atóxico)
- 34 Protecção de cabos eléctricos
- 40 Aspiração industrial
- 42 Condutas de ar condicionado
- 46 Piscinas (flutuante)
- 480 Ar comprimido e pulverização

FABRICADO SOB LICENÇA DE A.G. PETZETAKIS A.S. ATENAS

POR:



Heliflex Portuguesa, Lda

TUBOS FLEXÍVEIS

ILHAVA - AVEIRO - Telef. 24010 - Apart. 130
LISBOA - R. Coronel Bento Roma, 12 D - Tel. 727271

GOESSES DO PAQUISTÃO OBRIGADOS A OPTAR

Da Embaixada do Paquistão, subscrito pelo encarregado de Negócios, sr. Iuam-ul-Haque, recebemos o seguinte esclarecimento:

«A 22 de Abril apareceu no seu estimado jornal uma notícia sobre os goesses portugueses residentes no Paquistão, afirmando que o Governo do Paquistão planeava obrigar todos os goesses portugueses

adquirir a nacionalidade paquistanesa ou a abandonar o país. Eu tenho a honra de afirmar que essa notícia não tem qualquer fundamento».

«A posição correcta é que um largo número de goesses tem vivido em Karachi mesmo antes da criação do Paquistão. Eles não têm a nacionalidade paquistanesa nem possuem passaportes portugueses. Terão pois que optar entre adqui-

rir a nacionalidade paquistanesa ou obter passaportes portugueses, e viver no Paquistão de acordo com as leis em vigor. Nunca se pôs o problema de obrigar qualquer nacional português a perder a sua nacionalidade.»

«Ficarei muito agradecido se publicarem esta notícia no vosso jornal para que não haja lugar a qualquer mal-entendido»

A NOVA GERAÇÃO

OPEL

Rekord II — COMMODORE

E A NOVA LINHA

AKAI

"ALTA FIDELIDADE"

EM EXPOSIÇÃO ATÉ ÀS 24 HORAS NA

SOREL

Rua Tomás Ribeiro 97-A

VAI VIAJAR?

Em Portugal e no estrangeiro? Em férias ou negócios? passaportes + bilhetes + hotéis + itinerários

confie na experiência de CLARAS TURISMO

Av. Fontes Pereira de Melo 3 / Tel. 56 34 51/4

DI/GERAL

HABITAÇÃO

AS BRANDOAS MULTIPLICAM-SE

Cinco mil casas clandestinas nos arredores de Lisboa

Anda à roda dos três milhares o número de construções clandestinas no distrito de Lisboa nos últimos dez anos. Ao todo, cerca de cinco mil fogos. Verdadeiramente, não existem zonas determinadas onde se confine o «fenómeno». As casas clandestinas nascem um pouco por toda a parte, onde quer que haja um palmo de terreno livre. Às vezes nos descampados; outras vezes, apenas em nesgas mal adivinhadas no meio de aglomerados antigos, como se, o espaço em si fosse o que menos importa para uma habitação.

No entanto, poder-se-ão apontar zonas onde o «fenómeno» ganhou maior amplitude, onde a proliferação deste tipo

tão denunciador como os outros casos da caótica situação em que se caiu, demonstra a evidência que as construções clandestinas prosseguem a bom ritmo, indiferentes a medidas e aos ditirambos com que se pretende, ao que parece, apenas adiar soluções mais urgentes. Mas o caso de Macarraques, até nem seria coisa de importância, se não estivesse relacionado com todo o já extenso processo da clandestinidade na construção de casas. Cascais é, aliás, a região mais afectada pelo «fenómeno». E de tal modo afectada, que o vereador Carvalho de Almeida, numa recente reunião camarária, resolveu chamar a atenção do Município, usando

eu concebi um plano que, se posto em prática, poderia resolver parte do problema.

EMBARGAR E ARRASAR

E o eng. Sousa Coutinho expõe-nos o seu plano:

— Tudo o que está a acontecer, deve-se apenas a um factor, segundo o que me parece: toda a gente gosta de possuir uma casa. Simplesmente, os problemas não se resolvem com o facilidade que se supõe. Ora o meu plano incidia sobre esse facto, precisamente. A Câmara de Cascais tem seiscentas casas de renda económica distribuídas por outros tantos beneficiários. Essas rendas podem ir até 400\$00 e daí

actual situação de demissionário não me deixa prever o futuro.

— O problema das construções clandestinas resolver-se-ia com a realização do plano que acaba de nos expor?

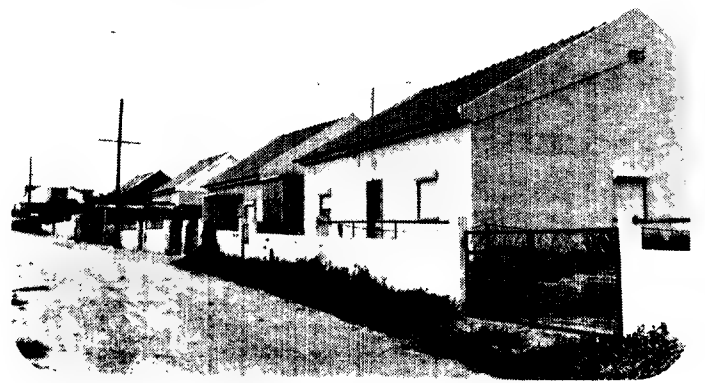
— Eu disse que isso só resolveria uma parte do problema. Dar-se-ia uma casa decente a muitas famílias que anseiam possuí-la, o que era um grande passo para a solução, sem ser tudo. Porque existem outras causas inerentes ao facto que tratamos. A venda de pequenos lotes de terreno, por exemplo. Qualquer pessoa pode adquirir um pequeno lote a baixo preço e, depois de o comprar, não descança enquanto não fizer nele aquilo que tinha em mente quando o comprou: uma casa. Como a autorização para a construção da casa tem de seguir os seus trâmites e os planos prévios duma urbanização responsável (que é uma coisa que muita gente não compreende) a solução surge com a construção clandestina.

— E são difíceis de seguir, esses trâmites? — interponho.

— Acho que não — elucida o eng. Sousa Coutinho. — Nós até já facilitamos bastante a construção. Onde houver rede de saneamento, a autorização para construir uma casa é dada sem dificuldades de maior. Mas recusamos construções em locais sem saneamento. Isto creio que é perfeitamente racional.

— O sr. engenheiro — perguntámos em seguida — sabe se se tem mantido o ritmo de construção de casas clandestinas nestes últimos tempos no concelho de Cascais?

Resposta taxativa: — De há dois anos a esta parte, (desde que eu aqui estive), de maneira nenhuma. Às vezes lá aparece um caso ou outro numa noite e os fiscais apenas têm tempo de confirmar o facto no dia seguinte. Mas essas construções, quando não são abatidas, são embargadas. Depois estuda-se a situação e se for caso disso, uma vez paga a respectiva multa, legaliza-se a construção. Mas, repito, para que haja legalização,



Mesmo clandestinas, há construções aprimoradas.

a construção terá de obedecer a determinados quesitos.

TER OU NÃO TER CASA

Para nós, o depoimento do eng. Sousa Coutinho tinha terminado. Agora restava-nos tirar conclusões. E só podíamos tirar conclusões após certos trâmites — porque nós, tendo em mente o desejo da melhor informação, também temos trâmites a seguir. E assim, decidimos dar uma vista de olhos pelo concelho. Não é nossa intenção fazer denúncias, e daí que não nos interesse apontar exactamente onde, quem e quando. De qualquer modo, averiguámos não ser verdade que de há dois anos a esta parte não hajam surgido construções clandestinas em Cascais. Surgiram e muitas. Igualmente pudemos chegar facilmente à conclusão de que o plano do eng. Sousa Coutinho — até porque um plano leva sempre tempo a concretizar-se e as contas feitas hoje já estão erradas amanhã — não passaria duma gota de água na solução do problema habitacional na região de Cascais. Respeitável plano, sem dúvida, mas pouco eficaz no que respeita a soluções francamente positivas e ainda por cima com o senão de prejudicar, fosse

qual fosse o nível da actualização das referidas casas camarárias, o deficiente erário dos seus actuais ocupantes.

Mas vimos mais. Fomos mesmo a Macarraques. Aldeia clandestina, erguida num descampado pedregoso, sem acesso a não ser uns desajeitados caminhos de cabras, com montureiras de lixo nos baldios e algumas barracas para completar o cenário. Conversámos com gente local. Houve de tudo: quem preferisse calar-se e quem falasse claro, embora recusando dar o nome para o jornal.

— A qui, caro sr., o problema é ter ou não ter casa. Se uma pessoa junta uns patacos e quer fazer uma casita, vai à Câmara e aquilo é um rol de papéis e de dificuldades. Desanimados, verificamos que o terreno que compramos não presta para nada, pois muitas vezes negam-nos por inteiro a autorização de construir. Que havemos de fazer? Ficar de braços cruzados? Então decidimos correr o risco e pômo-nos a construir. Depois vêm os fiscais e é o demónio. Mas a verdade é que já ninguém, mesmo embargando ou abatendo, nos pode tirar a satisfação de algum dia tentarmos possuir uma «casa nossa».

Continua na pág. 16



Casas clandestinas MACARRAQUES É ASSIM:

de construções assume aspectos de carácter endémico. Conhece-se, por exemplo, o caso bem típico da Brandoa que cresceu como «bairro clandestino» sem que nada nem ninguém o travasse ou denunciasses até ao momento em que o súbito desabar duma das construções, alertou a consciência pública, apesar de, por mero acaso, não haver vítimas a lamentar. Depois, aos poucos e poucos foram-se descobrindo outras brandoas. Para as bandas de Moscavide e Sacavém, Loures, concelho de Sintra, de Cascais e... lá para o sul do Tejo. E chegou-se a este número que apresentamos e arredondamos sobre o que nos foi dado averiguar e que talvez até seja curto para denunciar toda a realidade. É claro que destes três milhares de construções clandestinas muitas delas a esta hora já se encontram devidamente legalizadas. O facto, porém, não tira nenhuma importância ao volume dos números. Pelo contrário.

EM CASCAIS HÁ MAIS

Apesar de tudo o que se diz e fez ou faz, as construções clandestinas continuam a surgir. Nas Galinheiras, em Belas, Canaças, Pendão, Moscavide, Algueirão, etc. E no concelho de Cascais. O caso de Macarraques, perto de S. Domingos de Rana, embora menos falado na imprensa, menos discutido nas sessões camarárias, mas uma veemência que diz bem

do alarme que os factos justificam.

Sobre o assunto fomos ouvir o vice-presidente da Câmara Municipal de Cascais, agora demissionário, eng. Sousa Coutinho, que começou por dizer-nos:

— O problema tem sido encarado por esta Câmara com a atenção que merece. Criámos, por exemplo, uma brigada de fiscalização permanente, a qual mantém apertada vigilância na área do concelho. Assim, toda a construção clandestina que se tente erguer por aí, corre o risco de imediata demolição ou embargo.

— E foi essa a única medida tomada pelo Município? — inquirimos.

— Não — respondeu-nos o vice-presidente. — Tentamos mentalizar as pessoas de que não ganham nada com o recurso à construção clandestina...

— No entanto — interpusemos — é natural que as pessoas queiram ter casa própria, de preferência a viverem em casas alheias pagando renda elevada ou em barraças.

— Por isso mesmo — adian-

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.
GRANDE OURIRESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

to o eng. Sousa Coutinho — para baixo, consoante o tipo de casa e o rendimento do respectivo beneficiário. Temos de convir que se trata de rendas baixíssimas para a época. A minha ideia englobava uma actualização dessas rendas e, partindo daí, apurado um excedente através da actualização, construir um ou mais bairros residenciais, com rendas ainda cómodas, para as pessoas mais necessitadas de casa. Posso dizer-lhe que, nesta actualização não havia, se se realizasse, qualquer espécie de abuso. Além de que era uma maneira de os municípios participarem nos problemas que afectam o Município.

— Mas o plano não se realizou? — perguntámos.

Um encolher de ombros e o eng. Sousa Coutinho respondeu-nos:

— Não sei, neste momento, não sei nada. Já vê, a minha

MÓVEIS

MONTEIRO VOUGA

Fabricantes de arte especializados

Tem o prazer de informar que, visando a expansão dos seus artigos na Capital, executados em madeiras absolutamente seleccionadas e destinados a um público esmerado. Acordou com a firma Sérgio F. Azevedo Representações, Lda., a representação da sua empresa, e que, os móveis de sua fabricação se encontram expostos no Estabelecimento «FAIR PLAY» sito na Av. Ressano Garcia, 39/A, propriedade desta n/ representada.

A GERÊNCIA

RÁDIO • TELEVISÃO • ESTEREOFONIA



o signo da qualidade e avanço técnico.

NIVICO

SOC. DE REPRESENTAÇÕES
SIDA - SUECA, Lda.
R. DE S. NICOLAU, 44-48 • TEL. 369331 — LISBOA

VIAGENS APOLO 8 ou 15 DIAS DE FÉRIAS

PALMA DE MAIORCA
Partidas às segundas-feiras, de 5/7 a 11/9
em avião a jacto Boeing 737.
PREÇOS DESDE 2.950\$ (TUDO INCLuíDO)

TORREMOLINOS
EM AVIÃO — Partidas às quartas-feiras, de 5/7 a 12/9
em avião a jacto Boeing 737.
PREÇOS DESDE 2.950\$ (TUDO INCLuíDO)

EM AUTOPULLMAN — Partidas aos Domingos, de 4/6 a 24/9
PREÇOS DESDE 2.950\$ (TUDO INCLuíDO)

abreu
LISBOA Av. Liberdade, 100
COIMBRA Av. Afonso, 207
Rua da Seta, 2

DL/ESTRANGEIRO

UPI · R · FP · ANI · TELIMPRENSA

Portugueses deportados da Nigéria

LAGOS, 19 — (R.) — Quatro estrangeiros, que afirmaram ser cidadãos portugueses, foram hoje deportados para Londres após uma tentativa sem êxito para entrarem na Nigéria.

Os quatro homens — identificados como Arminho Leite, Pedro Moreira Rato, Abílio Oliveira e N. Ferreira — foram detidos pela Polícia de Segurança no aeroporto de Lagos, a noite passada, quando chegaram a esta capital a bordo de um avião de passageiros das carreiras regulares vindo de Londres.

Segundo as autoridades do aeroporto, nenhum dos quatro indivíduos se encontravam munidos de documentos válidos.

Allon espera incidentes

JERUSALEM, 19 — (ANI) — Os russos e os egípcios arranjarão maneira de sublinhar o perigo de guerra no Médio Oriente dias antes da chegada do presidente Nixon a Moscovo — afirmou na Rádio o vice-primeiro-ministro israelita, Yigal Allon, três dias depois de caças de fabrico russo terem sobrevoado o Sinai.

Auxiliados pelo armamento que recebem da URSS, os egípcios não-de conseguem arranjar incidentes nas linhas de trégua — sublinhou Allon, a propósito da conferência cimeira de Moscovo.

Escritora proibida de deixar Espanha

BARCELONA 19 — (R) — A romancista Ana Maria Matute revelou ter sido proibida de deixar hoje a Espanha para receber um prémio literário em Nice.

A romancista, já galardoada com o Prémio Nadal o mais importante prémio literário espanhol, disse que a polícia não deu qualquer razão para o facto de a impedir de tomar um avião para França, no aeroporto de Barcelona.

Ana Maria Matute tomou parte uma manifestação organizada pelos intelectuais espanhóis no mosteiro de Monserrate, em Dezembro de 1970, para protestar contra o julgamento de Burgos.

UM JORNAL ACABA: 200000 exemplares

BOSTON, (R) — O «Boston Herald Traveler», um jornal que existia há 125 anos, anunciou a noite passada planos para deixar de publicar-se a partir do princípio do próximo mês e vender as suas instalações e outros bens à Hearst Corporation, por 8,5 milhões de dólares (cerca de 238 000 contos).

O jornal, um dos mais influentes matutinos da Nova Inglaterra e vencedor de seis Prémios Pulitzer, tinha registado perdas substanciais nos últimos anos. A sua actual circulação diária é de cerca de 200 000 exemplares.

O Vietcong diz ter capturado soldados americanos

—PARIS, 19 — (R) — Nguyen Huu Tho, presidente da Frente Nacional de Libertação do Vietname do Sul, disse numa entrevista aqui publicada hoje que soldados americanos têm sido capturados durante a ofensiva das últimas semanas.

O correspondente do jornal comunista francês «L'Humanité» perguntou ao entrevistado se era verdade que soldados americanos têm sido feitos prisioneiros ultimamente e ele respondeu afirmativamente mas não deu pormenores.

O jornalista perguntou-lhe ainda se era verdade, conforme se tem afirmado na Imprensa ocidental, que o Governo revolucionário provisório (GRP) tencionava estabelecer a sua capital em Hué.

Nguyen Tho evitou responder directamente, limitou-se a dizer: «O GRP nunca precisou de

esperar pela libertação de algumas das grandes cidades para desempenhar o seu papel de modo efectivo».

«L'Humanité» diz que o seu correspondente em Hanói entrevistou por telex Nguyen Tho, que se encontrava algures no Sul a dirigir a luta.

ANIVERSÁRIO DE HO

SAIGÃO, 19 — (FP) — An Loc, 100 quilómetros ao norte de Saigão foi hoje violentamente bombardeada pela artilharia norte-vietnamita que lançou sobre ela 4500 obuses de todos os calibres.

De fonte militar aliada acrescenta-se que An Loc está a ser bombardeada há mais de um mês, caindo sobre ela uma média de mil obuses por dia.

A intensidade do bombardeamento, acompanhado dos rotineiros combates na periferia, explica-se pela vontade norte-vietnamita de querer celebrar de um modo espectacular o aniversário do presidente Ho Chi Minh, em 19 de Maio.

DESMINAGEM?

HANOI, 19 — (FP) — Enquanto prosseguem as operações de desminagem do porto de Haiphong, as forças americanas continuam a pôr mais minas — soube-se de fonte autorizada. Segundo as autoridades portuárias, o acesso ao alto mar poderá ser restabelecido nos próximos dias.

RECUSA AMERICANA

WASHINGTON, 19 — (FP) — O Departamento de Estado recusou-se ontem a confirmar ou a desmentir que o Governo soviético tivesse mandado aos Estados Unidos uma nota de protesto relativa às vítimas e aos danos causados pelos bom-

bardeamentos americanos contra os navios soviéticos ancorados em Haiphong.

Segundo uma informação publicada ontem pelos «Los Angeles Times», morreu um marinheiro soviético e vários ficaram feridos quando a semana passada a aviação americana atacou um porto próximo da Haiphong. Os bombardeamentos contra este porto teriam igualmente causado um morto e vários feridos entre os tripulantes dos carregueiros soviéticos.

Por outro lado, o Pentágono desmentiu que os norte-vietnamitas tivessem já retirado as minas colocadas pela aviação americana.

Explosão no Pentágono:

O grupo "Weathermen" reivindica a autoria

WASHINGTON, 19 (ANI, FP e R.) — Uma explosão, possivelmente causada por uma bomba, provocou hoje estragos no interior do Pentágono.

A explosão, reativamente violenta, deu-se nas instalações sanitárias das mulheres mas não houve vítimas, embora os estragos tenham sido importantes.

Os serviços de segurança do Pentágono iniciaram imediatamente um inquérito para tentar descobrir a origem da explosão.

A explosão ocorreu no quarto andar do vasto edifício, pouco depois de ter sido recebido um telefonema anónimo na redacção do «New York Post». O autor do telefonema disse ser membro do grupo radical «Weathermen», que se opõe à guerra do Vietname, e anunciou que tinha acabado de efectuar um atentado à bomba contra o gabinete do secretário da Força Aérea no Pentágono.

O informador anónimo disse ainda que uma mensagem fora deixada numa cabina telefónica situada em frente da tipografia do jornal.

Essa mensagem foi encontrada dentro de uma lista telefónica e dizia que o atentado era uma represália contra a intensificação dos bombardeamentos aéreos e navais contra o Vietname.

Um informador do Pentágono disse que a explosão rebentou alguns canos e danificou a instalação eléctrica no sector onde se registou, provocando uma pequena inundação.

No telefonema para o «New York Post», o informador anónimo disse que a bomba fora colocada «em honra do aniversário de Ho Chi Minh», o antigo presidente do Vietname do Norte, que se ainda fosse vivo completaria agora 82 anos.

Foi a segunda bomba que de-

traiu num edifício federal nos últimos 15 meses. Outra explosão no Capitólio em 1 de Março do ano passado.

O pentágono, completado em 15 de Janeiro de 1943, alberga 25000 empregados, mas apenas algumas centenas estavam presentes quando se deu a deflagração.

Apesar dos serviços de segurança terem sido reforçados no Pentágono como nos outros edifícios governamentais depois da explosão de 1 de Março de 1971 no Capitólio — sede do Congresso — que também danificou os lavabos e cuja responsabilidade foi, igualmente, reivindicada pelos «Weathermen», a entrada no Pentágono continua a ser livre. Assim, poderia ter sido introduzida uma bomba de relógio no local, antes das 18 horas, hora do encerramento oficial dos escritórios.

HOMENAGEM A TITO MOREIRA RATO

Mais de quinhentas pessoas de todas as categorias sociais, vindas de vários pontos do país, reuniram-se ontem à noite num jantar de homenagem ao sr. Tito Moreira Rato, presidente do conselho de administração da Companhia Portuguesa de Pesca, no momento em que completa 50 anos de actividade ao serviço da indústria da pesca.

Estiveram presentes algumas figuras representativas de vários

ram em relevo as suas altas qualidades de dirigente empresarial, de desportista e de animador da indústria da pesca em Portugal.

Enviaram telegramas de adesão o ministro da Marinha, almirante Pereira Crespo; governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta, comodoro Valente de Araújo, conde de Praia da Vitória, jornalista Maurício de Oliveira e os comandantes, oficiais e tripulantes da maioria



O sr. Tito Moreira Rato ao usar da palavra

sectores da indústria nacional, nomeadamente os almirantes Henrique Tenreiro, Alberto Lopes Alves, Henrique Jorge e David de Carvalho; comodoros Daniel Duarte Silva e Allen Júnior; dr. Alberto Dionísio, em representação do ministro das Corporações, deputado Raúl Cunha Araújo, capitão-de-mar-e-guerra Tomás Cancela, dr. António Duarte Silva, dr. Eurico Valadão, Aníbal Barreiros, Manuel Neto Portugal, mons. Moreira das Neves e outras individualidades.

Aa várias saudações dirigidas ao sr. Tito Moreira Rato puse-

dos navios de pesca de arrasto em serviço no alto mar.

No final, o sr. Tito Moreira Rato agradeceu emocionado, recordando algumas passagens da sua vida desde que, em 1922, começou a trabalhar na indústria da pesca até ao momento em que passou a dirigir o organismo em que trabalha. Evocou ainda a sua actividade como desportista ao serviço do clube de Paço d'Arcos, saudou o pessoal do mar e de terra, pelos bons serviços prestados à indústria da pesca, e terminou agradecendo a presença dos órgãos de Informação.

VEJA NUM TELEVISOR SIEMENS ESTORIL

FUTEBOL NA TV

TRANSMISSÕES DIRECTAS

Final da Taça das Taças 4.ª feira, 24 Maio 20,30 horas RANGERS - DINAMO DE MOSCOVO	Final da Taça dos Campeões Europeus 4.ª feira, dia 31 Maio 20,30 horas AJAX - INTER DE MILÃO
---	---

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

DL/ESTRANGEIRO

UPI - R - FP - ANI - TELIMPRENSA

Cooperação sino-russa em vésperas da visita de Nixon a Moscovo

PEQUIM, 19 — (R) — A China continua a manter o silêncio sobre a visita do presidente Nixon a Moscovo na próxima segunda-feira, ao mesmo tempo que existem indicações de cooperação sino-soviética no envio de material de guerra para o Vietname do Norte em face do bloqueio americano.

Os órgãos de informação chineses não fizeram ainda quaisquer comentários à ida de Nixon, embora a visita, coincidindo com um período de intensos ataques americanos ao Vietname do Norte, desse a Pequim

a oportunidade de criticar os dirigentes soviéticos.

Alguns diplomatas aqui estabelecidos interpretam o silêncio chinês como um reflexo da nova cooperação a que a China e a União Soviética foram obrigadas para responderem ao bloqueio americano dos portos norte-vietnamitas.

Os aparelhos de Hanoi a Moscovo e Pequim no sentido de porem de parte temporariamente as suas divergências ideológicas, dada a gravidade da situação, parecem ter sido escutadas.

Segundo se julga, os navios soviéticos destinados a Hai-

phong teriam sido desviados para portos chineses, descarregados ali o material, a fim de ele seguir por via férrea para o Vietname do Norte.

DESMENTIDO CUBANO

VARSOVIA, 19 — (FP) — A embaixada de Cuba nesta cidade desmentiu hoje categoricamente as informações de jornais americanos referindo-se a um eventual encontro entre o presidente Nixon eo primeiro ministro Fidel de Castro, na capital polaca.

«Não é possível qualquer en-

contro no género nem em Varsóvia nem noutra capital» declarou um membro da missão diplomática cubana na Polónia.

Fidel Castro, que se encontra actualmente na Bulgária, deve chegar a Varsóvia na primeira semana de Junho, provavelmente a 6 ou 7.

Quanto ao presidente dos Estados Unidos, recorda-se que deve chegar à Polónia a 31 de Maio, para uma visita de 24 horas.

Depois de Sofia, Fidel visitará sucessivamente Bucareste, Budapeste, Varsóvia, Berlim Oriental, Praga e Moscovo.

A YALTA DE NIXON

A menos que algo de inesperado se verifique até ao fim-de-semana, o presidente Richard Nixon dos Estados Unidos efectuará realmente a sua visita à União Soviética, em que tantas esperanças têm sido postas no sentido de um desanuviamento definitivo nas relações entre o Leste e o Oeste. Dissipados os receios de uma reacção violenta da U.R.S.S., e da China ao bloqueio americano dos portos norte-vietnamitas e aos bombardeamentos das principais cidades, Hanoi e Haiphong, e das vias de comunicações, deixou de existir a possibilidade de cancelamento ou adiamento da viagem, apesar da violência da maior escalada da guerra aérea e naval empreendida por Nixon desde o alargamento da guerra do Vietname que comprometeu definitivamente a carreira política do presidente Lyndon Johnson.

A «suavidade» da reacção, nomeadamente, de Moscovo causou, aliás, alguma surpresa, se bem que a situação criada pelo presidente americano relativamente ao Vietname do Norte se assemelhasse à crise dos mísseis de Cuba, de 1962, na qual os E.U.A., e a União Soviética estiveram à beira de um conflito, que corresponderia fatalmente à terceira guerra mundial. Desta vez, o verdadeiro alvo de Nixon seria igualmente a U.R.S.S., colocada assim em posição de desvantagem precisamente em vésperas da conferência cimeira russo-americana de Moscovo.

Perante a perspectiva de derrocada do regime de Saigão, provada a ineficácia da política nixoniana de «vietnamização» sob o impacto do êxito inicial da ofensiva das forças comunistas, o presidente dos Estados Unidos atreveu-se à escalada, arriscando-se a um «poker» audacioso com dois trunfos, a sua intenção de ir até onde fosse necessário para impedir a primeira derrota americana numa guerra e o desejo soviético de não sacrificar a conferência cimeira, que poderá servir de ponto de partida diplomático para a nova ordem internacional destinada a substituir a «guerra fria». É possível, no entanto, que a moderação da «troika» moscovita seja também ditada pelas evidentes vantagens para a U.R.S.S., da continuação da «sangria» sofrida pela América do Norte no Vietname, tanto mais que as

medidas mais recentes como os bombardeamentos e utilização de minas para vantagem certas, quanto à sua eficácia.

Com a ajuda do secretário de Estado Henry Kissinger, Nixon preparou-se desde cedo para a nova ordem internacional em que pretende que o seu país desempenhe ainda um papel de primeiro plano, não obstante os graves problemas internos e externos que o afligem.



NUNO VIEIRA

COMENTÁRIO
INTERNACIONAL

gem e a emergência de novas grandes potências no panorama mundial. Com esse fim, o presidente e o professor Kissinger jogam pelo seguro, recorrendo a fórmulas historicamente já postas à prova: a escalada aeronaval de Johnson, contra o Vietname do Norte socialista, sem que os soviéticos tivessem intervindo, directamente ao lado do seu aliado, as medidas do presidente John Kennedy na crise dos mísseis e a conferência de Yalta, em 1945, na qual russos e americanos (Estaline e Roosevelt) dividiram o mundo entre si. Nesse sentido, é sintomática a acusação do secretário de Estado William Rogers de que a ofensiva no Vietname foi uma tentativa de chantagem de Hanoi para fazer soçobrar a visita de Nixon à União Soviética. O presidente veria portanto a reunião de Moscovo como a sua Yalta, em que os Estados Unidos e a U.R.S.S., poderiam evidentemente os seus interesses acima das pretensões dos pequenos países.

Não foram encontradas bombas no "Queen Elizabeth II"

NOVA YORK, 19 — (R.) — Técnicos britânicos no despoletamento de bombas, lançados de pára-quedas no meio do Atlântico junto do luxuoso paquete «Queen Elizabeth II», não encontraram durante a noite, ao procederem a buscas da popa à proa do navio para descobrir seis bombas que se afirmou te-

rem sido colocadas a bordo.

Altos funcionários da Cunard Steamship Line, incluindo o seu presidente, Victor Matthews, começaram agora a pensar que uma ameaça anónima de fazer ir pelos ares o orgulho da frota de passageiros da Grã-Bretanha, quando navegava para Cherburgo, transportando 1438 pessoas

e entre 850 a 900 tripulantes, não passou de uma tremenda mistificação.

Contudo, para haver duplicidade a certeza, a procura de bombas continuará até o paquete de 65000 toneladas, ancorar amanhã em Cherburgo, enquanto em Nova York um resgate de 350000 dólares (cerca de 9450 contos) se achava à mão num banco, para o caso do misterioso extorsionário telefonar novamente.

TELEFONEMA

O desconhecido, numa conversa de cinco minutos que teve na quarta-feira com um executivo da Cunard, afirmou que tinha dois cúmplices a bordo do paquete — um antigo condenado e um homem sofrendo de um cancro incurável — que fariam deflagrar as bombas quando lhes desse ordem para tal a não ser que o resgate de 350000 dólares fosse pago.

Funcionários da Cunard alertaram a sua sede em Londres e arranjaram tudo com um banco de Nova York para ter o dinheiro pronto em notas de 10 e 20 dólares. Depois, aguardaram, no meio de enorme tensão, um segundo telefonema que, até agora, não foi feito.

Os técnicos foram largados em pára-quedas no oceano perto do paquete, que abrandara, entretanto, de velocidade, e foram recolhidos por um dos gasolinas do «Queen Elizabeth II» e transferidos, depois, para o na-

vio. Nota curiosa: um dos técnicos nunca tinha saltado em pára-quedas.

Quasi todos os passageiros acorreram à amurada do paquete e assistiram à operação. Muitos tiraram fotografias. Nenhum revelou sinais de pânico, embora tivessem sido informados por que razão vinham os técnicos de despoletamento de bombas.

NOVO MÉTODO

A ameaça de fazer ir pelos ares o «Queen Elizabeth II» quando o paquete atravessava o Atlântico constitui uma faceta nova na actual vaga de extorsões por meio de ameaça de bombas.

Antes, os planos para enriquecer rapidamente tinham como alvo as linhas aéreas. O primeiro acto de pirataria aérea em que foi pedido um resgate ocorreu em 1970 quando a Western Airlines entregou 25000 dólares em dinheiro em Anchorage, no Alasca. Um anónimo exigira pelo telefone o dinheiro para se evitar uma explosão a bordo de um dos jactos Boeing da companhia. Nenhuma bomba foi, porém, descoberta.

Em Maio passado, uma conspiração de bomba-resgate rendeu 5000000 dólares australianos a um misterioso «mr. Brown» em Sydney, que ameaçou fazer ir pelos ares um Boeing-707 da Qantas num voo sobre o país. Recebeu o dinheiro, mas foi apanhado alguns meses depois. O bandido era um inglês, de 36 anos, chamado Peter Pasquale Mascari.

Novembro último assistiu ao começo de uma série de «crimes de extorsão por pára-quedas» nos Estados Unidos.

LIVRO SOBRE SIRHAN ENCONTRADO NO CARRO DE BREMER

BALTIMORE (MARYLAND), 19 — (FP) — A segurança nacional americana (FBI) suspeita que Arthur Bremer, acusado da tentativa de homicídio na pessoa de Wallace, tencionava matar também o senador McGovern. Com efeito, os investigadores anunciaram que encontraram no automóvel de Bremer brochuras e prospectos eleitorais de McGovern misturados com os do governador do Alabama. O FBI procurará agora determinar se Bremer também seguiu McGovern como fez com Wallace. Também foi encontrado um outro livro no automóvel de Bremer: «RFK must die», de Robert Kaiser, a respeito de Sirhan, o assassino do senador Robert Kennedy.

WALLACE USARÁ A TV
SILVER SPRING (MARYLAND), 19 — (ANI) — George Wallace, que está a ser submetido a tratamentos destinados a manter a circulação nas pernas, que continuam paralisadas, espera retomar a sua campanha eleitoral com uma mensagem pela televisão antes da convenção democrática, que começa a 10 de Julho — anunciou o seu secretário para a Impren-

sa, Billy Joe Camp, que acrescentou que o governador do Alabama está a recuperar bem.

«Acho que ele pode ser nomeado para a presidência pelo Partido Democrático» — salientou.

Um conhecido neuro cirurgião, que está a tratar Wallace, disse à UPI que o governador poderá voltar à sua campanha eleitoral, numa cadeira de rodas, dentro de um mês, se não surgirem complicações.

Informadores do hospital de Santa Cruz afirmaram que a temperatura e o pulso de Wallace estão um pouco acima dos valores normais, mas explicaram que esta reacção era esperada depois da operação de cinco horas a que foi submetido na segunda-feira à noite, para suspender a hemorragia interna e extrair a bala do estômago.

Embora, três dias depois do atentado, Wallace continue sem sensibilidade nem movimento nas pernas, os médicos consideram que a sua convalescença se está a processar normalmente.

Em círculos médicos afirma-se que as possibilidades de evitar a paralisia permanente da cintura para baixo são cada vez menores.

A N D A R COM GARAGEM AVENIDAS NOVAS

Em prédio de boa construção, composto de 5 quartos, 2 salões, cozinha, copa, 3 casas de banho, despensa, roupeiros e hall.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292-1.º — Telef. 369384/5/6 — 328232/3 — 361756

3.ª SEMANA

**TODOS OS DIAS
À MEIA-NOITE e 15**

**PASSEIO
ao CAMPO**

(Une Partie de Campagne)

Na mesma
programa
o filme

Um filme de **Jean Renoir**

ENCONTRO COM Jean Renoir

entrevista sobre A Regra do Jogo
conduzida por JACQUES RIVETTE



DL/GERAL

AUTÓDROMO DO ESTORIL

Marcada para os dias 17 e 18 de Junho próximo a inauguração oficial do Autódromo do Estoril, antevê-se, desde já, acontecimento espectacularmente relevante no panorama do desporto motorizado.

Uma visita ao Autódromo permite já uma antevisão muito

aproximada da complexidade, extensão e grandiosidade deste ambicioso empreendimento que comporta, além de uma pista preparada para as maiores competições motorizadas a nível internacional, o primeiro cinema-auto ao ar livre em Portugal com lotação para 600 veículos, um auto-hotel, restauran-

tes, bares, lojas, courts de ténis, piscinas e um clube privativo.

Servindo o desporto e o turismo, este empreendimento — seguramente o primeiro na Europa e um dos melhores do mundo — pode considerar-se como uma realidade dinâmica a todos os títulos exemplar.

As brandoas multiplicam-se

O drama de sempre, o drama que se estende como uma condenação pelos tempos fora: ter casa ou não ter casa. Um drama que parece agravar-se todos os dias mais um pouco. Em Macarraques, no concelho de Cascais e por esse País adiante. E, no entanto, em nos-

sa modestíssima opinião, cremos que não se tornaria muito difícil encontrar a solução ideal, sobretudo nos casos em que há um dinheirito para construir. Bastava, para isso, que as burocracias não fossem tão ferozes, e que as Câmaras ajudassem mais. O caso de

Cascais, um concelho que nada tem de pobre, diz-nos alguma coisa. Diz-nos, pelo menos, que a indiferença de muitos anos não se apaga agora, de repente, com planos de emergência, ainda por cima sem estrutura adequada e sem garantias duma solução necessária e profunda. Macarraques será apenas o exemplo que fala das muitas Brandoas que se ocultam por aí, como se ninguém as pudesse ver. Lamenta-se um dos seus moradores:

— Quando vamos deitar contas ao que gastamos, não nos é difícil chegar à conclusão de que uma casa construída clandestinamente nos sai mais cara ainda. Porque além da multa, que já esperamos, temos de pagar mais ao construtor por causa da pressa, temos de «untar» mãos, temos até às vezes de adquirir materiais por preço superior ao que eles valem. Não, senhor, não nos iludimos, uma casa feita às escondidas leva-nos o couro e o cabelo. Mas... se a não fizermos deste modo, quando teremos oportunidade de a fazer?

Pois certamente que se vislumbram aqui algumas das causas porque nascem Brandoas, Macarraques e quejandas clandestinidades. Nestas palavras não há acusação, nem fuga a responsabilidades que sempre se tomam quando dum acto realizado. O que há é lamento. Lamento de pobre, em quem a ambição de ter casa nem sequer é ambição, mas unicamente apelo a uma sobrevivência mais condigna.

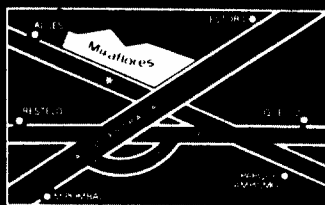
Embargar e arrasar não resolve o problema dos Macarraques desta terra. Provavelmente até complica. Decerto que existem outras soluções a que se torna urgente dar curso. Ou então, vamos todos construir clandestinamente.

O privilégio de viver em Miraflores Lux

(CIDADE RESIDENCIAL)

O gosto bem sentido de viver no prestigioso ambiente social a que pertence

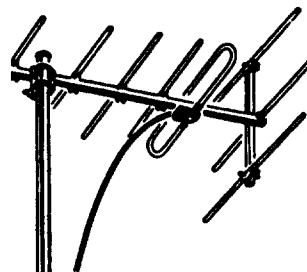
ADVOCADOS 6
ALTOS FUNCIONÁRIOS 6
COMERCIANTES 9
DIRECTORES EMPRESAS 7
DIPLOMATAS 3
ECONOMISTAS 3
ENGENHEIROS E ARQUITECTOS 9
GERENTES COMERCIAIS 7
INDUSTRIAS 6
INVESTIDORES 12
MÉDICOS 8
PROFESSORES 2
PROPRIETÁRIOS 7
INVESTIDORES ESTRANGEIROS 4
DIRECTORES BANCÁRIOS 2
DIVERSOS 9
100



HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, SARL

INFORMAÇÕES E VENDAS: AV. DAS TULIPAS, LOTE 10 - ALGES - TELEFS. 215756 - 216768 - 216749

ANTENAS



PARA RÁDIO E TELEVISÃO

INDIVIDUAIS E COLECTIVAS

J.F.

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.ª

TEL. 654165 * LISBOA

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telfs. 367444/323172

Rua 1.ª de Dezembro, 45

MINILETRA

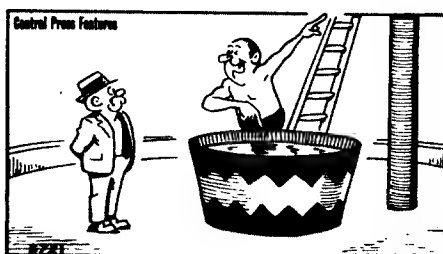


O livro escrito à mão por Veronika Seker, de Ludwigsburg, Alemanha, tem o tamanho de uma unha. Em cinco páginas de 7x7 ela escreveu 20 estrofes de uma poesia de Schiller. Para ler o que esta jovem de 24 anos escreveu à vista desarmada é necessário um vidro de aumento. Um oftalmologista confirmou que Veronika vê 20 vezes melhor do que uma pessoa normal. As suas letras são tão minúsculas que 327 mil cabem num cartão postal. O anterior recordista era o húngaro Lajos Ehmman, com 160 mil letras.



CAROL DAY - Emergency!

by David Wright



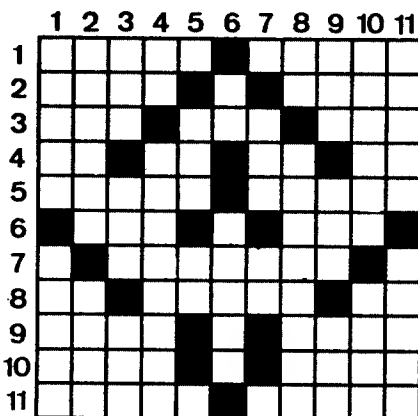
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10093

HORIZONTAIS:

- 1 Escárnio, Bobo (ant).
- 2 Metal precioso de cor amarela. Consumi (fig).
- 3 Recusa. Preposição. Grande quantidade.
- 4 Érbio (sq.). Cobre (sq.). Artigo definido (ant). Nota musical.
- 5 Estrada. Gritar (fig).
- 6 Camareira. Caminha para cá.
- 7 Encerra. Artigo definido.
- 8 Prefixo de negação. Rústico. Activo (s.q.).
- 9 Flutua. Nome de mulher.
- 10 Vigésima quarta parte do dia. Monarcas.
- 11 Guarnecera de asas. Danço.



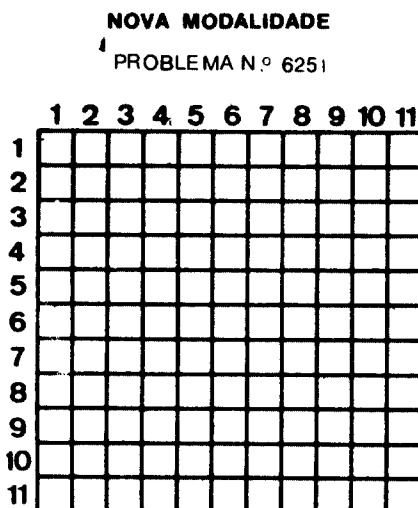
VERTICAIS:

- 1 Vasilha de adueta, de grande lotação, para vinho. Tempo do verbo ter.
- 2 Sairia frequentemente à rua. Extremidade dos braços.
- 3 Rezo. Ninho. Doutora.
- 4 Cobalto (sq.). Chilrear.
- 5 Ponta aguda. Pronome pessoal.
- 6 Compaixão. Semblante.
- 7 Criminoso. Radio (sq.).
- 8 Extremidade da agulha oposta ao bico (lrv.º). O mesmo que nivelar.
- 9 Tempo do verbo ir. Les. Obrigação.
- 10 Agucam. Pousio (Prov. trasm.).
- 11 Entontecer. Casualidade.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passelempo o PROVÉRBO nele inscrito.

HORIZONTAIS:

- 1 Chefe ou príncipe mongol ou persa. Nome de letra. Cabo.
- 2 Qualquer riachoque desemboca no oceano. Freguesia do concelho de Felgueiras.
- 3 Apagara.
- 4 Rio de Moçambique. Colocará.
- 5 Atmosfera. Cidade do estado de Minas Gerais. Disparata.
- 6 Oferece. Oásis. Pago (abrev.).
- 7 Transpirar. Lavram.
- 8 Crítica (fig).
- 9 Freguesia do concelho de Felgueiras. Cidade da Manchúria.
- 10 Quatrellosa. Rio do Distrito Federal (Bras.).
- 11 Nome de astro. Rio da Suíça.



VERTICAIS:

- 1 Despreza (fig). Parte do casco das cavalgaduras, entre a tapa e a palma.
- 2 Nesse lugar. Língua moderna do Paquistão, mesclada de estrangeirismos árabes e persas. Sódio (sq.).
- 3 Trapaça. Cidade e porto da Dinamarca.
- 4 Uma das mais antigas divindades da Índia, deus da justiça e da morte. Estado do réu.
- 5 Cura. O mesmo que mangual (ant e prov).
- 6 Cidade de França. Cume.
- 7 Juslapor. Ribeira de Portugal.
- 8 Anéis Acrescentara.
- 9 Vender a crédito. Franzir.
- 10 Tempo do verbo ir. Nome do trono imperial da Etiópia. Cidade da antiga Caldeia.
- 11 Alfabeto telegráfico que representa as letras por pontos e traços. Macacas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10092

HORIZONTAIS

- 1 GRILHÕES
- 2 Errar. Andes.
- 3 Muas. Uive.
- 4 Al. Bei. Ter.
- 5 Draga. Trará.
- 6 Sôr. Aer.
- 7 Arola.
- 8 Ora. Ipê. Com.
- 9 Rial. Creme.
- 10 Reata. Ouros.
- 11 Osso. Masa.

VERTICAIS

- 1 NEM. DE. OIRO
- 2 Ruar. Erres.
- 3 Gratas. Aias.
- 4 Ras. Goa. Ato.
- 5 Ir. Barrela.
- 6 Te. Op.
- 7 Ha. Itálico.
- 8 ONU. Rea. Rum.
- 9 Editar. Cera.
- 10 Sever. Pomos.
- 11 Serás. Mesa.

Provérbio: Grilhões nem de ouro

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6250

HORIZONTAIS

- 1 Aloj. Alost.
- 2 Lapa. Arau.
- 3 Ota. Ulo. Am.
- 4 Já. Crise. Rã.
- 5 Odio. Sras.
- 6 Arre! Iças.
- 7 Malaios.
- 8 Amada. Hama.
- 9 Tina. Aves.
- 10 Ana. Cem. Agá.
- 11 Raros. Ramal.

VERTICAIS

- 1 Alo. Catar.
- 2 Latada. Mina.
- 3 Opa. Imanar.
- 4 Lá. Corada.
- 5 Ur. Ela. Cs.
- 6 Alim. Be.
- 7 Os. Ill. Mr.
- 8 La. Escola.
- 9 Ora. Resavam.
- 10 Sairas. Mega.
- 11 Tunas. Casal.

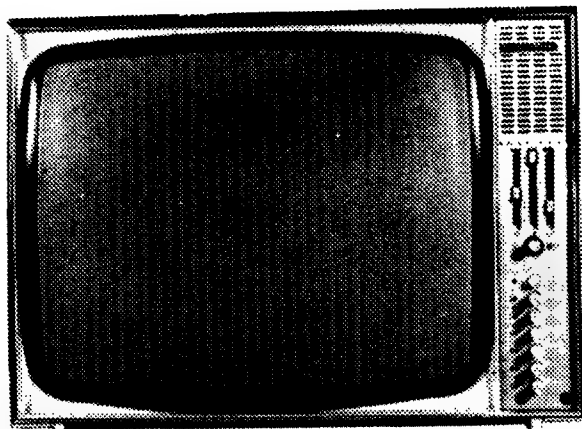


— Diga-me francamente de que é que tem de pedir perdão à sua mulher e eu lhe aconselharei as flores adequadas



— Desculpe, papá, mas lá na escola disseram-me que a luta contra a população deve começar em casa...

GRUNDIG



**TELEVISORES
RÁDIOS
GRAVADORES
HI-FI**

A. OLIVEIRA

Avenida Almirante Reis, 91-A • LISBOA

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

**SEM ENTRADA
SEM FIADOR**

RESTAURANTE E SNACK BAR

VELEIRO

PRAIA DE CARCAVELOS
REABRIU COM NOVA GERÊNCIA

DL/DESPORTOS

PRESS INTERNACIONAL

A menos de cem dias das Olimpíadas

Carl Metz, presidente da companhia de construções olímpicas, declarou que tudo estará pronto a tempo, devido à chuva, atrasou, apenas, a colocação da pista de atletismo no grande estádio. Por outro lado, as condições atmosféricas têm favorecido os paisagistas ocupados com a plantação de árvores e a manutenção dos relvados. A piscina já tem água e as resistências para 12 mil atletas que deverão estar presentes encontram-se praticamente acabadas. Aliás, grupos de «hippies» descobriram já o conforto da aldeia olímpica. A polícia é que parece disposta a não os deixar gozar desse conforto.

RECEBIDOS COM MÚSICA

Não haverá em Munique marchas militares nem bater de botas, como aconteceu nos jogos de Berlim, quando mandava na Alemanha um homenzinho de bigode chamado Adolfo. As representações de cada país serão recebidas ao som de música da sua terra. Os americanos escutarão «When the saints go marching in»; os mexicanos, a «Dança do chapéu mexicano»; quando se ouvir um samba, um mambo ou uma bossa nova, é porque está a

entrar uma equipa sul-americana. Haverá instrumentos de corda tipicamente asiáticos para assinalarem a entrada de atletas orientais e os africanos serão recebidos ao som de «bongos» e «tumbas». Para a Alemanha Ocidental foi composta, propositadamente, uma música que não diz nada... chama-se «Walkie, Talkie!»! Entretanto, os chefes da orquestra mostram-se um tanto embaraçados. Que música escolher, por exemplo, para Luxemburgo ou o Liechtenstein?

AMERICANOS INTRANQUILOS

Os Estados Unidos terão em Munique a mais bem treinada e mais cara representação de sempre. Bastará dizer que a comissão olímpica lá do sítio

dispôs de uma verba de 270 mil contos para fincar o desenvolvimento de talentos e a preparação para os jogos pan-americanos de 1971, os Jogos de Inverno de Sapporo e as Olimpíadas de Verão. Ainda assim, Art Lenz, director do comité norte-americano não se mostra optimista: «os resultados podem não ser tão bons como da última vez» — observa. (Nós observamos que, no México — portanto na última vez — os Estados Unidos superaram, pela primeira vez, a União Soviética, no número total de medalhas conquistadas. 107 para 91). Os receios de Art Lenz incidem precisamente nas especialidades consideradas mais seguras, basquetebol, provas de velocidade pura, salto à vara, peso, disco. Por outro lado, registaram-se melhores resultados em modalidades em que os americanos eram tidos por mais fracos, ciclismo, pugilismo, luta, ginástica, pentatlo moderno, vela e pólo aquático.

LIQUORI NÃO VAI A MUNIQUE

Era a grande esperança dos Estados Unidos para os 1.500 metros — Marty Liquori, estudante da Universidade que abandonará as competições até ao fim do ano corrente, por ter de submeter-se a uma intervenção cirúrgica. Liquori, de 22 anos, é vítima de um tumor no calcanhar esquerdo.

TIRO AO ARCO: ESTREIA

O tiro ao arco estará pela primeira vez presente nos Jogos Olímpicos, este ano, em Moçambique. Reuniram-se nesta cidade, para a realização de um torneio, 65 arqueiros de 15 países. Entre eles, nomes grandes aqui como a soviética Gapchenko (campeã do mundo) e o dinamarquês Jacobsen.

BRASIL: lei travará número de equipas profissionais de bola

O presidente da Confederação Brasileira de Desportos, João Havelange, condenou a ideia de alguns empresários paulistas de transformarem os clubes em empresas e salientou que estes são definidos por lei como «sociedades civis sem fins lucrativos, sendo impossível subscreverem acções na bolsa de valores, a não ser que qualquer aumento de recursos seja investigado na construção de sedes sociais ou recintos desportivos.

Havelange anunciou para breve uma lei tendente a reduzir o número de equipas profissionais de futebol no Brasil. O objectivo é fortalecer os clubes mais desafogados e eliminar os que têm «deficit» económicos. Gostaríamos de ver os resultados da aplicação de uma lei assim... cá.

Frazier vai pendurar as luvas



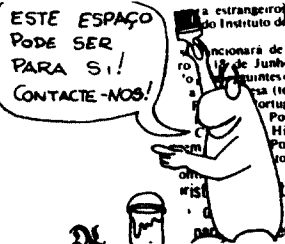
O senhor da direita é o próximo adversário do campeão mundial dos «pesados» Joe Frazier (à esquerda). Chama-se Ron Stander mas também é conhecido por «carniceiro de Bluffs». O combate está marcado para o próximo dia 25.

Entretanto, o campeão mundial dos pesados declarou que vai abandonar o pugilismo no próximo ano. Frazier admite que não vai ser fácil. «Sou jovem e forte e é difícil uma pessoa afastar-se do desporto». Evocando o seu passado de «boxeur», o campeão disse que combatia desde os oito anos. Queria ser outro Joe Louis, mas o seu estilo acabou por assemelhar-se ao de Henry Armstrong, que estava sempre em movimento.

3

PRODUTOS
DE ALTA
QUALIDADE

Arroz «TREVO»
Arroz «MOÇAMBIQUE»
Especiarias «TREVO»



COM PORTA

BANHO OU LAVAGEM
DE AUTOS
NO CAMPO
NA PRAIA



CAFINA

Rua Pedro Nunes, 2
Tel. 560415 — LISBOA-1

FOLHETO GRATIS



APARTAMENTOS MOBILADOS OU SEM MÓVEIS NO CENTRO DE CASCAIS

Com lindíssima vista de mar, junto à praia, estação e zona comercial. Alugam-se ao ano ou à época.

Trata **JOAQUIM BARAONA**

Av. Valbom, 28, 1.º — CASCAIS — Tel.: 28 23 45 — 28 07 49

DI/DESPORTOS

REPORTAGEM

Uma ampla campanha de difusão da prática do minibásquete entre as camadas infantis da população, vai ser promovida pela Direcção-Geral da Educação Física e Desportos, de colaboração com uma rede de empresas comerciais e através do aproveitamento de verbas por estas reservadas a publicidade. Diligência-se criar, até Outubro, dois mil centros para servir 40 mil crianças.

«Operação Minibásquete» visa, a curto prazo, a aquisição do material didáctico indispensável para promover o «Mini» nas escolas, clubes desportivos e associações culturais, quer das zonas citadinas quer nas zonas rurais, em toda a parte onde animadores adultos desejam colaborar na batalha da educação pelo desenvolvimento das aptidões físicas, psicológicas e intelectuais da criança.



Lá ao alto, imediatamente acima do cesto, vai aparecer o nome de um produto comercial, empresa ou organização interessada em colaborar na «Operação Minibásquete».



Equipas mistas, co-educação aplicada em progresso nítido. Desporto, ainda e sempre, o exemplo.

Para já, a Direcção-Geral dos Desportos possui a indispensável infra-estrutura de técnicos preparados para arrancar nas zonas mais populosas. Falta o equipamento, uma vez que por cada centro de minibásquete são necessários 2 postes removíveis com tabelas, 16 camisolas, 16 calções, 16 pares de sapatos, 2 bolas, um manual de regras para cada aluno e outro manual para o animador. É a partir destes dados que a «operação mini» arrancou, o que demonstra a atenção da D.G. à realidade dos tempos presentes e à influência avassaladora da publicidade em tudo o que seja actividade económica. Trata-se de aproveitar esta corrente e tentar extrair dela as vantagens pretendidas, esquecendo impedimentos de ordem educativa que (noutros tempos e com outra mentalidade certamente seriam sobrevalorizados).

Ainda não há muito tivemos conhecimento que o direito de uma escolha lisboeta se recusara a aceitar a oferta de tabelas de minibásquete por parte de uma conhecida marca da cerveja, alegando alegando que a colaboração do nome da cerveja junto ao cesto iria estimular o consumo por parte dos miúdos e portanto, para aprender a jogar, corriam o risco do estímulo à embriaguez.

OBJECTIVO TEM LARGA AMPLITUDE

Toda esta máquina gigantesca está já em movimento. O «Grupo 2000» contratou com a Direcção-Geral toda a montagem da campanha,

DONA PUBLICIDADE AJUDA MINIBASQUETE A CRESCER

como seja contactar as firmas comerciais e contratar com elas, nas seguintes condições. Cada empresa fornece o material destinado a um centro de minibásquete, despendendo para tanto um pouco menos de três mil escudos. Em contrapartida é oferecida a possibilidade de inserção de publicidade sobre as duas tabelas (ao alto e à altura do aro) e em oito das dezasseis camisolas. Ou seja, para a formação de uma equipa com publicidade, ficando a outra isenta.

Os equipamentos são fabricados em Portugal, em empresas escolhidas por uma Comissão composta por representantes do Núcleo Nacional de Minibásquete, correspondendo às normas de qualidade exigidas pela prática deste desporto, em plena expansão em todo o mundo e de grandes potencialidades educativas. Os locais de instalação do equipamento podem ser escolhidos pelos respectivos patrocinadores.

Como esta iniciativa, a D.G.D. conta instalar até ao início do ano lectivo próximo (Outubro-72) dois mil postos de minibásquete servindo quarenta mil jovens entre os oito e os doze anos. O que é de facto grandioso se for conseguido.

CONVÍVIO LISBOETA EM PLENA ANIMAÇÃO

Entretanto, decorre em Lisboa o Convívio anual, a que concorrem os estabelecimentos de ensino particular e oficial, clubes populares e todos os demais centros já existentes em bom número na capital. Milhares de jovens (moços e moças) estão há algumas semanas a conviver pelo desporto, e vão jogando entre si para escolher a representação de cada centro, ao festival final, que decorrerá no Pavilhão da Ajuda, nos princípios de Julho.

A todos os interessados aqui deixamos o programa de amanhã, com os votos de são convívio desportivo.

CONVITE PARA VER

Meninas actua no Colégio Militar. Jogos programados. Paula Vicente-Pedro de Santarém, Física de Torres-Vedras-Pedro de Santarém (Jardim), e Pontinha-Francisco Arruda.

Competições masculinas. Colégio Militar-Eugénio dos Santos, Nuno Gonçalves-Manuel Bernardes e Pedro de Santarém-Algés (no



Enquanto uns jogam os outros descansam. Mas não deixam de seguir interessados as andanças da bola a caminho do cesto, impulsionada por mãos jovens que hão-de segurar o futuro.

Colégio Militar; Manuel da Maia-Francisco Arruda, Seixal-Nacional, Atlético-Belenenses e Rio Seco-Barreirense (na Francisco Arruda); Nau Bérrio-Algés e Luso-Francisco (no Barreiro).

No Sport Algés e Dafundo estarão em acção equipas de meninas. Programa dos embates. Nacional-Luís Verney, D. Pedro Varela-Francisco Arruda (Algés), Francisco Arruda (Miraflores)-Paula Vicente, Belenenses e Francisco Arruda (sede) defrontam-se no campo da segunda turma. E, no Colégio Militar, jogam a Academia

de Santa Cecília contra a Física de Torres Vedras.

Os rapazes têm outras competições. Colégio Militar-Eugénio dos Santos e Escola Alemã-Manuel Bernardes (Colégio Militar), Francisco Arruda-Escola Luís de Camões, Manuel da Maia-Juventude da Lapa, Belenenses-Luís Verney (na Francisco Arruda), Roque Gameiro Atlético, Ferreira Borges-Barreirense, Francisco Arruda (Algés) -Cruz Quebradense, D. Pedro Varela-Nacional, Francisco Arruda (Miraflores)-Seixal e Algés-Valsassina (no Algés e Dafundo).

Quanto a equipas mistas, actua no Sport Algés e Dafundo, D. Pedro Varela-Nau Bérrio, Roque Gameiro-Luís Verney e Nacional-Francisco Arruda.

Todos os embates se processam a partir das 16 horas.



Por enquanto as camisolas apenas ostentam números. Receberão em breve com publicidade, mas não é por isso que a alegria de jogar e conviver vai diminuir no pátio das escolas deste país.

FAMOSO CIENTISTA RUSSO descobre um importante segredo: como viver mais tempo com mais saúde



ELI METCHNIKOFF, um dos mais brilhantes cientistas do mundo, tornou-se famoso quando descobriu os glóbulos do sangue e a sua acção defensiva do organismo. Metchnikoff descobriu também que a maior fraqueza do homem está no seu tubo digestivo. Este canal está todo enlaidado e é constantemente contaminado por micróbios produtores de fermentações e venenos prejudiciais que produzem mal-estar e tiram anos de vida. Metchnikoff procurou a forma de remediar isto. Observou que os pastores búlgaros eram extraordinariamente vigorosos e isentos de complicações e desarranjos intestinais. Verificou-se que eles bebiam leite azedo. Seria esta a razão?

OS LIVROS SAGRADOS

Na Bíblia fala-se frequentemente em leite azedo. Abraão ofereceu-o aos três anjos. Moisés incluiu-o entre os alimentos que Jeová deu ao seu povo. Mas foi Metchnikoff que deu a conhecer ao Mundo moderno o maravilhoso *Lactobacillus Acidophilus*. Este micro-organismo é uma preciosa ajuda para o bom funcionamento intestinal... agora fácil de obter com iogurte express BÉVITA.

HISTÓRIA DA ÁGUA A FERVER

Ninguém ignora que a água a ferver destrói os micróbios. Pasteur demonstrou isso há muito tempo. Se pudéssemos deitar água a ferver sobre os biliões de micróbios que pululam nos nossos intestinos

todos os germes nocivos seriam destruídos, mas morreriam também os bons.

COM «BÉVITA» CONSEGUE MAIS QUE COM ÁGUA A FERVER

Apareceu o Bévita — o iogurte express que contém o maravilhoso *Acidophilus*. Logo que os *Acidophilus* chegam ao intestino começam a trabalhar para si. Ajudam as bactérias boas, encorajam-nas e dão-lhes forças para lutarem e destruir as perigosas bactérias putrefactivas. A flora intestinal fica sã e livre de impurezas que lhe envenenam a existência. Quando os amigos *Acidophilus* acabarem com as putrefacções sentir-se-á bem, comerá com mais entusiasmo porque se sente mais jovem, com olhos brilhantes e ideias claras. Experimente a agradável sensação de se sentir completamente limpo por dentro, mais leve e muito mais bem disposto. Comece a tomar BÉVITA ainda hoje.

UM SEGREDO DA NATUREZA ENCERRADO NUMA LATA DE «BÉVITA» PARA LHE PROPORCIONAR BEM-ESTAR

Nunca fora possível conservar os *Acidophilus* adormecidos para reviverem no instante desejado. Conseguiu-se isso agora no BÉVITA. Um processo especial conserva esses micro-organismos adormecidos. Quando chegam ao intestino acordam e começam a trabalhar activamente para si eliminando as bactérias putrefactivas. Todos os ali-

mentos que ingere não podem ser aproveitados convenientemente se o seu tubo digestivo estiver sujo. O BÉVITA faz com que os alimentos possam ser aproveitados como deve ser. Sucedem coisas maravilhosas no seu organismo assim que começa a tomar o BÉVITA. Comece hoje mesmo.

O SUPER-IOGURTE EXPRESS BÉVITA devolve-lhe a alegria de viver. Ele é o único iogurte instantâneo do Mundo! É maravilhoso! BÉVITA ajuda a acabar com as putrefacções intestinais, fomentando um incomparável bem-estar. Junte-se a água simples, a leite ou a sumo de frutos e verá como a sua vida é outra.

O BÉVITA só está à venda nas melhores mercearias e supermercados. Se não encontrar o BÉVITA, preencha e cole o cupão abaixo num postal e remeta-o para:

O BÉVITA só está à venda nas melhores mercearias e supermercados. Se não encontrar o BÉVITA, preencha e cole o cupão abaixo num postal e remeta-o para:

diese ALIMENTAÇÃO RACIONAL av. da República, 46 - Lisboa 1



As dores de cabeça podem ser causadas por venenos originados por bactérias putrefactivas. Mau hálito e gases, também resultam de fermentações anormais. Cansaço, indolência, sono agitado, falta de apetite, enfartamentos, são normalmente causados pelas putrefacções.

O SEGREDO DO BEM-ESTAR quando se passa da meia idade

A pressão dos gases nos parados do intestino, causa dores e má disposição



Peço que enviem na volta do correio

- ☐ lata individual de BÉVITA (para 50 iogurtes) 45\$00
- ☐ lata familiar de BÉVITA (para 100 iogurtes) 75\$00

NOME

MORADA

DL/DESPORTOS

FUTEBOL

NA HORA DA ANGÚSTIA

Académica de Coimbra quer árbitros isentos para as suas "guerras"

Quem para dirigir o encontro Boavista-Académica? Que árbitro terá a coragem de apitar no Lima? Que juiz pretenderão os dois «réus», no domingo à tarde?

Jorge Humberto, (o médico transitória e investido nas funções de treinador dos estudantes) resume o que pensam os seus pupilos:

— Para mim, qualquer árbitro serve: desde que não se esqueça de arbitrar com justiça!

E isso (justiça e isenção) que se pede para o Lima. Em rápida sondagem entre os futebolistas

da Académica, foi também a ideia que nos ficou. Até há cerca de um mês, Francisco Lobo era o homem em que jogavam os escolares. Mas, depois da partida de Aveiro (com o Beira-Mar) ficaram sem mais vontade de o ver pela frente. De resto, a descrença sobre a capacidade dos árbitros actuais parece ter-se generalizado no seio da equipa, depois de incidentes vários ao longo do Nacional...

Além destes pormenores, a equipa da Académica treina tranquilamente, confia nas possibilidades próprias, acredita

que Mário Wilson leve o Vitória de Guimarães ao triunfo em Tomar e, sobretudo, ganha novo alento por verificar que todos os futebolistas estão em perfeitas condições de jogo, sem lesões, sem castigos e com tudo a funcionar bem.

SIMÕES, VALA E COSTA NA LINHA PARA O LIMA

A Académica tem seguido uma preparação normal para a época, apesar das dificuldades do momento presente e da importância que esta semana de trabalho pode vir a ter em relação ao futuro de toda a estrutura do futebol coimbrão.

Terça-feira foi dia de preparação física e exercícios individuais, na quarta houve preparação física para os habituais titulares e treino de conjunto da reserva e dos juniores. Ontem, decorreu a sessão de conjunto: entre a equipa principal e os elementos ultimamente convocados reforçados com outros reservistas. Hoje, Jorge Humberto orientou um ligeiro treino em que o basquetebol foi preponderante, seguindo-se banhos e massagens e partida para Vila do Conde: onde a Académica fica em repouso até ao jogo de domingo.

Sempre da parte da tarde, com Fernando Vaz a assistir e a supervisionar as actividades semanais, a Académica apresta-se para o embate decisivo: e para jogar, não só o futuro futebolístico da secção, como até o futuro de alguns dos beneficiados com bolsas e que serão reduzidos a cerca de metade se a equipa fracassar. Quanto à linha provável contra o Boavista não parece haver alterações previstas, pois em Vila do Conde concentram-se os onze da vitória sobre o União de Tomar (Melo; Brasfemes, Alinho, Belo e Simões; Gervásio e Vitor Campos; Mário Campos, Manuel António, Vala e Costa) e os também recentemente convocados, Cardoso, Martinho, Luis Eugénio, Cano Brito e José Freixo.

Para Jorge Humberto, esta calma que precede as grandes jornadas é positiva, tanto mais que a vitória nítida sobre um dos mais próximos adversários foi incentivo de vulto:



Oliveira Duarte e Serafim: mesmo «fortezinhos» treinam com aplicação

— O bom jogo contra o União de Tomar (na Luz, também já havíamos jogado bastante bem) deveu-se em grande parte à descontração dos rapazes. Nota-se preocupação fora do campo, mas lá dentro parecem não acusar este momento difícil da vida da «Briosa». Se no Lima acontecer o mesmo, podemos ganhar e libertar-mo-nos desta angústia.

Assistimos a parte de um treino, destacando-se a particularidade de Rocha parecer cada vez mais jovem, um autêntico júnior, na altura e no entusiasmo. A seu lado, os «veteranos» Oliveira Duarte e Serafim e os

mais novos Raul Aguiar e José Manuel (irmão de Artur Jorge), adestrando-se para o que der e vier na tarde do Lima. De lesões, nada. O que inspira confiança.

A ACADEMICA NÃO MORRERÁ

No entanto, só optimismo não chega: e, ainda que a Académica triunfe no Lima, a acção de terceiros pode atirá-la mesmo para a segunda divisão. Já se pensou nisso, muito a sério. Já se gerou (até) um movimento entre os jogadores mais antigos para assinar os seus compromissos

Reportagem de DANIEL REIS

Fotos de LOBO PIMENTEL JR.

dos desportivos em relação à próxima época, ainda antes que a descida se concretize e a descrença leve alguns a desistir e a mudar de ares.

Mário Campos, o único elemento que esteve em todas as horas boas e más da Académica no presente campeonato (é o único totalista) garante a esse respeito:

— A Académica não morrerá desca ou não de divisão. Estou convencido que noventa por cento dos jogadores que este ano a defenderam continuarão cá. Só ainda não assinámos porque os directores pediram para aguardar até se decidir da sorte da equipa. Se descermos, com muito menores receitas, será necessário reduzir os quadros. Nessa altura poderiam ser dispensados alguns jogadores que já tivessem assinado, o que os prejudicaria se quisessem tentar a sorte noutra clube.

Segundo informação que nos prestaram no Estádio Municipal a massa associativa do clube (a secção de futebol é um clube dentro da Associação Académica, com massa associativa própria, directrizes exclusivas e nem sempre obrigatoriamente condizentes com as da Académica) continua a apoiar a equipa, havendo mesmo mais meio milhar de sócios do que nos bons velhos tempos de Mário Wilson em que Coimbra conheceu as horas melhores do seu futebol.

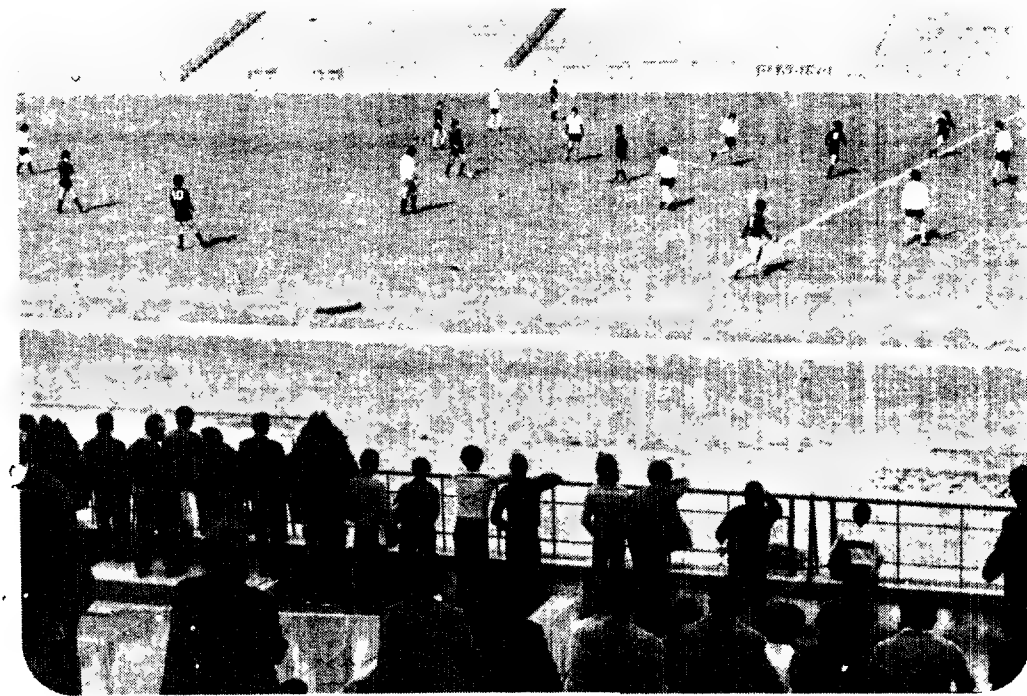
Por último, outra nota informativa: Fernando Vaz está menos nervoso, rejuvenescido e com um ar mais saudável, como que a reerguer-se da crise e do vendaval que o atingiu nos últimos meses. E já criou amizades na cidade: uma delas a de Miguel Torga, o médico-poeta por quem o Presidente da Assembleia Geral dos Treinadores nutre uma admiração especial.



Jorge Humberto treina Melo, um homem para o Lima



Na bancada: Fernando Vaz, jogadores e directores



Coimbra vê com os olhos a carreira da Académica

Uma bola no Buraco

TEXTO DE JOSE ANTONIO SARAIVA



ACADÉMICA: PRETO QUER DIZER LUTO

Em penúltimo lugar, auge à beira de cair. A esperança já quase morta. E eu pergunto: 2.ª Divisão, se for, agora por quanto tempo?

A partir daqui, depois do domingo que vem, o preto das camisolas, das meias e dos calções, pode passar a querer dizer luto. Luto por quanto tempo? E difícil dizê-lo. Porque Coimbra recordará agora Évora e o Lusitano, o Caldas Sport Clube. Que andaram muito tempo lá no alto. E escorregaram. E caíram. E nunca mais se levantaram.

Sangrada, a Académica acabou por perder forças. Que nestas coisas de clubes, nos dias que passam, ou se come ou se é comido. Artur Jorge, Toni, Quinho, Rui Rodrigues. O moço loiro Artur. Todos, hoje «internacionais» por Portugal. Chupados. Comidos. Saídos sem deixar recompensa.

Coimbra acabou por definir. Baixar as armas. Que o negócio, agora, já não é jogar a bola: é ganhar dinheiro — ou não ganhar. Uma Académica desprevenida iria ser carne terna para os comilões do jogo.

Banquete pelo preço de uma «económica».

E, ao mesmo tempo que Coimbra se afundava, Setúbal, encostada a outro rio, via a barreira crescer. Enquanto Coimbra de sorriso triste amarelecia, Setúbal, impante, amontoava as fichas à frente.

Que a desdita da Académica não é partida pregada pelo acaso: é o sinal dos novos tempos. Da máquina e da indústria. Académica na 2.ª Divisão será a certeza de um outro tempo que de domingo para domingo se esconde mais no escuro do tempo passado.

Coimbra das coisas mortas. Da saudade. Da tradição. Das serenatas, das guitarras e do fado. Das lavadeiras. Do Mondego esvaziado. Do Hilário. Coimbra, talvez, da 2.ª Divisão.

E enquanto o relógio da Universidade passa de dia para dia a bater horas, o preto, das meias, dos calções, o preto triste das camisolas, agora, já mesmo neste domingo, pode vir a dizer luto.

JOSE ANTONIO SARAIVA

Prof. Eduardo Amaral

A convite do prof. Vicente Pozuelo, da Faculdade de Medicina de Madrid, partiu para a capital espanhola o prof. Eduardo Amaral, que ali vai proferir uma conferência sobre «Cirurgia da tiróideia», no 5.º Curso Internacional de Endocrinologia.

Alberto Ferreira em Santarém

Hoje, às 21 e 45, no Círculo Cultural Scalabitano, em Santarém, o escritor dr. Alberto Ferreira fará uma conferência intitulada «Ensaio de ficção literária». A entrada é livre.



O seu corpo estará preparado para vestir o seu fato de banho ou vestidos próprios para a temporada? Num tempo «record» ele retomará o aspecto juvenil pelo mais moderno processo de emagrecimento: A GINASTICA ELECTRONICA. Tratamentos ao domicílio pelas nossas «visitadoras de beleza» especializadas. Marcação e inf. EURO DINAMICA, LDA. T. 534208

DI/DESPORTOS

Yazalde comanda ataque verde à Luz

O «leão» Yazalde regressa no jogo da Luz. Estes são os sportinguistas convocados: Damas, Pedro Gomes, Laranjeira, José Carlos, Hilário, Manaca, Peres, Lourenço, Chico, Yazalde, Dinis, Caló, Tomé, Dani, Nelson e Nando.

No Benfica, Artur Jorge, Humberto e Vítor Baptista estão em dúvida para domingo: mas não admirará que da lista de convocados constem os nomes dos mesmos jogadores que foram a Guimarães.

No cumprimento de serviço militar, Lourenço (do Sporting) segue, em Julho, para Cabinda.

O novo técnico ao serviço dos leões, Ronnie Allen, que tem passado o melhor do seu tempinho em Alvalade, vai residir no Estoril.

O Benfica não se inscreveu na «Taça Ribeiro dos Reis». O Sporting também não. O Porto, igualmente. Falando do Porto: o novo técnico do clube, Fernando Riera, deve chegar na próxima quinta-feira. Entretanto, a direcção não quer conformar-se com a escolha de Ilhavo, para a realização do jogo contra o Beira-Mar.

C.U.F.: aquisições e dispensas. O jogador Moia (do Cova da Piedade, vinculado ao Oliveirense) já chegou a acordo com o clube: falta apenas resolver as coisas com a sua equipa de origem. Juvenal, tudo indica, irá para o Sporting. Mais difícil será a questão do pretendido ingresso do sportinguista Gonçalves no clube fabril.

BELENENSES E SPORTING ABREM AMANHÃ TORNEIO DE FUTEBOL JUVENIL

Principia amanhã, no Estádio do Bonfim, o torneio de futebol juvenil, organizado pelas «Produções Lança Moreira» de colaboração com o Vitória de Setúbal e o Desportivo da Cuf. Seis equipas nacionais e duas estrangeiras, irão disputar o troféu «Lança Moreira», um nome grande do desporto que continua presente no estímulo aos mais jovens atletas.

O Torneio Internacional de Juvenis, reservado a futebolistas de idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos, é inaugurado com um Belenenses-Sporting seguindo-se o Vitória contra a turma inglesa do Huddersfield. A primeira jornada completa-se na manhã de domingo, no Estádio Alfredo da Silva, com os jogos Porto-Benfica e Desportivo da Cuf-Cannes.

Naturalmente que será muito difícil prever quais serão as equipas com mais possibilidades de triunfo final: das seis turmas portuguesas presentes no Torneio, sabe-se apenas do carinho que o Benfica e o Belenenses

dedicam às camadas mais jovens dos seus futebolistas, do entusiasmo com que o Vitória e o Desportivo da Cuf trabalham na preparação deste torneio, do interesse que Sporting e F.C. do Porto terão em proporcionar bons espectáculos aos assistentes. E, das estrangeiras, apenas que da turma do Cannes fazem parte vários juniores que disputaram o torneio internacional daquela cidade.

Dos pontos de interrogação que o desconhecimento do valor absoluto de cada equipa proporciona, advém um interesse ainda maior por parte do público. A sua presença curiosa nas bancadas do Bonfim e do «Alfredo da Silva», vai naturalmente emprestar maior beleza e encanto a um torneio dotado com um troféu bastante significativo e que tem ainda outros motivos de interesse: serão distinguidos o jogador que mais golos marcar, o guarda-redes que menos golos sofrer, e o atleta mais correcto. Uma grande iniciativa vai ser amanhã inaugurada.

MÃO PARTIDA ROUBA FÉLIX A "CANÁRIO"?

RIO DE JANEIRO; 19 — (ANI) — O guarda-redes Félix, do Fluminense, convocado para a selecção do Brasil que disputará «Taça Independência», sofreu um acidente, no jogo com o São Cristóvão, e fracturou a mão esquerda.

Félix devia apresentar-se na segunda-feira para os treinos da selecção. Devido a este acidente não poderá restabelecer-se a tempo e os médicos afirmam que ficará com a mão engessada cerca de vinte dias.

Félix sofreu o acidente, logo aos dez minutos de jogo, para evitar um golo. O futebolista Teia, do São Cristóvão, caiu sobre a mão do guarda-redes: Félix sofreu uma fissura no metatarso do dedo anelar, da mão esquerda.

Deve ser substituído na selecção por um dos jogadores que a comissão técnica de futebol da CBD indicou: Leão (do Palmeiras), Sérgio (do S. Paulo) Wendell (do Botafogo) e Renato (do Flamengo).

Futebol de Verão: o Sporting vai jogar nos Estados Unidos, em Julho. De passagem, disputará dois jogos nos Açores. Entretanto, os dirigentes leoninos propuseram datas para uma eventual deslocação a França (onde a equipa defrontaria o Stade Rennais) e estudam um convite proveniente da Jugoslávia.

Decidido: Portugal apenas terá duas equipas na «Taça da U.E.F.A.. Em contrapartida há beneficiados sem explicação. Veja-se o que ficou resolvido em Londres em referência aos 64 lugares disponíveis na sucessora da «Taça das Feiras»:

Uma equipa — Eire, Finlândia, Islândia, Luxemburgo, Malta, Irlanda do Norte e Chipre.

Duas equipas — Bélgica, Bulgária, Dinamarca, Alemanha de Leste, Grécia, Holanda, Noruega, Austrália, Polónia, Portugal, Roménia, Suécia, Suíça, URSS, Checoslováquia, Turquia, Escócia e Hungria.

Três equipas — Espanha, França e Jugoslávia.

Quatro equipas — Alemanha de Oeste, Inglaterra e Itália.

George Best é um brincalhão: faltou à concentração, em Glasgow, da equipa da Irlanda do Norte que jogará amanhã com a Escócia. Há diversas hipóteses: o famoso extremo pode estar em Malaga, nas Ilhas Seychelles ou em Londres. De certeza apenas se acredita numa coisa: deve estar bem acompanhado.

A Bélgica derrotou por 4-0 a Islândia.



«ALL STARS» EM LUANDA — Esta equipa, formada pelos basquetebolistas norte-americanos que actuam em clubes portugueses, deverá efectuar dois encontros na capital angolana, contra a selecção de «Esperanças» e a que participará nos jogos Luso-Brasileiros. Entretanto, os americanos venceram ontem a Académica de Lourenço Marques por 84-71.

RICO E A INCÓGNITA — O jogador-treinador Eubébio que veio a Lisboa para assistir ao funeral de seu irmão, declarou em Luanda que as causas da morte do jogador varzinista ainda não estão apuradas e que foi boato a ideia da congestão.

MOÇAMBIQUE — Foi nomeado e tomou posse do cargo de presidente da Associação Provincial de Futebol, o eng. Camilo Silveira da Costa.

ATLETISMO — A Associação lisboeta promove no próximo fim-de-semana, os «Regionais» de Juniores masculinos e femininos, no Estádio «Almirante Américo Thomaz». No Estádio Universitário de Lisboa efectua-se os «Regionais» de veteranos e o Torneio Aberto de Infantis.

HOMENAGEM — O Sport Algés e Dafundo, com uma série de jogos inter-sócios, prestou jus aos seus campeões de basquetebol.

FARO — Amanhã, pelas 16 horas, realiza-se a 1.ª jornada dos Campeonatos Regionais de Atletismo (Juniores masculinos e femininos).

RÁGUEBI — No próximo domingo estarão em acção as equipas participantes na «Taça de Portugal» e Campeonatos Nacionais de Juniores e Juvenis, este último já na fase final.

ANDEBOL — Amanhã, por todo o país, prossegue a 3.ª eliminatória da Taça de Portugal da modalidade.

CONTAS E ELEIÇÕES — Na próxima 2.ª feira a assembleia-geral do Hockey Clube de Portugal vai analisar o trabalho da gerência anterior e eleger o novo elenco directivo.

«DIA DE CLUBE» — Assim é considerado o jogo de futebol

em que o Atlético defronta o Belenenses: os associados do clube alcantarense terão de abrir os cordões à bolsa para assistir ao encontro.

PUNIÇÕES RAGUEBISTAS — Foi marcada falta de comparência à Académica no jogo com o Benfica, em Juniores. O mesmo quanto à Taça de Portugal no respeitante à colectividade de Évora, Santarém, Medicina e Juventude.

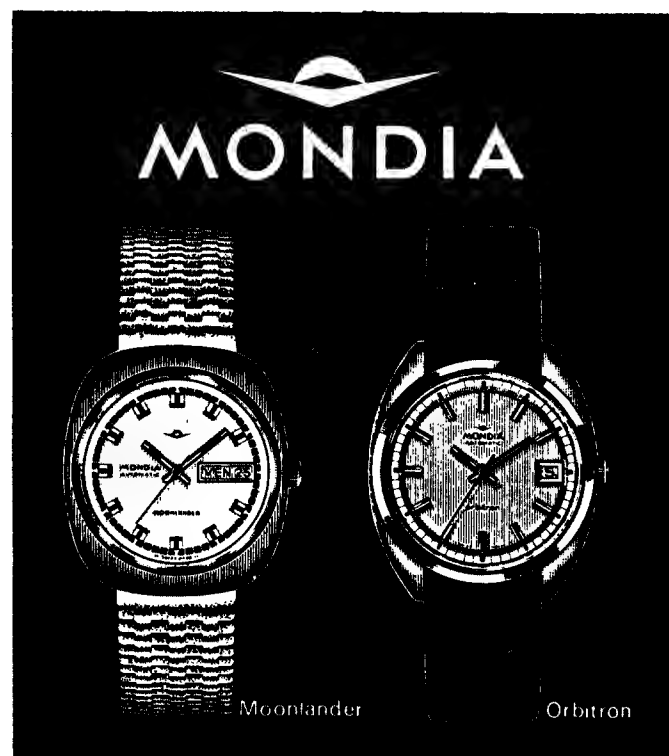
LOJA ALUGA-SE

Na melhor rua comercial de Cascais, junto à estação dos C. Ferro, praias, etc. Próprio para Snack-Bar ou Boite.

Trata JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28-1.º — CASCAIS

Tels.: 28 23 45 - 28 07 49



SÍMBOLO DA HORA EXACTA

MOVADO — ZENITH — MONDIA

Holding Horloger S. A.

A venda nas boas ourivesarias e relojoarias



AGÊNCIA DE LEILÕES

«ANTIQUÁRIA»

de ANTÓNIO JOSÉ, LDA.

IMPORTANTE

LEILÃO

DE

BOM ESPÓLIO

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, N.º 165-3.º, Esq.

Por determinação do meretíssimo juiz correedor da 4.ª Vara Cível desta comarca, irá à praça hoje, 6.ª feira às 21 horas e amanhã, sábado, às 15 e às 21 horas, o espólio deixado por óbito de ALBERTINO SANTOS ou MARIA DE PORTUGAL, conceituada ceramista, cujos autos de liquidação em benefício do Estado pendem na referida Vara e que nos vamos referir: jóias em ouro e de prata com brilhantes e diamantes, pratos com diversas marcas tudo com avaliação no Montepio Geral, mobiliário rico antigo e género antigo nos estilos D. Maria, D. José, bilros (cama coroada em pau-santo), Império, Renascença, rica estante c/ figuras douradas, mesas de abas, arca antiga com leões em madeira, armários antigos de vidrinhos, sala Renascença e mobília de sala de jantar no mesmo estilo, boa cómoda D. José antiga, cadeirões c/ couros e pregaria, carpetes orientais e nacionais, cristais antigos Bacarat, Murano e outros, muitas faianças de: Battistini (algumas peças únicas), louças diversas, marfins, peças de vitrine, espelhos Renascença, boa credência antiga c/ talha francesa, cadeira florentina bem trabalhada, boa mesa de sala indo-portuguesa c/ bonitos embutidos em marfim, samovar antigo em metal, relógios e figuras em bronze assinados, por Costa Mota, e outros, cadeirões c/ balaustras (Ct.º Mafra) antigos, jarras francesas c/ pinturas, bom oratório em viático e pau-santo com crucifixo antigo escultura em marfim, 2 ricas imagens em madeira antigas Santo António e N.ª S.ª da Conceição, lampadário em prata e quadros sacros, candeeiros de madeira dourada, mapas diversos, bonita e antiga cadeira francesa dourada, mesa antiga Luís XV c/ toucador, bonitas jarras em cristal vermelho e azul c/ pingentes, rico armário c/ talha e figuras dourado e policromado, jarrões em faiança Battistini c/ tampas, floreiras, pratos, guarda-jóias em faiança, travessas China, Índia e outras.

QUADROS A ÓLEOS, AGUARELAS E DESENHOS

De: F. Branco, G. Sailande, Leopoldo Battistini, Breruma Ousting, pintura sacra s/ madeira século XVIII, vários quadros a óleo antigos sem assinaturas, aguarelas de: auto-retrato de Battistini, João Rodrigues, Rosa Rodrigues, Gujetta Marchisio (quadro c/ceia), 1 aguarela de C. Chiostri c/ dedicatória ao mestre Battistini datada de 1899, desenhos de: G. Saillande, 1 retrato de Ramalho Ortigão c/ dedicatória a Maria de Portugal datada de 1948, 1 carta dedicada ao escritor Joaquim Leitão c/ caricaturas em aguarela assinado Abel Pessoa, gravuras várias destacando-se uma antiga da cidade do Porto 1789.

Muitos pertences de cozinha, 1 cama articulada para doentes, frigorífico, roupas de uso e de vestuário, esquentadores, roupeiros e muitas velharias para serem vendidos pelos lances obtidos em praça.

FAZ ESTA BOA ALMOEDA A CONCEITUADA

bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Elec	Compra	Venda
Cons. 2 3/4	435\$		
Cons. 3 1/2	452\$		
Cons. 3 1/2	557\$		
Centenários	1.285\$		
Tes. 5 1/2 57	1.000\$		
Ext. 1.ª s.	610\$	700\$	
Ext. 3.ª s.	610\$		
Ext. 3.ª s.	800\$	840\$	
Ext. 3.ª s.	830\$		
Caul. 3.ª s.	170\$		

FUNDOS PÚBLICOS

A. Lx. 6	950\$	960\$
C. M. L. 5 3/4		
C. P. 5.5	945\$	
C. P. 5.5	900\$	930\$
C. P. 5.5	69	
Corr. 5 3/4	930\$	925\$
Met. 5 3/4	910\$	
Tur. 5 3/4	1.010\$	1.010\$
C. P. 63/4	1.010\$	1.010\$

ELÉCTRICAS

G. 5 1/2	58		
G. 5 1/2	59		850\$
G. 5 1/2	62		967\$
G. 5 1/2	63		967\$
G. 5 1/2	64		967\$
G. 5 1/2	65		965\$
G. 6 1/2	67		940\$
G. 6 1/2	69		1.010\$
G. 7 1/2	71		800\$
H. E. C. 5 1/2			790\$
H. E. C. 6 1/2	920\$	910\$	930\$
H. E. D. 5 1/2	791\$	785\$	795\$
H. E. D. 6 1/2			965\$
H. E. N. P. 5 1/2			810\$
H. E. S. E. 5 1/2			930\$
H. E. S. E. 6 1/2			950\$
H. E. Z. 5 1/2			850\$
H. E. Z. 6 1/2			960\$
N. E. 5 1/2			780\$
N. E. 6 1/2			970\$
Termoel. 5 1/2			
U. E. P. 5 1/2			740\$
U. E. P. 6 1/2			975\$

DIVERSAS

A. P. T. 5 1/2	56		870\$
A. P. T. 5 1/2	58		870\$
Lisnave 6 1/2			
Nitratos 60			
Pet. 2.ª e 3.ª			880\$
Sacor 7 1/2	1.003\$	1.000\$	1.003\$
Sacor 5 1/2	930\$	930\$	
Sacor 5 1/2			850\$
Sid. 5 1/2			790\$
Sid. 5 1/2			790\$
Sid. 5 1/2			
Socet. 5 1/2			920\$
U. Fabril 67			940\$
U. Fabril 68	930\$	925\$	935\$

ULTRAMARINAS

Carbonif. 5 1/2			
Rev. 5 1/2			
Rev. 5 1/2	59/60		
Mocamb. 5 1/2		420\$	500\$
Sonete 5 1/2		810\$	

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	3.180\$	3.180\$	3.190\$
Alentejo	1.390\$	1.385\$	1.395\$
Angola	3.540\$	3.540\$	3.550\$
Cred. Predial	6.230\$	6.220\$	6.230\$
Esp. Santo	9.240\$	9.230\$	9.250\$
Fomento		4.700\$	4.750\$
F. & Burnay			37.000\$
N. Ultr. m.	5.720\$	5.720\$	5.750\$
N. Ultr. c.	6.200\$	6.200\$	6.220\$
Portugal n.		4.700\$	4.900\$
Portugal p.		5.800\$	5.900\$
P. Atlântico	11.500\$	11.500\$	11.600\$
Totta & Agores	6.020\$	6.010\$	6.030\$
Algarve	2.190\$	2.190\$	2.200\$
Borges & Irmão	8.130\$	8.100\$	8.200\$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273



Banco Borges e Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	12-5-72	18-5-72	19-5-72
GERAL	192,4	189,7	188,8
METROPOL	194,7	192,4	191,5
ULTRAM	175,9	169,9	169,3

De Seguros

Alentejo	150\$		151\$
Bonança			
Império			21.000\$
Mundial	1.380\$	1.375\$	1.390\$
Soberana			1.850\$
Tranquilidade			

Electricas

C. P. E. p.	1.106\$	1.104\$	1.108\$
C. P. E. n.	1.108\$	1.107\$	1.110\$
E. Beiras			1.790\$
G. Elec. c.	342\$	341\$	342\$
H. E. A. A.	168\$	167\$	168\$
H. E. N. P.			235\$
H. E. S. E.	1.900\$	1.880\$	1.950\$
U. E. P.			191\$

Ultramarinas

Ag. Casseque	1.040\$	1.040\$	1.045\$
Ag. Incomati			2.700\$
Ag. S. T. e P.		170\$	190\$
Ag. Angola			990\$
Ang. Agric.		630\$	
Boror			130\$
Boror Com			
Buzi	87\$	86\$	88\$
Cabinda	145\$	146\$	150\$
Com. Lobito			840\$
D. A. T. 100	1.940\$	1.930\$	1.950\$
H. E. Revue			590\$
I. do Princ.		450\$	
Mocambique			170\$
Sonete n.			
Sonete p.			
Zambézia			66\$

Diversas

Ag. Lx. ant.		420\$	
Ag. Lx. 34		430\$	436\$
Ag. Lx. 36	415\$	410\$	415\$
Cel. Guadiana			
C. Leria p.	6.000\$		6.000\$
C. Tejo p.		14.000\$	14.200\$
F. Ramada			
Fornos Eléct.		135\$	138\$
P. Celulose			3.930\$
Siderurgia p.	4.470\$	4.450\$	4.500\$
Siderurgia n.	2.950\$	2.950\$	2.970\$
Socet			
Cida	6.750\$	6.700\$	6.800\$
C. U. F.	3.100\$	3.080\$	3.120\$
Intar	540\$	535\$	545\$
Nitratos		1.010\$	1.100\$
Petroquímica	1.085\$	1.075\$	1.085\$
Sacor	3.000\$	2.980\$	3.020\$
Tab. Portugal	1.850\$	1.850\$	1.900\$
Tabaqueira		7.300\$	7.450\$
U. F. Azoto	807\$	805\$	809\$
Empor			300\$
Ind. Aliança			
I. P. Colón			
Nac. Naveg.	7.395\$	7.370\$	7.399\$
Naveg. (Col.)	2.300\$		2.310\$
P. Pesca	1.050\$	1.030\$	
Matur			
R. Marconi	2.000\$		
TAP	1.260\$	1.260\$	
Compal			700\$
Salvor			1.500\$
Penina			1.250\$
Grão-Pará			

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico			
F. I. D. E. S.			

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul - Rands	31\$50	34\$00
Alemanha - Marco	8\$35	8\$65
América		
Dollars de 1 a 2	26\$20	26\$90
Dollars de 5 a 20	26\$50	27\$30
Dollars de 50 a 1000	26\$60	27\$40
Argentina - Peso Novo	1\$80	2\$80
Austria - Schilling	1\$17	1\$22
Bélgica - Franco	\$60	\$63
Brasil - Cruzeiro	\$370	\$470
Canadá - Dólar	26\$70	27\$50
Dinamarca - Coroa	\$375	\$405
Espanha - Peseta	\$41	\$43
Francia - Franco	\$535	\$565
Holanda - Florim	\$825	\$855
Inglaterra - Libra	70\$00	72\$00
Italia - Lira	\$04.45	\$04.75
Marrocos - Dirhan	\$500	\$550
Noruega - Coroa	\$395	\$425
Suecia - Coroa	\$545	\$575
Suiza - Franco	\$693	\$718
Ouro		
Inglaterra - Libra Isabel	395\$00	425\$00
Inglaterra - 1/2 Libra	330\$00	355\$00
Ouro fino Barra	49\$00	51\$50

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praca D. João da Câmara, 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 - Telef. 30309

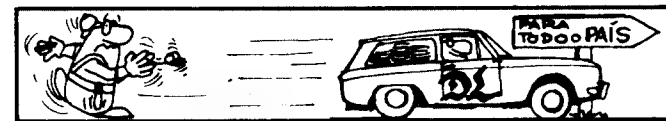
televisão

HOJE
1º Programa (22.30)
SÉRIE DO OESTE
«LANCER»
O episódio desta noite intitula-se «Quanto vale um homem» e será interpretado pelos artistas, James Stacey, Wayne Maunder e Andrew Duggan

2º Programa (22.00)
NOITE DE ÓPERA
«OS MESTRES CANTORES DE NUREMBERG»

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE	AMANHÃ
1º Programa 1º Período 12.45 Abertura e desenhos animados. 13.00 Feminino singular 13.15 Série filmada «Nanny e o Professor» 13.45 Telejornal 1.ª Edição 14.00 Conheça o Portugal desconhecido. 14.25 Hoje pode ver 2º Período 14.40 Ciclo Preparatório TV 19.00 TV Educativa 19.25 Filme infantil 19.30 Telejornal 2.ª edição 19.50 50 anos história 21.00 Política do Fomento Pecuário, encontro com o Presidente da Junta dos Produtores Pecuários de Pereira Lucas. 21.30 Telejornal 3.ª edição 22.00 Frente a frente 22.30 «Lancer» 23.30 Telejornal últimas notícias 23.40 Meditação e fecho. 2º Programa 20.30 Abertura e desenhos animados. 20.45 Vária 21.00 Série filmada «Nanny e o Professor» 21.30 Telejornal 3.ª edição. 22.00 Noite de ópera «Os Mestres cantores de Nuremberg» 23.25 Fecho.	1º Programa 12.45 Abertura e desenhos animados 13.00 O caso da semana 13.15 Viver no campo 13.45 Telejornal 1.ª edição 14.00 Do lá si 14.25 Hoje pode ver 14.40 TV Educativa 15.05 Daniel Boone 15.55 Estúdio sem marcação 16.25 As flores e o seu mundo 16.50 Programa feminino 17.20 Teledesperto 17.50 Pop 25 19.15 ...e a vida continua... 19.30 Telejornal 2.ª Edição 19.45 Skippy 20.10 Ensaio 21.00 Se bem me lembro 21.30 Telejornal 3.ª edição 22.00 Os caminhos de Noé 22.30 Canzonissima 23.30 Telejornal 23.40 Meditação e fecho. 2º Programa 20.30 Abertura e desenhos animados 20.45 O caso da semana 21.00 Viver no campo 21.30 Telejornal 3.ª edição 22.00 Sabe... 22.45 Dr. Marcus Welby 23.35 Fecho.



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C. V. P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Jose	86 0131	C. R. G. E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P. S. P.	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco moderado de Oeste; caíam aguaceiros em vários locais de Norte e Centro.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	12º
PENHAS DOUR.	3º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	9º
LISBOA	14º
FARO	17º
FUNCHAL	18º

TEMPERATURAS EXTREMAS

MONTE ESTORIL
Máxima 24,5º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 0º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	14,2º
Atmosfera	14,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
9.13 3,2 m.	2.35 1,3 m.
21.32 3,4 m.	14.47 1,6 m.

Dia 20

10.17 3,1 m.	3.48 1,4 m.
22.38 3,4 m.	16.02 1,7 m.

Dia 21

11.21 3,2 m.	4.57 1,4 m.
23.41 3,3 m.	17.11 1,6 m.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco moderado em quadrantes de Oeste; períodos de chuva ou aguaceiros em especial a Norte do Rio Tejo.

AMANHÃ	Nascer às	Ocaso às
	6.21	20.46

Amanhã	Dia 28	Dia 4	Dia 11

EMISSORA 1.º Programa

16.05 Melodias de cinema
16.30 Convívio — programa da juventude
17.05 Convívio (Cont.)
18.05 Ao encontro da melodia, com a Orquestra de Bert Kaempfert
18.30 Forças armadas, programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional
19.10 Passatempo musical
19.30 Recordar é viver, por Maria Natália Bispo
20.00 Diário sonoro
20.30 Apresentação do folhetim «História de Amor»
20.50 Solos de órgão
21.00 Momento 72
21.30 Língua portuguesa, pelo Dr. António Ribeiro dos Santos
21.40 Ao sabor da fantasia
22.00 Noite de Teatro, «Fausto»
23.55 De um dia para o outro, por Fernando Correia
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho.

2.º Programa

16.00 Ciclo do barroco italiano
16.45 Música de vanguarda, Festival de Estrasburgo de 1971
17.32 O compositor do mês, Dvorak 3.º acto da ópera «O Diabo e Catarina»
19.00 Música portuguesa
19.49 Concertino da Primavera, de Darius Milhaud
20.00 Diário sonoro
20.20 «Música de arco
20.30 Uma obra para canto e conjunto instrumental

21.30 Concerto promovido pela Sociedade de Concertos de Lisboa

23.00 Emissão em línguas estrangeiras

01.15 Fecho.

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO — MF 2

21.00 Concerto organizado pela Sociedade de Concertos de Lisboa

23.10 Romeu e Julieta (bailado)

00.10 Transmissão das 32 sonatas para piano, de Beethoven

01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

16.00 Programa CDC

18.00/21.00 Programa «Movimento»

21.03 Portugal além da Europa

21.15 Música para meditar

21.32 Impacto

22.30 Quando o telefone toca

23.05 Grande roda

0.02 «P.B.X.»

2.00 A noite é nossa

6.00 Diário rural

7.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Programa CDC

17.57 O nosso programa

19.04 Vértice

21.02 Boa noite em FM

22.02 Programa à Gô-Gô

0.02 Em órbita dos

1.02 Banda sonora

2.00 Perspectiva

3.00 Fecho

Emissor de Miramar

16.04 Programa CDC

18.00 Depois do chá

18.30 Elaa e o seu mundo

18.45 Matinée Teatral

19.03 Miscelânea

19.17 Conjunto

19.30 Estúdio 64

20.10 Norte dia a dia

21.05 Só-Rádio

21.45 Mensageiro do evangelho

22.00 Noticiário

22.02 Em destaque

22.15 Novas de alegria

22.30 Variedades

23.04 Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Radiorama

18.00 Música e canções da América Latina

18.20 Boletem litúrgico

18.30 Terço e bênção da Basílica dos Mártires

19.05 A vida é uma coisa maravilhos

19.30 Página 1

21.00 Meditando

21.03 Programa dos sócios

22.00 Quando o telefone toca

22.30 Pentagrama

22.45 «Só música»

23.00 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO GRAÇA

6.00 às 10.00 e das 14.30 às 17

RÁDIO PENINSULAR

10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22

C. RADIOFÓNICO DE PORTUG

12.00 às 14.30

RÁDIO VOZ DE LISBOA

17.00 às 19.30 e das 22.00 às 2

farmácias de serviço

LISBOA

ALCANTARA:

Dilema, R. Aliança Operária, 49-B (Tel. 636620); Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (Tel. 636704); Vieira da Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (Tel. 660187)

ALTO DO PINA:

Ibérica, Rua Barão de Sabrosa, 253-A (Tel. 728277)

ALVALADE:

Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho 101-D (à Avenida D. Rodrigo da Cunha) (Tel. 722384); Sanex, Avenida da Igreja, 31-C (Tel. 717505); Rio de Janeiro, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida Estados Unidos da América) (Tel. 721409)

AMEIXOEIRA:

S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (Tel. 970969)

ARCO DO CEGO:

S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A (Tel. 534027)

AREIRO:

Algarve, Avenida de Roma, 7-B (Tel. 731478)

ARROIOS:

Pancada, R. Rebelo da Silva, 11 (Tel. 43340); Castro, Avenida Almirante Reis, 76-A (Tel. 821973)

AVENIDA DA LIBERDADE

Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (Tel. 44995); Cruz Nunes, Praça Duque de Saldanha, 14 (Tel. 41845)

BAIRRO ALTO:

Sanitas, Praça Luis de Camões, 24 (Tel. 322798)

BAIRRO DA ENCARNÇÃO:

Ascesso, Praça do Norte, 11 (tel. 311216 e 310172)

BAIXA:

Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (Tel. 326575)

BELÉM:

Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias 63-A (Tel. 611454)

BENFICA:

Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-B (Tel. 704828)

CAMÕES:

Sanitas, Praça Luis de Camões, 24 (Tel. 322798)

CAMPOLIDE:

Olveira, Rua de Campolide 54-A (Tel. 684424)

CAMPO DE OURIQUE:

Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (Tel. 686176); Urbano de Freitas, R. Silva Carvalho, 5 (Tel. 662838); Tagus, Praceita da Rua Possidónio da Silva, 162-A (Tel. 669485); Pimheiro, R. de Campolide, 131 (Tel. 686640)

CARNIDE:

Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (Tel. 780969)

JANELAS VERDES:

Reis Garrido, R. das Janelas Verdes, 90 (Tel. 662327)

LAPA:

Mota Capitão, Rua de S. Felix, 45-B (Tel. 660720)

LUMIAR:

Central, Rua do Lumiar, 75 (Tel. 790480)

MARQUÊS DE POMBAL:

Liberal, Avenida Liberdade, 219 (Tel. 43641)

MOURARIA:

Silva, Calçada de Santo André, 16 (Tel. 862074)

OLIVAIS:

Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, Lote 199 (Olvais-Sul) (Tel. 313610); Central dos Olvais, Rua Alfes Barriero Ruas, 7-C (Olvais-Norte) (Tel. 315539)

PENHA DE FRANÇA:

Branquinho, Rua de Sapadores, 87 (Tel. 842725)

PICHELEIRA:

Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (Tel. 720703-728395)

RATO:

Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (Tel. 681947)

RESTELO:

Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à encosta do Restelo) (Tel. 612248)

SANTO AMARO:

Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Tel. 638193); Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (Tel. 636704)

S. BENTO:

Fénix, R. da Cruz dos Poais, 52 (Tel. 678531)

S. MIGUEL:

S. Miguel, Praça Francisco de Moraes, 1 (Tel. 771469)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:

Novais, Avenida Luís Bivar, 11 (Tel. 44324)

SETE RIOS:

Curie, Avenida Madame Curie, 15-A (Tel. 778439); Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (Tel. 761035)

SOCORRO:

Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (Tel. 42829)

XABREGAS:

Conceição, Calçada de D. Gaspar, 30 (Tel. 381279)

LINHA DE CASCAIS

ALGES:

Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 213953)

CAXIAS:

Novas, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS:

Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS:

Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)

PAREDE:

Macaú, R. José Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785)

S. JOÃO DO ESTORIL

S. João, (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL

Suiza, Cruzeiro (Tel. 260087)

CASCAIS

Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); Nova, Est. de Alvide-Fountainhas (Tel. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)

DAMAIA

Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ

Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045); Correia, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)

CACÉM

Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS

Quimã, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA

Marráz, L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155)

COLARES

Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALMO VEDROS

Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA

Central, R. de Oliveira, 11 (Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA

Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO

Picarra, Av. do Bocage, 65-A (Tel. 2274771)

COVA DA PIEDADE

Imperio, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel. 274356)

MOITA

União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO

Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370)

SESIMBRA

Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETUBAL

Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408); Portugal, R. Camilo Castelo Branco (Tel. 23211)

SEIXAL

Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

SUB-TURNO A

Canavarro, R. da Restauração, 53; Constituição (da), Rua da Constituição, 93; Ferreira de Carvalho, Rua do Bonjardim, 354; Oriental, Rua do Bonjardim, 727; Padrão, Largo do Padrão, 342; Ramos, Pr. Exérc. Libertador, 91

SUB-TURNO B

Figueiredo, Lda. R. de Cedofeita, 125; Lido (do), Rua do Lido, 171; Parente, Rua das Flores, 114; Sousa Soares, Rua de Santa Catarina, 141; Vitória, Rua de S. R. da Lameira, 756

COIMBRA

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (tel 22961); Donato, Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (tel 22603); Rainha Santa, Rua Figueira da Foz, 11-B (tel 24737)

cinemas

cinemas

cinemas

S. JORGE (Tel. 54153)

15.15-18.15-21.30 (Grupo D-18 anos) «VERDADE AMARGA» com Burt Lancaster, Shelley Winters e Telly Savalas Domingo às 11 h. (18 anos) «EM TRES UM É DEMAIS»

AVIZ (Tel. 47173)

15.30-21.45 (Grupo B-10 anos) «TRINITY-COW-BOY INSOLENT» com Terence Hill e Bud Spencer (O Western do ano) em 16.ª Semana

POLITEAMA (Tel. 326305)

15.15-18.15-21.45 (Grupo D-18 anos) (13.ª Semana de êxito com Renato Rascel, G. Granata e G. Giuffrè «A TRANSPALTAÇÃO» Hoje às 0.30 (Adultos) «REVOLTA DO MONSTRO»

ALVALADE (Tel. 717480)

21.45 (Estreia) (Grupo D-18 anos) «VIDAS INQUIETAS» com Marina Vlady. As 15.15 (Adultos) última de «VIAGEM ENTRE MULHERES»

ROYAL

15.00-21.00 (Grupo D-18 anos) «O IMORAL» com Ugo Tognazzi e «NO CALOR DA NOITE» com Sidney Poitier

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.15-21.30 (Grupo C-14 anos) «DIREITO POR LINHAS TORTAS» um filme com Sidney Poitier e Harry Belafonte. Quinzenas do bom cinema. Hoje às 18.30 (Adultos) «CORACÕES NA PENÚBIA» com Paul Newman e Geraldine Page

APOLLO 70 (Tel. 763319)

14.30-16.45-19.00-21.45 (Grupo D-18 anos) 7.ª Semana O último filme de Mios Forman «TAKING OFF» (os amores de uma adolescente). Hoje às 00.30 (Adultos) «O URSO E A BONECA» com Brigitte Bardot

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)

15.15-21.30 (Grupo D-18 anos) 2.ª Semana «LULITA» com James Mason, Shelley Winters, Peter Sellers e Sue Lin Hoje às 18.30 (10 anos) «UM HOMEM PARA A ETERNIDADE» com Orson Welles e Susannah York

IMPERIAL (Tel. 821933)

15.00-21.00 (Grupo C-14 anos) «CATLOW» com Yul Brynner e Daliah Lavi «UMA RESTEA DE AZUL» com Sodney Portiere Shelley Winters

VOX (Tel. 720808)

15.15-18.30-21.45 (Grupo D-18 anos) «O AMANTE» com Bibi Anderson e Max Von Sydow As 15.15 e 18.30 (Adultos) última de «O REGRESSO»

BERNA (Tel. 776098)

15.15-18.30 e 21.45 (Grupo D-18 anos) 8.ª semana triunfal com Gene Hackman e Roy Scheider em «THE FRENCH CONNECTION» (Os incorruptíveis contra a droga)

CONDES (Tel. 322523)

15.00-18.30-21.45 (Grupo B-10 anos) «LONGE DA MULTIDÃO» com Julie Christie e Alan Bates

LYS (Tel. 48560)

15.00-21.00 (Grupo D-18 anos) «LABIRINTO DE SENTIMENTOS» com Renette Newman e Malcolm Mac Donell. «A PELE DE UM MALANDRO» com Clint Eastwood, Lee J. Cobb e Susan Clark

ODEON (Tel. 326283)

15.15-18.15-21.30 (Grupo C-14 anos) 14.ª Semana «NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º» com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garcés

EDEN (Tel. 320768)

21.45 (Estreia) (Grupo D-18 anos) «AS CRUEIS» com Capucine e Judy Matheson. As 15.30 e 18.30 (Adultos) últimas de «CONCERTO PARA UMA PISTOLA SOLISTA»

TIVOLI (Tel. 50595)

15.15-21.45 2.ª semana (Grupo D-18 anos) «OS IMPOSTORES» com Anna Moffo e Olivia de Havilland

EUROPA (Tel. 651016)

21.30 (Grupo D-18 anos) «QUEM É HARRY KELLERMAN» com Dustin Hoffman. A 15.15 (Adultos) última de «VIDAS CRUZADAS» Sábado e Domingo às 18.15 (6 anos) «CRISTINA E O IMPERADOR»

ROMA (Tel. 727778)

21.45 (Estreia) (Grupo D-18 anos) «LEITO CONJUGAL» com Ugo Tognazzi e Marina Vlady As 15.30 (14 anos) última de LOTAÇÃO ESGOTADA

MUNDIAL (Tel. 538743)

21.45 (Estreia) (Grupo C-14 anos) «SUITE EM HOTEL DE LUXO» com Walter Matthau e Barbara Harris. As 15.15 e 18.30 (14 anos) «A NOITE DAS 8 BALADADAS» com Natalie Delon

LIDO

21.30 (Grupo C-14 anos) «CATLOW» com Yul Brynner e Richard Cranna

SATÉLITE (Tel. 562632)

15.30-18.30 e 21.45 (Grupo D-18 anos) 4.ª Semana «A REGRA DO JOGO» Hoje, 0.15 (Grupo D-18 anos) «PASSEIO AO CAMPO» um filme de Jean Renoir já em 3.ª Semana

LONDRES (Tel. 730579)

14.15-16.30-18.45-21.45 (Grupo D-18 anos) 6.ª Semana «TRISTANA» com Catherine Deneuve, Fernando Rey e Franco Nero na obra-prima de BUÑUEL. Cinema - Snak-bar-Pub «The Flag» Faça três coisas num sítio só

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)

15.30-18.30-21.45 (Grupo D-18 anos) «O JARDIM ONDE VIVEMOS» com Dominique Sanda e Helmut Berger em 5.ª Semana (O filme que ganhou o Oscar da Academia)

CASINO ESTORIL

17.00-21.30 (Grupo D-18 anos) «A DOCE VIDA DE CASTA SUSANA» com Pascal Paoli e Mike Marshall

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)

15.30-18.30 e 21.45 (Grupo C-14 anos) 6.ª Semana «UMA ABELHA NA CHUVA» um filme de Fernando Lopes baseado no Romance de Carlos de Oliveira, com Laura Soveral e João Guedes

outros espectáculos

LISBOA Teatros

VARIEDADES

20.45 e 23.00 (18 anos) «Empresta-me o teu apartamento»

A. B. C.

20.45 e 23.00 (18 anos) «Viva a Pandilha»

GIL VICENTE

22.00 (18 anos) «Ivone Princesa de Borgonha»

VILLARET

21.00 e 23.00 (18 anos) «O Tartufo»

LAURA ALVES

20.45 e 23.00 (18 anos) «Uma cama para toda a gente»

TIVOLI

18.30 (18 anos) «A Curva» e «No Alto Mar»

MARIA VITÓRIA

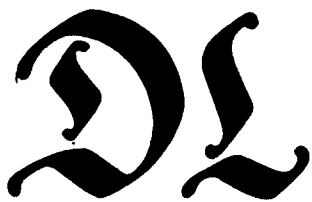
20.45 e 23.00 (18 anos) «Pronto a despir»

LISBOA/Cinemas

OLYMPIA

DL / ÚLTIMAS

DO PAÍS E DO ESTRANGEIRO



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-192, 9.º E 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEF. 1363
LISBOA-PORTUGAL

O CHEFE DO DO ESTADO EM MATOSINHOS

O Chefe do Estado, que se desloca amanhã a Matosinhos, acompanhado do ministro das Corporações e de outras individualidades, inaugura naquela vila o bairro Almirante Américo Thomaz, constituído por 104 novos fogos destinados a pescadores.

As habitações foram mandadas construir pela Junta Central das Casas dos Pescadores.

PAUSA NA CORRIDA AO OURO

Esta manhã os preços praticados em Lisboa na compra e venda de ouro fino continuavam a ser de 49500 e 51550 por grama. Cotação fornecida ontem pelo Grémio dos Bancos e Casas Bancárias, depois da subida vertiginosa verificada nos mercados estrangeiros. Das moedas cunhadas em ouro, apenas se verificaram alterações na libra, cujos preços de compra passaram de 370500 para 395500 (Isabel II), de 430500 para 455500 (Rainha Vitória), e de 410500 para 435500 (Reis).

Em Londres e Zurique a febre da compra do ouro baixou de intensidade, segundo informações fornecidas pela ANI. Os especuladores meteram ao bolso aultados lucros, ao mesmo tempo que o preço do metal precioso descia em relação ao seu valor registado na véspera.

A mesma agência informa que o ministro da Economia e

Finanças da R.F.A., prof. Kave Schiller, ontem, em Bonna, não acreditava que a demissão de Connally, do cargo de secretário do Tesouro norte-americano, possa afectar a situação monetária internacional. «As medidas monetárias decididas na conferência de Washington, em Dezembro, foram combinadas com Connally», afirmou o ministro. «Todas as partes aceitaram o princípio de que não podemos ter uma guerra comercial transatlântica e é provável que nada possa alterar esse facto».

Entretanto, nos mercados mais pequenos da Alemanha Ocidental e da França, o preço do ouro manteve-se ao nível mais alto. Isto deve-se, em parte, ao facto de Francfort ainda estar a atender encomendas feitas ao fim da tarde de quarta-feira e que tiveram de ser transferidas. O preço do ouro,

no mercado de Paris, rigorosamente controlado, encontra-se ainda bastante abaixo dos preços praticados noutros centros. A presente situação provocou também uma acentuada descida das acções das minas auríferas da África do Sul. Na quarta-feira passada aquelas cotações eram as mais elevadas dos últimos três anos.

Reduzido o pessoal da Embaixada americana

CAIRO, 19 — (R) — O ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros pediu aos Estados Unidos que reduzam o pessoal da sua missão no Cairo para metade, no período de um mês, anunciou esta noite a agência noticiosa do Médio Oriente.

EM CIMA DA HORA

Soldados intervêm numa penitenciária

Duzentos soldados, com granadas de gás lacrimogénico e bastões, assaltaram hoje a penitenciária de Moutjoy, na capital da Irlanda do Norte, para acabarem com um motim de presos, que durou seis horas.

Uma centena de presos, chefiados por elementos detidos do Exército Republicano Irlandês (IRA) clandestino, amotinaram-se, largando fogo aos leitos, às portas das celas e ao mobiliário. Quatro guardas foram mantidos como reféns durante algum tempo.

Talhantes de Viseu não querem ser especuladores

Após a reunião no Grémio do Comércio desta cidade e em que participaram comerciantes de carne e talhantes, estes últimos deram a público o seguinte comunicado:

1 — Não pretendem os talhantes de Viseu ser transgressores da lei ou especuladores dos

preços estabelecidos, mas não podemos estar de acordo com a portaria, agora vinda a público, de Sua Excelência o senhor secretário de Estado do Comércio, por se considerar desactualizada em face dos elevados preços que somos obrigados a pagar pelas reses adultas e novilhas.

2 — Como exemplo, vejamos: há oito anos a esta parte, os bovinos adultos, em carcaça,

oscilavam em média entre 29 e 30 escudos por quilo. Hoje, 48 e 50 escudos! Os encargos fiscais, sociais e rendas não param de subir assustadoramente! Além disso, quanto a um possível abastecimento de carne congelada que nos possa ser feito pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários, o público de Viseu ainda não se habituou a ela, portanto não quer.

3 — Que pretendem os talhantes desta praça?

a) Se querem obrigar a abastecer o público com carne congelada dentro das tabelas vigentes, estamos de acordo desde que:

b) nos seja atribuída nos talhos directamente, sem termos de pagar o transporte por nossa conta e risco, do Porto e de Aveiro;

c) que sejamos isentos da taxa de reinspecção a que temos estado sujeitos até esta data;

d) que passem a ser fiscalizadas as entradas de carnes ilegais, vindas diariamente para Viseu sem as mínimas condições de higiene, abatidas na clandestinidade, livres de todos os impostos;

e) acabar com o interme-diário, na medida em que a própria Junta Nacional dos Produtos Pecuários pode adquirir directamente ao lavrador e fornecer os talhos, salvaguardando-nos o lucro legal que qualquer outro comerciante possa ter na sua actividade.

4 — Uma coisa é notória: pode um vestido numa mostra, com uma simples modificação, passar de cem para quinhentos escudos, e dir-se-á: não é caro, é a última moda. Mas se a carne sobe um escudo em quilo, são especuladores os talhantes! Somos talvez os que menos temos contribuído para o elevado custo de vida, que em todo o lado se verifica. Simplesmente, o que se come não se vê, não se expõe, e assim somos considerados especuladores, mas injustamente».

«CRUZEIRO DA AMIZADE» AO BRASIL

Por ocasião das comemorações dos 150.º ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

50.º ANIVERSÁRIO DA 1.ª TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL

UMA VIAGEM COM RECEPÇÕES E FESTIVIDADES OFICIAIS EM HONRA DOS PARTICIPANTES

DE 21 DE AGOSTO A 18 DE SETEMBRO A BORDO DO N/T «INFANTE DOM HENRIQUE», DA C. C. N.

ESPECIALMENTE FRETADO PELA CATUR

29 DIAS

FUNCHAL • RECIFE • SALVADOR (Baía) • RIO DE JANEIRO (8 dias — o navio funciona como hotel) • S. VICENTE • LAS PALMAS

e ainda

SÃO PAULO — SANTOS — BRASÍLIA
BELO HORIZONTE — BUENOS AIRES
(ESGOTADAS VÁRIAS CATEGORIAS)

utilize o nosso sistema de viagens a crédito

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

Agência de Viagens

CATUR

★ LONGAS PERMANÊNCIAS NOS PORTOS
★ SEM FORMALIDADES CONSULARES

DURANTE A VIAGEM TRANSMISSÃO DIRECTA DOS JOGOS OLÍMPICOS PELA TV

CRUZEIRO AO MEDITERRÂNEO 5 Países 1 só Hotel PAQUETE ORIANA 42.000 Toneladas

De 23 de Agosto a 6 de Setembro de 1972, 10 dias.



Visitando:

ESPAÑA • GRÉCIA
TURQUIA • JUGOSLÁVIA
ITÁLIA E GIBRALTAR

Preços desde 12.970\$00

(De Lisboa a Lisboa)

RESERVE JÁ! DESCONTOS ESPECIAIS!

ORGANIZADO EM COLABORAÇÃO COM A

A maior e mais poderosa companhia marítima do mundo.

Reservas e informações

Europeta

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

251, Av. de Liberdade, 225 — LISBOA-1 — Tel. 63 81 31

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Serviço de Música
GRANDE AUDITÓRIO

Hoje, às 18.30 h. • Amanhã, às 15.30 h.

NEW PHONIC ART

CARLOS ROQUÉ ALSINA, piano e órgão eléctrico
J. PIERRE DROUET, percussão • VINKO GLOBOKAR, trombone • MICHEL PORTAL, clarinete e saxofone

Hoje: Obras de VINKO GLOBOKAR, LUCIANO BÉRIO, IGOR STRAWINSKI e CARLOS ALSINA
Amanhã: Improvisação colectiva

AVISO

Chama-se a atenção do público para o facto de a sessão de improvisação colectiva se efectuar às 15.30 h., e não às 18.30 h. conforme por lapso vem referido nos bilhetes de convite.

Hoje e amanhã, às 21.30 h.

ORQUESTRA GULBENKIAN

Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT

Solista: MAURICE ANDRÉ, trompete

Hoje: Obras de MOZART, HAYDN, BRAGA SANTOS e PROKOFIEFF

Amanhã: Obras de BACH, TARTINI, TELEMANN e MOZART

Preços: Concertos — 40\$00, 30\$00 e 20\$00 * 50% de desconto a estudantes.

Sessão de improvisação colectiva — Entrada por convite (os bilhetes de convite encontram-se em distribuição na bilheteira).

Hoje às 21.30 h.: GRUPO B — M/10 anos
Restantes espectáculos: GRUPO A — M/ 6 anos

TEATRO GIL VICENTE

CASCAIS — TEL. 28 09 19

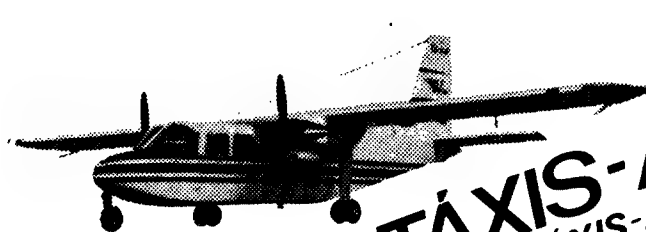
O Teatro Experimental de Cascais

SÓ ATÉ DOMINGO

às 22 horas

IVONE

PRINCESA DE BORGONHA
M/18 de GONBROWICZ



TÁXIS-AÉREOS

TÁXIS-AÉREOS — um meio de deslocação à medida das exigências do continente e ainda Fretamento para 28 localidades do continente e ainda Espanha, Gibraltar, Marrocos, etc.

Ligações regulares 4 vezes por semana entre Lisboa e Covilhã

Consulte o seu Agente de Viagens, os TAP ou os TAC — tel. 716102-729181

TRANSPORTES AÉREOS CONTINENTAIS

TAC



PORQUÊ KELAHIRAN?

É também a nossa pergunta. Vitor Belém, exposição aberta na Buchholz, com início a 22 de Maio, concebeu um espectáculo teatral que se realizou no «Primeiro Acto» em Algés.

No folheto de apresentação faz a pergunta e diz depois: «**Ponto final na exposição-igreja em que o silêncio é sinónimo de morte, Kelahiran tenta romper a barreira entre o criador e o público.**»

E que vimos? O novo-riquismo de um espectáculo que, pretensamente aberto, não é mais que um amontoado de lugares-comuns, com um certo ar modernão, imbuído de uma simbologia tristemente repressora. Jogo de som e luz, jogo cénico pretensiosamente **espectacular**, é a confrangedora visão de uma total incapacidade de entender a Festa que pode (e deve) ser o Teatro.

Adejando no palco, um ser estranho vai motivar a saída da casca de outros dois seres (homem e mulher). E os seus movimentos (de pedestal) irão **criar** os movimentos dos outros dois. **Ela** ajoelha-se. **Ele**, magnânimo, paterno, levanta-a. O ser é motivado pelo som e pela luz. E, em apoteose revisteira ou de **music-hall**, o ser primeiro, deus **ex-machina**, arranca as vísceras e, latejando, marca pelo seu latejar o amor renascente dos seres informes, agora enformados pela sua vontade. Digamos: antes do **strip-tease** do Ritz.

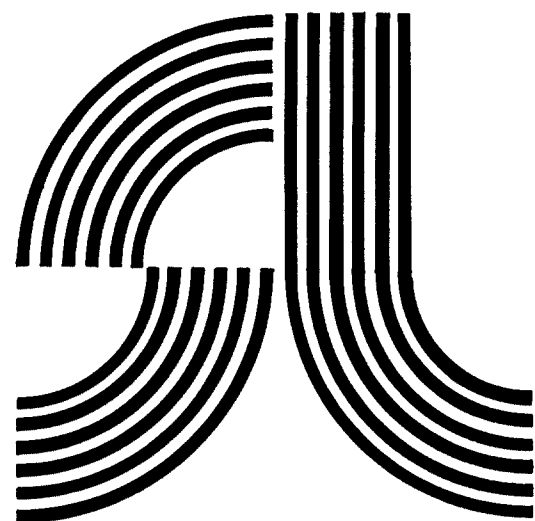
Outro Vitor (Garcia) dera-nos em **O Grande Teatro do Mundo** um renascer do caos do qual este Kelahiran parece decalcado. Mas, atenção! Apenas a forma, os materiais, certas marcações! Este Vitor pode não ter visto o outro Vitor, o que aliás deve ser natural pois os resultados são totalmente diferentes. Enquanto Garcia subverte as propostas tradicionais, Belém embarca nelas fielmente. Seja Ser-do-Espaço, seja Deus, seja o que for, há um fatalismo machista na concepção do espectáculo que não pode deixar de repugnar.

Diga-se a tempo: nada nos move contra Vitor Belém-pintor. A repugnância de que se fala é em relação a um espectáculo que, se fosse montado unicamente com o propósito de levar as pessoas à exposição (ou seja: a promoção), vá lá que vá, mas assim, com todas aquelas palavras escritas, com todo aquele aparato sério, dizendo-se mesmo que **Kalahiran acaba por ser o objecto que eu sinto mais conseguido**, não é não!

Pergunta-se agora: **para quê Kelahiran?**

● **KELAHIRAN.** Concepção plástica: **Victor Belém**; Coreografia e direcção de ensaios: **Inês Palma**; Música: **Henk Bandings**; Sonoplastia: **Secção som 1.º acto**; Interpretação: **Fernando Barreira** (Ser-do-Espaço), **Maria Amélia Mata** (Mulher), **Fernando Loureiro** (Homem).

EDUARDO GUERRA CARNEIRO



SUPLEMENTO
LITERÁRIO *Diário de Lisboa*

AS DEPURAÇÕES

Devagar, pela cidade, pergunto-me: Como decifrar nestes rostos, em pedras apodrecidas pelo rigor da morte, a palavra que não ousam revelar? E revejo o meu próprio rosto; lançado nas areias do espelho; amálgama de rugas depuradas pela usura do tempo; cintilações de breve convívio — e refaço meu cansado lume por si mesmo aivado, por si mesmo em extensos campos de neve abandonado. Devagar, pela cidade dos homens, por estes países intranquilos — a explosão da vida! Mas como interpretar nestes muros a palavra que neles não foi a medo escrita? A difícil palavra do homem, a que apodrece na terra comum, na linguagem do corpo, na pátria só do corpo; o corpo agora descrito, a cela justa do corpo; eis a mais vasta prisão do homem, ao mesmo tempo, o caminho e os pés metálicos que por ele avançam, fazendo-o. Só nessa terra comum (e cúmplice) as novas catedrais, as novas universidades poderão ser construídas. Como resgatar, porém, a palavra camuflada, o discurso dilacerado pelos dentes da noite? Como respirar? Devagar, pela cidade, participo nas deformações, na escrita, na sistemática explosão do sono. Com meu álcool pobre e pouco.

Entre silêncios se levantam as altas verdades, as palavras tocadas pela luz, o vinho cintilante da arte — inesperado sol. E tudo vem de dentro. O ritmo, a energia, o movimento material destes países afinal tão discretos. O ser não existe sem o nada: eis a vida e a morte: duas cores sobrepostas; uma só viagem. Escuta pois esse teu murmúrio interior. Tudo vem de dentro. Ao alto só Deus — mas Deus não existe.

Apenas é belo quem devora — quem, matando, se mata. Ou convulsiva (a beleza) ou não existe,

Continua na pág. sete

UM TEXTO DE CASIMIRO DE BRITO

O CREPÚSCULO DUM CERTO HUMANISMO

UMA CARTA

Com pedido de publicação, recebemos do pintor Vieira Santos a seguinte carta:

AINDA A «EXPOSIÇÃO 72» NA S. N. B. A.

O «Suplemento Literário do jornal que V. dirige, tem dado a entender, aos leitores, o espírito imparcial com que acolhe todos os pontos de vista, os mais controversos.

Dai esta carta aberta e documentada, cuja publicação solicito e antecipadamente agradeço.

Tendo concorrido a «Exposição 72» promovida pela S. N. B. A., os meus trabalhos foram recusados pelo júri de Lisboa, pintores Fernando Azevedo e José Escada (este também expositor), pelo misterioso «Conselho Técnico da S. N. B. A.» (cujos nomes, certamente por lapso, não figuram no catálogo) e por mestre João Hogan (também expositor) este em representação dos artistas concorrentes.

A inclusão de mestre Hogan neste certame é a afirmação cada vez mais nítida da sua obra pessoalíssima mas... em flagrante contraste com as restantes peças patenteadas ao público, as quais, na sua maioria, seguem os moldes importados e patrocinados (como se fora inovação...) por um certo sector da crítica que detém nas suas mãos uma cadeia de jornais, revistas e programas da TV.

O júri do Porto foi constituído pelo pintor Júlio Resende, arq.º Rogério Ramos e pintor Ângelo de Sousa (também expositor) este em representação dos artistas do Norte.

E de notar a incidência de artistas cujas obras têm sido alvo de exposições continuas mais ou menos patrocinadas pelo sector crítico atrás mencionado:

Anotemos alguns nomes, acompanhados de pequenos comentários: Alvaro Lapa, Ana Vieira, Ângelo de Sousa (o dos quadriláteros de madeira ligados e suspensos por uma grossa corda), Arnaldo Figueiredo, Criner y Dintel (agora bem diferente do que estavam habituados a ver... melhor? ou ainda pior?), Dorita Castel-Branco (via Arp, etc., com muito atraso), Eduardo Nery («o introdutor da arte «op» em Portugal», via Vasarely, etc. etc.), José Escada, Eurico, Fernando Grade (a exploração do lúdico infantil), Guilherme Parente (que se tem dedicado a temáticas religiosas), Helder Batista (sem «p»), Helena Almeida (que parece ter repudiado os sacos de plástico), Isabel Laginhas (de Arp, etc. etc., também com um enorme atraso), João Brehm (o das últimas paisagens), Jorge Pinheiro (o das construções de planos acrílicos interceptados), Luís Gonçalves (?), Man (depois de experiências «op», «pop», etc. etc., agora também com jogos de planos), Manuel Baptista (vide Jack Youngerman, etc. etc.), Nuno San-Payo (já se sabe), Nuno Siqueira (sem «de», desta vez), Pedro Sobreiro (na esteira de técnicas de Noronha da Costa), Pires Vieira (vide Volpi, etc. etc.), Renée Gagnon (a dos desperdícios dos cemitérios de automóveis, etc.), Rocha de Sousa (crítico, e em «novíssima» forma deixaria de vez os seus papéis rasgados?), Teresa Magalhães (logo a entrada, com uma

máquina «Photoquick» e mais atrás com um par de «hippies» recortados de costas), Victor Belém (com as suas anatomias em alto relevo), Virgílio Domingues, etc.

(Não falemos da repercussão das últimas exposições estrangeiras, entre nós...)

Além destes nomes, juntam-se na mesma retorta outros artistas de mais ou menos mérito, a par de alguns (poucos) muito desconhecidos (mas a caminho de), que seguem rastros de há muito percorridos e a quem se tenta injectar um pouco de coragem: vamos lá alinhar! Para a frente! Olhos postos nos mestres!

Dirigi, por escrito, em 5/4/72, à Direcção da S. N. B. A., um pedido de esclarecimento que, até esta data (a «Exposição 72» terminou em 30/4/72), não obteve resposta. Transcrevo o seu teor:

Exm.º Senhor Presidente da Direcção da S. N. B. A.

Tendo o signatário concorrido (pela primeira vez) a uma exposição do tipo «Exposição 72», e tendo sido avisado, oportunamente, que os seus trabalhos não haviam sido seleccionados pelo júri (pintores Fernando Azevedo e José Escada (este, participante também da exposição), vem solicitar a V. Ex.ª se digne ter o incómodo de o informar, não só dos nomes e moradas de todos os artistas recusados, como também dos nomes dos elementos constitutivos do «Conselho Técnico da S. N. B. A.» que não figuram no catálogo, certamente por lapso.

Tais pedidos de esclarecimento não se fundamentam em nada que possa roçar pelo despeito (jura-o a pés juntos e por todos os santos!), nem na vaidade, em relação ao mérito (ou pseudo) das suas obras. As dúvidas com que se debate são apenas estas (por ora):

1.ª As decisões de um júri são sempre discutíveis, não é verdade? A arbitrariedade... etc. etc. E a história da arte (com particular incidência entre nós, como é óbvio) tem-nos revelado quantas injustiças têm sido cometidas até hoje 1972.

Com isto não pretendo pôr em causa a (in)competência, sequer da totalidade de todos os membros seleccionadores. Mas uma problemática desta natureza suscita-nos sempre as mais vivas e diversas interrogações.

2.ª Não teria havido, de facto, entre os recusados (repetimos: não se trata do signatário exclusivamente; e formulamos: não nos investimos em arautos) mais ninguém digno de um mínimo de atenção? Não teria havido (talvez) certas decisões «precipitadas»? Não nos atrevemos de longe a pensar: «certas inclinações»?

3.ª Será honesto um ou mais membro(s) selectivo(s) participar(em) da própria exposição?

4.ª Não haveria lugar para outros nomes novos (ou menos conhecidos) além daqueles já conhecidos na sua maioria, pela avalanche de exposições realizadas ultimamente, individual ou colectivamente, por todas essas galerias (mais ou menos comerciais, de Lisboa) sem se falar em tantas outras patrocinadas por entidades à margem da «criação artística», ou

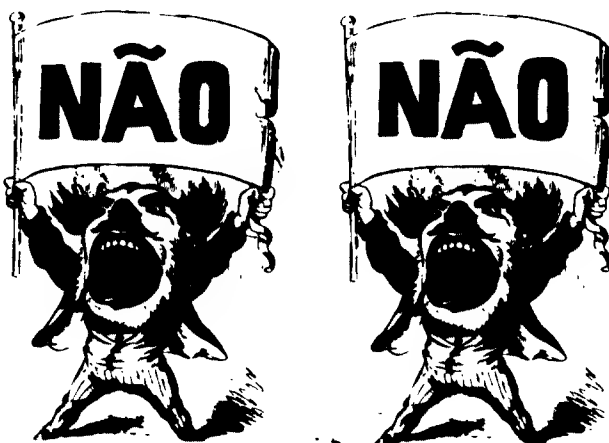
com carácter folclórico-turístico, ou ainda essencialmente, primordialmente, comerciais (sem folclórico-turístico)? não citando outros proteccionismos (é claro...).

Pedindo imensa desculpa pela maçada que certamente esta carta irá causar a V. Ex.ª, à S. N. B. A. em geral, ao júri, ao «Conselho Técnico» (a estes últimos, em especial, porventura), aproveitamos a inesperada oportunidade para apresentar a V. Ex.ª os mais afectuosos cumprimentos.

(a) VIEIRA SANTOS

(Segue-se a morada do «atelier» do signatário).

Confirmo (agora publicamente) que não me moveu qualquer despeito pelo facto de ter sido excluído e, honestamente, reconheço



Quadro n.º 1 (Entre várias colagens de documentos, e sobre a Exposição do Cinquentenário da Morte do Pintor Amadeo de Souza-Cardoso, recortes de reproduções e um «curriculum vitae» de Abílio (de assinalar), os seguintes textos):

REQUIEM

pedreiros médicos artistas tipógrafos prostitutas clandestinas electricistas chapeiros de automóvel ardinas camponeses mecânicos profissionais e amadores de todas as artes e ofícios tende compaixão dos críticos críticos-e-jurados artistas-e-padrinhos críticos em especial dos três auto-convencidos-de-maiores -das artes-plásticas dr. José -augusto França MEMBRO DA ASSOCIATION INTERNATIONALE DES CRITIQUES D'ART

dr. rui mário gonçalves MEMBRO DA ASSOCIATION INTERNATIONALE DES CRITIQUES D'ART e fernando pernes MEMBRO DA ASSOCIATION INTERNATIONALE DES CRITIQUES D'ART e

dos afilhados críticos provincianos e da capital auto-didactas diplomados professores e alunos das escolas superiores de belas-artes que já não deviam ser assim

chamados na opinião do douto dr. José-augusto França MEMBRO DA ASSOCIATION INTERNATIONALE DES CRITIQUES D'ART

estou a ficar gago ou grito D'ART residentes no nosso país e na estranja e se depois sobrar

ainda alguma compaixão dai-a ao sambista bossa nova vinicius de Moraes que também muito precisa dela

pelo fado que cantou e pelo whisky que bebeu pelos canais da rtp etc. amen.

(a) Abílio José Santos carta ao crítico d'arte dr. rui mário gonçalves

MEMBRO DA ASSOCIATION INTERNATIONALE DES CRITIQUES D'ART

a propósito do prémio cinquentenário da morte do pintor amadeo de souza-cardoso

na qual se alude aos seus compadres dr. José-augusto-frança

MEMBRO DA ASSOCIATION INTERNATIONALE DES CRITIQUES D'ART

e fernando pernes MEMBRO DA ASSOCIATION INTERNATIONALE DES CRITIQUES D'ART

sobre a exposição do banco p.a. escrita por

abilio-josé santos etc., etc. requiem

em alguns dos artistas seleccionados, o mérito a que têm jus.

Mas porque a recusa de uma resposta elucidativa aos pontos que formulei?

Porquê a selecção de um artista do Norte (Abílio), cujos trabalhos não sendo propriamente «matéria de arte», são antes um protesto constituído por cinco quadros com curiosos documentos cujo teor parece oportuno dar a conhecer, em parte, dado terem passado (talvez) despercebidos da maioria dos escassos visitantes da «Exposição 72»?

Chama-se a atenção de todos os outros artistas, de todos os outros críticos e dos leitores do «Suplemento Literário» que, porventura, não visitaram a dita.

Transcrevem-se algumas passagens daquele artista nortenho:

(Segue a carta):

maia, maio, 1969

meu caro rui mário:

em qualquer parte de qualquer país pode formar-se uma comissão para comemorar a data do nascimento ou da morte de um artista cuja obra valiosa se impôs à admiração e respeito dos seus patrícos e estrangeiros cultos.

Se a comissão pretende integrar no programa das comemorações uma exposição de artes plásticas é natural que redija e mande imprimir e distribuir o respectivo regulamento, como melhor entender. poderá ainda juntar um outro impresso complementar com os nomes de artistas convidados especialmente e se no roda-pé desta lista declarar inequivocamente: OS ARTISTAS OMITIDOS INTERESSADOS PODERÃO CONCORRER, pode fazê-lo, como pode até negar a possibilidade de concorrerem.

cada qual convida para sua casa quem deseja por razões de interesse ou simpatia... é óbvio!

os artistas omitidos e o público frequentador de museus e galerias de arte poderão não acertar com o critério de selecção adoptado por parecer que uns foram convidados por méritos artísticos e os restantes por outros méritos.

ora isto vem a propósito de ter lido dois impressos afixados na galeria alvarez, do porto.

um era o regulamento do PREMIO CINQUENTENARIO DA MORTE DO PINTOR AMADEO DE SOUZA-CARDOSO.

o outro a lista dos artistas convidados em cujo roda-pé se declara: HÁ CERTAMENTE MUITAS OMISSÕES NESTA LISTA, MAS TODOS OS ARTISTAS PODEM COMPETIR DE ACORDO COM O UNICO DO ART.º 3.º DO REGULAMENTO.

é inacreditável mas é verdade...

por constar no regulamento que você é um dos elementos do júri permito-me perguntar:

É CO-AUTOR DESSES IMPRESSOS ONDE EXUBERANTEMENTE SE REVELA TAO ELEVADO ESPIRITOSE-GREGACIONISTA E PRETENCIOSO? CASO CONTRARIO REPUDIOU-OS PUBLICAMENTE?

creio que todos os que fomos omitidos não tenho procurado de ninguém não haverá um, apenas um, que se sinta diminuído ou melindrado.

nenhuns ilustres desconhecidos ou conhecidíssimos, da província, da capital, ou provincianos vivendo na capital, são capazes, mesmo em grupo, de diminuir ou melindrar um homem com uma carteira artística respeitável, ainda que modesta!

a não ser que o «curriculum vitae» de um artista já não valha nada mas sendo assim, além de segregacionistas e pretensiosos, vós imparciais-jurados-e-probos-jornalistas-e-excelentísimos doutores-da-crítica-e-proficientes-pedagogos, sois uns refinadíssimos intrujões.

enganaís descaradamente os artistas e o povo do nosso país.

sois digníssimos de desprezo!

resumindo, meu caro dr: se é cúmplice no CASO DO PREMIO COM CONVIDADOS ESPECIAIS, comolhe chamaria qualquer escritor policial de meia tigela, cortolhe o MEU CARO e comunico-lhe que está irremediavelmente morto e enterado no meu CEMITÉRIO

DOS SUICIDAS onde jazem, putrefactos e mal cheirosos, aqueles que por obras mentirosas jamais da lei da morte se libertam, como escreveu Camões doutra maneira...

(a) Abílio (José Santos).

(seguem-se em roda-pé, algumas notas).

Alguns excertos:

«P. S. quanto à exposição do banco p.a. suponho que vocês, os ilustres membros do júri, em especial os seus compadres dr. José-augusto França (presidente) MEMBRO DA ASSOCIATION INTERNATIONALE DES CRITIQUES D'ART e fernando pernes MEMBRO DA ASSOCIATION INTERNATIONALE DES CRITIQUES D'ART, tiveram o cuidado de olhar de lado o BIGODE NO ESPELHO, a fim de não se verem reflectidos no momento em que punham toda a ATENÇÃO, SABEDORIA, EXPERIÊNCIA E IMPARCIALIDADE (isto é muito importante! como diria o José Ernesto de Sousa) ao serviço da selecção das obras concorrentes.

com essa bigodada pos-tica devidamente ajustada até poderiam parecer a si mesmos tipos desonestos e cínicos geralmente dos nos dos salões que a gente vê nas fitas de cobiada e só fica satisfeita quando eles são desmascarados pelo artista e os negócios escuros se vão por água abaixo!

Quadro n.º 2 (Colagens de reprodução de pintura «op», etc., e o texto de um edital sobre uma exposição (a VI) com 8 pinturas, 6 colagens, 5 gravuras, 6 estruturas e 3 objectos artísticos-ficados, etc. etc. do autor, abílio em Maio de 1968). Neste quadro repete-se o «requiem» (bisado), desta vez expressamente impresso.

Quadro n.º 3 Um letreiro sobre textos, colagens de recortes de jornais e um cartaz da «Arvore» Cooperativa de Actividades Artísticas, SARL Porto:

VIVA A ASSOCIAÇÃO INTERPLANETARIA DOS CRITICOS D'ART!!!

Eis o texto principal:

O BIGODE NO ESPELHO

Poliptico audiovisual de Abílio

em desomenagem ao impagável conjunto vocal e pluri-mitivo da nova crítica TRIO CRITICO AUTO-GENIOS MAIS 2 PELO-MENOS sob a regência do Augusto Presidente França (da Association Internationale des Critiques d'Art).

TÍTULO DAS PARTES (NÃO GAGAS)

I

O LONGO E ESTRANHO CORDÃO UMBILICAL DA NOVA CRÍTICA LISBOETA OU A PEQUENA CORTE DOS ANJINHOS ATENTOSE OBRIGADOS

II

RETRATO DO ARTISTA QUANDO TACHO

III

O BIGODE NO ESPELHO (referências idênticas às já

EXPOSIÇÕES

JEAN MIOTTE
Galeria Dinastia

Jean Miotte nasceu em Paris, em 1926. Estudou engenharia. Em 1946 orientou-se para estudos de arte, frequentando ateliers em Montparnasse. Recebeu em 1961 o Prémio da Fundação Ford, tendo então vivido e trabalhado nos Estados Unidos. De 1957 a 1972, a sua actividade como pintor ficou assinalada em diversas exposições individuais e colectivas, em vários países europeus e na América.

Operando na tendência gestualista, Jean Miotte desembarca num meio (Lisboa) que — segundo o seu apresentador, José-Augusto França — «se está abrindo sistematicamente (ou quase) ao indispensável diálogo internacional». É curioso notar, no entanto, e sem deixar de ter em conta o público ainda disposto a aceitar esta pintura para além do seu significado histórico, para além das suas datas cumpridas, que uma das obras expostas na Dinastia (entre as de produção mais recente) apresentava na sua superfície a marca de um outro público talvez já habituado ao «sabor» das coisas internacionais, alguém escrevera sobre essa tela, a lápis, a palavra «scandale». Como estávamos na inauguração, é de crer que a palavra ainda não tivesse sido aplicada por algum lusitano poliglota. Assim, será fácil admitir-se que o acto sacrílego tenha sido praticado por um desses cidadãos pouco informados, às vezes reaccionários, que também frequentam as cultu-

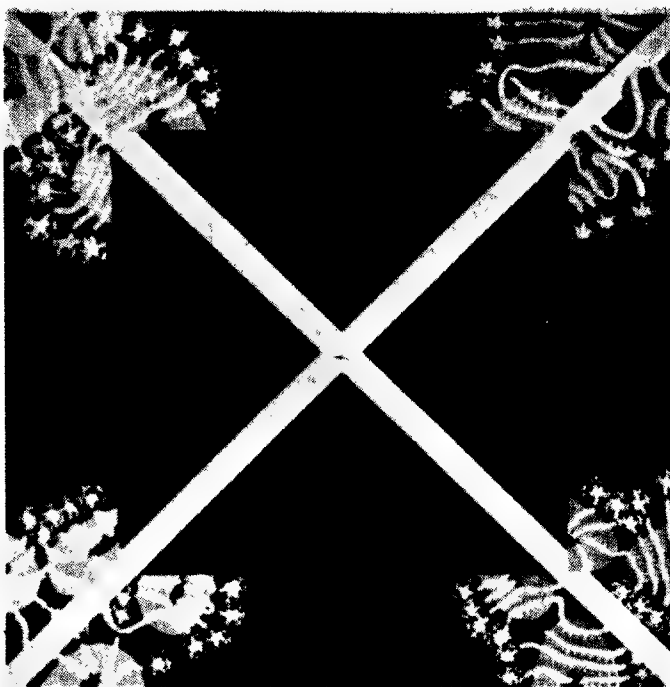
olhar imperfeito e mal informado ou, pelo contrário, teria sido aplicada como sinal de um julgamento capaz de recusar, por forma superior, aquela pintura — hoje e talvez sempre?

Esta é, quanto a nós, uma dúvida pertinente no que respeita à pintura de Jean Miotte, apesar do seu enquadramento e da sua consagração. Não por essa pintura ser gestualista, em certos casos de referência tachiste, num momento em que o nosso olhar prefere (e culturalmente responsabilizado) outras formas, outros empreendimentos linguísticos, outros tipos de discurso. Não por isso, nunca por isso — mas pelo modo como a obra «se faz» gestualista.

A pintura de Jean Miotte, custe embora ao seu curriculum internacional, aparece, quanto a nós, destituída de peso, de profundidade, de substância comunicativa. Aqui nos situamos em desacordo com o comentário de José-Augusto França que a designa como uma «pintura de extrema e difícil riqueza», uma pintura «contra as facilidades gestuais e os embustes iconográficos». Em Miotte, com efeito, os vermelhos, os azuis, os verdes, os amarelos, os pretos e os brancos, numa tricolúria não cultivada, estendem-se pela superfície segundo pressões ou movimentos sacudidos da trilha. O efeito e caleidoscópico e primariamente espectacular — nada o elabora, nada o compromete, nada o significa por dentro. Nem a liberdade que o deveria

GRAÇA ANTUNES
Galeria Opinião

Graça Antunes, cujo modo de expressão se tem concretizado, com uma ponta de lirismo, entre a observação enternecida das coisas e uma transparente vontade de maravilhoso, volta a dar-nos conta da sua experiência pictórica minuciosamente traçada em torno de mundos que nos sugerem a do-



Pintura de Graça Antunes

ce reinvenção da infância, uma fantasia decorativa feita de singeleza e de humor, uma padronização delicada de motivos animais e vegetais, um bordado lento de alegrias, de fábulas, de histórias simples. Reatando, com inteira coerência, a orientação

ROCHA DE SOUSA

rante uma espécie de jogo de raiz geométrica, já que o próprio suporte é basicamente dividido e pintado segundo um traçado ordenador assumido em função dos limites da superfície. A pintura oscila portanto, pela sua cor e pela qualidade particular dos arranjos geométricos, entre o rigor emblemático das suas tintas planas e a aparência estridente das construções de papel. Mas a

finalidade de Graça Antunes não se circunscreve à exploração dos efeitos visuais desencadeados por esse traçado racional das estruturas da composição. A pintura geométrica deixa de ser um fim para se tornar um meio; e, ao ser tratada posteriormente com representações figurativas, acaba por se submeter aos efeitos de um **recompleto** irónico, que ao mesmo tempo a contesta e significa. De certa maneira, podemos dizer que Graça Antunes «traí», com um humor juvenil, a severidade da pintura geométrica, bordando sobre as «bandeiras» de cada suporte uma decoração invasora e requintada, feita de flores, de símbolos breves, ou de animais estilizados sob a memória de uma aparência ingénua e popular. Tal decoração «acomoda-se» à geografia das secções do plano, pendurando-se na disponibilidade dos ângulos, estendendo-se ao longo dos corredores rectilíneos, mesclando com regularidade as cores lisas. É uma decoração que lembra por vezes certos padrões para repetição em tecido, embora aludindo de forma maliciosa e juvenil ao feitiço feminino que a moda alimenta. Noutros casos, os desenhos e as figuras repetidas, iludindo cineticamente as regras da simetria e da alternância, parecem evocar um certo tipo de composição decorativa que tradicionalmente se aplica(va), segundo ingenuas recordações iconográficas, a traçados geométricos primários. O conteúdo irónico desta pintura é simultaneamente revelado e disfarçado ao nível desse jogo de relações, dentro de uma realização minuciosa e cheia de serenidade. No seu «reverso» de pureza, onde os seres se transfigu-



ram pela incursão no maravilhoso, a pintura de Graça Antunes parece sobretudo comprometida com um desejo de embelezamento dos ambientes onde a infância cresce e onde o sonho contamina a consciência.

ÂNGELO DE SOUSA,
Galeria de Arte Moderna

Ângelo de Sousa, escultor das formas simples, é um poeta de talento que parece desejar situar-se àquém daquilo que a sua capacidade de realização pode produzir, com efeito, ele limita-se quase sempre a apontar caminhos, a traçar esquemas, a antever jogos e manipulações cujo fascínio nunca é esgotado. Na consequência dos objectos que apresentou há anos no Salão da S.N.B.A., Ângelo de Sousa propõe agora (Galeria de Arte Moderna) conjuntos de formas laminadas, em folhas metálicas, sujeitas a uma tensão no espaço e contribuindo para uma estruturação rítmica do ambiente. Do ponto de vista estrutural, e a um primeiro nível de utilização, as lâminas são postas a funcionar em termos de disponibilidade lúdica, o fruído da obra é imediatamente solicitado para uma participação activa, manejando as peças e alterando em breves fracções de tempo o seu equilíbrio tenso. Só que, nos esquemas compositivos agora delineados pelo autor, as relações possíveis são muito restritas, impedindo que o espectador abandone radicalmente a sua atitude contemplativa e consiga manipulações suficientemente significativas. Nesse aspecto as anteriores esculturas de Ângelo de Sousa, suspensas do tecto e delimitando espaços que se contraiam e dilatavam pela acção interventora do espectador, acusavam uma melhor resolução deste tipo de problemas.

No caso presente, as peças acabam por contribuir mais directamente para soluções de **environment**, sobretudo pela conjugação dos efeitos de luz e sombras, contando inclusivamente com a flutuação dos reflexos que contaminam as paredes. Um das versões apresentadas por Ângelo de Sousa, que joga

sempre com o mesmo elemento base, implica uma diferente colocação no espaço. As lâminas são espalhadas organicamente no chão e permitem a criação de relações ambíguas, já que as superfícies metálicas funcionam como espelhos e parecem diluir-se no ambiente, confundindo-se com a superfície em que assentam. Um único elemento estendido, com outra orientação, sobre a tija da galeria, ajuda à desmontagem crítica daquelas relações, na medida em que a sua matéria é de novo objectivada com intensidade.

Resta apontar que estes problemas, na actual exposição de Ângelo de Sousa, são apenas aflorados de um modo elementar. Uma investigação mais demorada e uma reflexão mais profunda sobre as questões, mesmo partindo das bases aqui focadas, daria a Ângelo de Sousa, sem dúvida, melhor ensejo para propostas práticas mais ricas de mobilidade e significação.



Jean Miotte: os caminhos da transgressão

ras superiores — ou por um senhor idoso definitivamente perturbado com as transgressões das vanguardas. Seja como for, a palavra ali ficou lavrada. Lavrada, breve, e numa agitação de algum modo singela mas que adquire de súbito um significado afinal perturbador. Perturbador porque? Neste caso, porque nos deixa na orla de uma estranha dúvida, a palavra (dado que a pintura de Miotte já não pode constituir uma novidade escandalosa, nem mesmo em Lisboa) teria sido escrita em nome de um

definir. É uma pintura que assenta no equívoco de um gesto aparentemente liberto, permanecendo na zona frívola que antecede a consciência exacta dos problemas postos por este tipo de pesquisas. É uma pintura, em suma, que não chega a **formar-se**. É a não se investiga enquanto o acto de pintar se define, o mecanismo que determina o gesto permanece fechado em termos de hábito e a visão do espectáculo assim permitido fica circunscrita a repetição **insignificante** dos efeitos da matéria e da cor.

essencial das suas pesquisas anteriores, Graça Antunes inscreve o mundo figurativo da sua pintura em suportes cuja forma se baseia quase sempre em duas figuras geométricas (o quadrado e o triângulo) as quais se conjugam harmonicamente no espaço. Entende-se que o triângulo utilizado decorre da divisão do quadrado pelas diagonais, separando-se deste no desenvolvimento sobre a parede, duplicando-se de um modo dinâmico ou ajudando à criação de novas superfícies. E estamos assim, à partida, pe-

Marsans

FÉRIAS COM

Vacaciones.

com PARTIDAS DE SEVILHA, MADRID E BARCELONA

8/15 dias de estadia. Pensão completa: qu quarto e pequeno almoço.

— PALMA DE MAIORCA DESDE 1.260\$00

— BENIDORN DESDE 3.120\$00

— CANARIAS DESDE 2.065\$00

— ROMA / SOR. RENTO DESDE 3.260\$00

— RIMINI DESDE 3.000\$00

— ROMENIA DESDE 8.580\$00

INFORMAÇÕES E RESERVAS

AV. DA LIBERDADE, 72-A

Telefs. 3 55 05 - 32 31 42

Marsans

LUSTRES

de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39

VENDA AO PÚBLICO

URBANO TAVARES RODRIGUES

ESTRADA DE MORRER

"Falo do que compreendo, do que amo e do que detesto e é no exercício da escrita que o descubro e me descubro."

COLECÇÃO AUTORES PORTUGUESES

45\$00

uma edição

LIVRARIA BERTRAND

APARTADO 37 - AMADORA



NOAM CHOMSKY:
esforço teórico
que é talvez mais
a «alvorada»
que o «crepúsculo»
dum certo
humanismo

FERN

O CREPÚ DUM HUMA

«Da Metamorfose da Crítica» ou «O Crepúsculo do Humanismo» são as duas expressões que, simultaneamente, mais em complementaridade que em oposição alternativa, Eduardo Lourenço nos oferece à cabeça do seu, a todos os títulos magnífico, ensaio de introdução à recente e volumosa publicação da Fundação Gulbenkian, *CRÍTICA LITERÁRIA BREVE HISTÓRIA* (1).

A justificação para a bi-titulagem preambular, de que «há qualquer coisa de apaixonante nesta admirável serenidade da reflexão crítica sobre a crítica quando ao mesmo tempo se pode ler... menos a promessa de uma nova visão que uma imagem superiormente polida de uma aventura terminada», e, ainda, a leitura interessada (e aliás deveras recomendável) do restante corpo do prefácio suscitaram-nos as seguintes notas de comentário, por duas razões fundamentais:

o conhecimento precário, e tantas vezes distorcido, com que entre nós se entendem as correntes críticas anglo-saxónicas incluindo nelas o chamado «New Criticism», projecto crítico perspectivante de toda a obra referida sugeriu-nos a oportunidade duma contribuição suplementar, quanto a alguns dos pontos que, a esse respeito, e pelas razões apontadas, reputamos como mais importantes.

e, ainda, o que se pressente ser generosidade «escolar» da parte de Eduardo Lourenço, quando lhe declara uma «delicada osmose entre um certo «neutralismo», típico do discurso universitário que se respeita, e a liberdade de enfoque e julgamento, que confere um sabor particular a obras como esta e as tornam pedagogicamente excitantes», aliciou-nos um outro pronunciamento: na dupla procura de, por um lado, se denunciar tal «neutralidade» e, pelo outro, contestar-se o anunciado fim do Humanismo — pois que, a nosso ver, e precisamente devido à consciência precária da proximidade histórica, que nos pode conduzir à ilusão de que E.L. nos adverte, somente conseguimos entrever, talvez afortunadamente, o fim dum

1

certo tipo de humanismo: porventura o de teor mais desumano.

Uma distorção corrente é a de que o «New Criticism», um movimento crítico despertado e consolidado principalmente nos E.U.A. a partir dos anos trinta, mas igualmente operante na Grã-Bretanha, e alguns críticos tidos como seus precursores (presunção de veras contestável, como adiante sugeriremos) preconizam uma análise de textos de base linguística, pelo que a aproximação com certas correntes críticas europeias continentais (nomeadamente o *Formalismo Russo* e muito do que sob a homónima francesa «Nouvelle Critique» se costuma compreender) bastas vezes franqueia a fronteira da tentação e atinge o apuro da declaração de facto.

Com efeito, e no que diz respeito a precursores (T.S.Eliot, I.A.Richards, W.Empson, por exemplo), e não só (o caso dum F.R.Leavis), aponta-se a proposição dum método de estudo de textos, a «close reading», em que a análise verbal constituiria o ponto fulcral de operação, como a principal fonte de motivação do «New Criticism».

Ora, basta acompanharmos um livro escrito em 1962 por G. Watson, *THE LITERARY CRITICS* (2), para encontrarmos, além duma satisfatória e concisa perspectiva crítica de tais figuras (não prejudicando, de forma alguma, a importância efectiva e actuante que realmente tiveram no prosseguimento da tradição crítica de língua inglesa), a procura duma definição, em termos lúcidos, da natureza da contribuição de cada um na aplicação da chamada *análise verbal*, e ainda a desmistificação da natureza das relações que possam ter tido com o «New Criticism», de que aliás traça igualmente uma excelente súmula informativa e apreciativa.

De Eliot, por exemplo, afirma-se que, sendo principalmente *um crítico para poetas*, acaba por sacrificar a análise densa do texto, que a princípio parecia preconizar, em favor de julgamentos gerais, o mais das vezes fun-

damentados num gosto e em técnica muito afastados ainda do que viria a caracterizar aquele movimento. A sua mais relevante contribuição será porventura a sugestão da importância da «evaluation» — um pronunciamento de timbre legislativo — que assume particular importância na justificação das análises verbais do «New Criticism», mas que, também, pelo tom prejudicado de que frequentemente se reveste, virá a constituir umas das possíveis razões de descrédito, e de dificuldade num aproveitamento do que, talvez, a actividade dos «new critics» trouxesse de profícuo para o estudo da obra literária em si. Já I.A.Richards é quem mais justificado se pode apresentar como a principal fonte de muitas das bases teóricas da análise verbal; mas a sua preocupação dominante, de início virada para a poética geral, revela-se, principalmente a partir da sua colaboração com C.K.Odegen, de preferência na utilização «emotiva» da linguagem; e na criação de toda uma nova terminologia semântica e o flanco que oferece a todo o género de críticas, quanto às suas pouco sólidas incursões noutros domínios para alicerçamento das suas explicações, acaba por ser motivo de embaraço para os «new critics». W. Empson, tendo começado como discípulo de Richards, surge-nos como uma curiosa figura de crítico inteligente, mas extraordinariamente controverso, alternando entre uma «close reading», mais apurada porventura que a exigida por Richards, e um recorrer à psicologia, à psicanálise de Freud e até ao Marxismo, o que acaba por constituir, talvez, o aspecto mais relevante da maior parte da sua produção.

Mas quem, no entanto, mais influência exerceu na primeira metade do século no «establishment» académico, foi, sem dúvida alguma, F.R.Leavis; no pronunciamento de G.Watson, porém, duma originalidade discutível e previsível. Os próprios pressupostos técnicos e linguísticos da sua actividade crítica — nomeadamente a sua constante insistência na «especificidade», surtem sempre co-

AND CORREIA MARQUES

SCULO CERTO NISMO

mo algo de vago e incerto, ainda que apaixonadamente proclamado; desespera-se a cada passo, pela inexistência duma doutrina nuclear; um crítico, enfim, que sempre se manteve indiferente ao estudo da linguística e, porque demasiado sensível às acusações de pedantismo académico, nunca prosseguiu qualquer investigação informacional por muito tempo passível ainda da acusação mais séria de quase sempre apressado no pronunciamento de juízos de valor, sem nunca saber o suficiente de coisa alguma nem se preocupar em saber.

Por outro lado, a denúncia duma actividade crítica (agora a dos «new critics» devidamente «institucionalizados» nos E.U.A. e na Grã-Bretanha) como exercida fora duma preocupação fundamental com a Linguística, tal como depois de Saussure se vem entendendo, é suscitada pelo facto de que algumas tentativas de investigação linguística tendo o texto literário como objecto levantaram não poucas objecções e suspeitas. Disso nos pode dar conta, ainda em 1966, uma colectânea de estudos sobre estilística e linguagem, *ESSAYS ON STYLISTICS AND LANGUAGE* (3), onde podemos surpreender uma certa convicção de marginalidade por parte dos seus contribuintes, relevada logo na nota preliminar e expositória do propósito; a obra é-nos programada como uma coordenação de esforços isolados de alguns autores, com a descoberta consciente da existência de algo em comum: um interesse nos usos literários da linguagem, no desenvolvimento de métodos e terminologia específica para os descrever com precisão, e na consideração do que a análise estilística em tais moldes pode trazer ao estudo crítico e histórico da literatura. Trata-se, com efeito, apenas duma convicção de que todos partilham em comum: a de que, por exemplo, a linguagem evolui, é apenas convencionalmente modelada pelo mundo exterior, e tem uma forma analisável. Mas, como linguistas, a sua consciência também regista que cedo terminam os pontos comuns, e que

na diversidade, ou divergência, das várias escolas que eventualmente podem seguir (Bloomsfield, Chomsky, Hjelmslev, etc.) se incluem já as técnicas particulares de operação ou a própria terminologia envolvida. Admittem-se, no entanto, familiarizados com os textos básicos das principais escolas: não apenas os citados, mas ainda Harris, Sapir, Froth, Jakobson, etc. e com as aquisições que as teorias da informação, os métodos estatísticos de tratamento da informação, têm proporcionado ao desenvolvimento da linguística.

Mas aqui temos também afinal revelado e limitado o escopo fundamental da participação procurada: ainda, e apesar de tudo, praticamente funcionando como mero elemento motivador da actividade. O texto literário é, na maior parte das vezes, apenas um objecto, um campo de trabalho para a linguística, como qualquer outro.

3

A reconciliação da Linguística com a crítica «institucionalizada» opera-se muito mais cedo na América do que na Grã-Bretanha; a importância dos nomes americanos no desenvolvimento da linguística moderna para isso certamente contribuiu. A insularidade britânica só cede mais tarde e disso pode ser um documento exemplar o número especial que em 1970 o *TIMES LITERARY SUPPLEMENT* dedica à Linguística, (4) dando particular relevância à sua aceitação no estudo e na crítica da literatura.

Ora um dos factores mais decisivos para a promoção académica da Linguística nos estudos literários, tanto dum lado, como do outro do Atlântico, deve ter sido a figura de Chomsky aliás aceite como tal no número do *TLS* a que acabámos de fazer referência). E, sintomaticamente, será a sua participação dúplice, como homem e como cientista, que vai projectar o estudo da literatura para além do círculo fechado duma certa noção de «especificidade» e, ainda, operar a reconciliação com perspectivas de abordagem, reputadas durante tanto tempo como irrelevantes, se não heréticas, no estudo do texto: a sociológica, a psicanalítica, etc. E não só: também a consideração do que irremediavelmente vincula a literatura a tudo o que encerra e que a encerra.

E aí temos então: o fim do Humanismo? Para os «new critics» provavelmente; ou para aqueles que E.L. designa por «novos ateus do facto literário» e que «parecem esquecer que a reversão da «realidade» «literária» na Linguística, sob o pretexto óbvio de que a Literatura é «antes de tudo», fenómeno linguístico, falha por princípio essa realidade que não tem «sentido algum» fora desse investimento «valorativo» de difícil ou impossível justificação através do qual subtraímos «uma certa realidade linguística» (e não toda a realidade linguística) à sua função puramente comunicante.»

Porque, e é ainda E.L. quem exemplarmente o formula, «a linguagem é o homem esforçando-se por «se» falar e não uma palavra falante hipostasada de que o homem seria menos o mediador que o eco sempre atrasado e fracassador».

É afinal a reabilitação da interpretação; e a oportunidade para propostas como a de um «Meta-comentário», por exemplo, de F. Jameson, que nos designa como seus princípios funda-

mentais, uma resposta à necessidade de existência de cada interpretação (o Formalismo Russo, por exemplo, é o modelo dum sistema crítico que recusa a interpretação; não é capaz, no entanto, de abordar a diacronia e, em particular, o romance como forma), e ainda o facto de que a declaração da não necessidade de interpretação ser algo que nunca foi suficientemente explicado. A possibilidade de existência dum entrecho (no caso do romance) revela uma integração na sociedade que o produz; à evolução do romance sem entrecho correspondendo a hermenêutica estruturalista, com a leitura da obra como uma única frase ou um sistema de oposição binárias mas o estruturalismo pode ser transcendido na evidência de que as suas categorias mentais abstractas são na realidade momentos históricos e se entendermos o «conteúdo latente» da obra como uma experiência, a sua elaboração corresponderá a uma questão sobre as possibilidades dessa mesma experiência e os seus disfarces na tentativa de escamotear as causas da limitação da experiência na situação social. O que nos parece uma interessantíssima aproximação com o método Golgmaniano.

E, ainda e finalmente, as consequências mais humanas; as que, a nosso ver, denunciam o «crepusculo», como sendo talvez uma «alvorada»: o esforço teórico dum Chomsky, na procura das estruturas subjacentes em profundidade às estruturas «superficiais» da linguagem, que acaba por legitimar, em profundidade, as suas crenças psicológicas e políticas, o seu envolvimento decidido e físico em causas dissidentes e juvenis: a cisão verificada em Dezembro de 1968 no seio da *MODERN LANGUAGE ASSOCIATION OF AMERICA*, na discussão do papel do professor de literatura quanto à pertinência do seu envolvimento nos acontecimentos do mundo contemporâneo.

Ou, ainda, o aparecimento dum ensaio no *P.M.L.A.* (6), como um de F. Crews, em que o funcionamento dos críticos e estudiosos americanos da literatura é considerado em termos de desprendimento, a maior parte das vezes inconsciente, da dimensão ideológica do seu trabalho. E a propôr que tal desprendimento acabava por se revelar extraordinariamente adequado aos requisitos do alto capitalismo: pois que se, por um lado, os estudos americanos de literatura raramente exibem o preconceito ideológico, que é patente e óbvio no estudo das ciências sociais, não deixam, por isso, de serem dominados por «hábitos ideológicos» congénitos; uma crítica desses «hábitos» conduziria, não poucas vezes, a implausibilidade ou leviandade de muitas conclusões tomadas como desprejudicadas.

Notas

- (1) William K. Wimsatt Jr. e Cleanth Brooks, *CRÍTICA LITERÁRIA BREVE HISTÓRIA*, pref. de Eduardo Lourenço, trad. de Ivette Centeno e Armando Morais, Ed. Fundação Gulbenkian, Lisboa, 97
- (2) George Watson, *THE LITERARY CRITICS*, Penguin, Harmondsworth, 962
- (3) Rodger Fowler (coord.) e outros, *ESSAYS ON STYLISTICS AND LANGUAGE*, Routledge and Kegan Paul, Lond., 966
- (4) *LINGUISTICS: PRESENT FRONTIERS*, núm. espec. do *TIMES LITERARY SUPPLEMENT*, 23/7/70
- (5) Frederic Jameson, *METACOMMENTARY*, in *PMLA (PUBLICATIONS OF THE MODERN LANGUAGE ASSOCIATION OF AMERICA)*, Jan. 97
- (6) Frederick Crews, *DO LITERARY STUDIES HAVE AN IDEOLOGY*, in *PMLA*, May 970

UMA CARTA

Continuação da página dois

transcritas anteriormente) segue-se de novo o «re- quem» e algumas notas.

Quadro n.º 4 (Com recortes impressos, sobre Manuel D'Assumpção de Abílio Santos para Manuel Dias).

Excertos: «..... Quanto ao crítico d'Arte lisboeta que fez a conferência sobre D'Assumpção, gostava que

tivesses ouvido. Fernando Pernes de seu nome «pintou» ali, na inauguração da Galeria D, mais um dos seus auto-retratos. Fiquei convencido de que não disse tudo que pensa de D'Assumpção. Como sabes, além de ser colaborador entre outras publicações, de «Colóquio», «Vida Mundial», «O Tempo e o Modo», «Jornal de Letras e Artes», «En-

saio», (programa da TV), «Pintura e Não» (suplemento de «Arquitectura»), etc., é um dos mais famosos membros da secção portuguesa da A. I. C. A. Com os seus compadres drs. José-Augusto França e Rui Mário Gonçalves são a guarda-avançada e principais padrões da velha e nova crítica de Arte em Portugal de Aquém e Além Mar. Pois, como toda a gente sabe, ligada a estes assuntos, têm na mão, em matéria de artes plásticas, alguns dos melho-

res jomais do País, as revistas especializadas e adequadas ao exercício das suas magníficas funções de mentores do Povo, uma galeria de arte directamente e outras sob as suas paternalíssimas simpatias, etc. etc..... Ora F. Pernes..... após a exposição retrospectiva na Galeria São Mamede escreveu..... um período revelador: «Morto tragicamente, D'Assumpção deixou-nos uma obra de validade, até então vislumbrada, e subitamente (sic) revelada no alarme de críticos e colecção nadores».

Enforcou-se, e logo no ALARME DE CRÍTICOS E COLECIONADORES, obra surgiu SUBITAMENTE (sic) válida!!! etc. etc. (Nota: os «sic» são nossos).

Quadro n.º 5 (Com colagens e o seguinte texto pessoal):

«Carta muito aberta à Sociedade Nacional de Belas Artes

Excelências:

As 2 folhas de papel copiografadas que serviram de CATÁLOGO do SALÃO DE CONVÍVIO não incluem o meu nome.

Logo, fui excluído! Por isso, desde Dezembro do ano passado, tenho aguardado uma explicação da EXCELENTÍSSIMA direcção OU DO MERITÍSSIMO CONSELHO TÉCNICO OU DO SENHOR PORTEIRO OU DE QUEM-QUER-QUE-SEJA. -PRA-MIM-TANTO FAZ... EVIDENTÍSSIMAMENTE QUE CONSIDERO A MINHA INCLUSÃO UM ACTO VERGONHOSO PORQUE ARBITRÁRIO E ILEGÍTIMO, NO ENTANTO ESTOU MORTO POR SABER QUAL A VERSÃO OFICIAL DE VOSSAS EXCELENCÍASSOBREESTE ASSUNTO ASSIM, HUMILDE E PROVINCIANO HOMEM DO NORTE.... AQUI ESTOU POR VIA DESTA CARTA A PERGUNTAR:

PORQUE FOI EXCLUÍDO DO SALÃO O MEU TRABALHO «O BIGODE NO ESPELHO»?

E SÓ!!!

Deus guarde Vas. Exas. para honra e glória da Sociedade e prestígio e proveito dos artistas que, com a cumplicidade da A. I. C. A. por meio do impagável conjunto vocal e Plumitivo da nova crítica TRIO CRÍTICO AUTO-GENIOS MAIS 2 PELO SÃO DEFENDIDOS. PROPAGANDEADOS E PROMOVIDOS POR VOSSAS EXCELENCÍAS COMO OS ÚNICOS FABRICANTES VALIDOS E GARANTIDOS DA ARTE MODERNA NACIONAL.

Sou, cada vez mais chato, o sócio-correspondente n.º 330, Abílio (José Fernandes dos Santos)

Maia, 18/III/72.

A inclusão das cinco citadas peças numa «Exposição de Arte», surgere-nos as seguintes hipóteses, entre outras:

a A superioridade e

a infalibilidade dos seccionadores, como demonstração de intocabilidade nos seus conceitos assentes e indiscutíveis. Isto é, Abílio não lhes provocará qualquer equívoco nem desvio...

2.ª Ou seria para demonstrarem (os atingidos) o seu espírito de isenção?

3.ª Teria havido, com a inclusão de tais peças, uma ideia de aceitação... digamos mais explicitamente, tentativa de aliciamento?

Etc. etc.

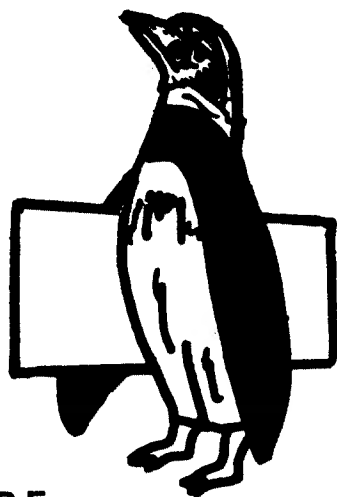
Num artigo de F. Pernes (também funcionário de uma empresa de pastas dentífricas, etc.), intitulado «A Arte Portuguesa do Século XX» (uma tese do dr. França apresentada na Escola Prática de Altos Estudos da Sorbonne), o autor do artigo aproveita a oportunidade para propagandear a sobrevida e o seu autor.

Encontramos neste artigo, publicado no n.º 75 de «Vida Mundial», curiosas

cional na actualidade espiritual europeia e americana». (Que actualidade? Que caminhos?), o que é o mesmo que dizer: utilizar padrões estrangeiros, muitos deles de há dezenas de anos, e transplantá-los (as transplantações parece que estão na ordem do dia...) para cá... E mais: «afirmar (?) a individualidade portuguesa no contexto dos modos universais da sensibilidade moderna». (Que sensibilidade moderna? Quantas existências?)... «Nestes últimos está em causa o enraizamento português de uma modernidade internacional (qual?), acordado a uma possível metamorfose geral (geral?) de estruturas sociológicas». E segue: «... acertaram Portugal com a actualidade estética internacional, mesmo descontando certas limitações (sic) de maior dificuldade experimental»... «Eduardo Nery, introdutor da arte «Op» em Portugal» (produzida lá fora ao tempo

CHAPAS ACRÍLICAS VIDRO PLÁSTICO

PRODUTO DA INDÚSTRIA
PORTUGUESA



Sadoplas

FABRICO DE
plásticos do SADO, LDA.

LISBOA
AVENIDA 28 DE MAIO, 51/A
TELEF. 76 17 83

PORTO
RUA FARIA GUIMARÃES, 260
TELEF. 49 04 78



CALENDÁRIO

AUTOMÁTICO

DIA E DATA

100% IMPERMEÁVEL

ANTICHOC

RESISTENTE:



EXIJA A MARCA CAUNY
GRAVADA NA COROA
E NA PARTE EXTERIOR
DA CAIXA



CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA

UM ÊXITO EDITORIAL
PROF. CHRISTIAAN BARNARD
"COMO DEFENDER
O NOSSO CORAÇÃO"

CUPÃO-ENCOMENDA

Preencha em letra de Imprensa e remeta ao Apartado 2224 — LISBOA 2

Desejo que me enviem contra-reembolso para o nome e endereço a seguir referidos o livro do prof. Barnard, «Como defender o nosso coração». Pagarei 60\$00 mais as despesas do correio.

Nome

Morada

Localidade

Assinatura

dl

de «Dada», Vasarely, etc... «Artistas usufruindo as benções da Gulbenkian e do interesse aquisitivo de compradores que os colecionam com critério discutível» (sic). Ou: «... a extensão nacional retardada de um fenómeno universal» (sic), etc. etc.

Num minúsculo artigo, não assinado, publicado no «Suplemento Literário» do «DL» de 28/4/72 lemos, acerca da «Exposição 72», algumas breves alusões que transcrevemos: «O júri convidado a fazer uma selecção das obras concorrentes pelo Porto, apesar da sua inegável qualificação, tornou-se permeável a uma equívoca presença «contestatória» (Abílio?) fundada em razões, muito discutíveis (verificamos precisamente o contrário...) e especialmente pessoais e que em qualquer dos casos não pode confundir-se com uma intervenção artística de carácter provocatório. A S. N. B. A. fez bem em não «censurar» o insulto...

«As obscuridades pessoais são da responsabilidade de quem as subscrive e sanciona» (sic).

(Os «sic» continuam a ser nossos).

Dada a perda de oportunidade que estes comentários podem sofrer, de novo solicito a V., a sua publicação.

(Vieira Santos) (Sócio titular n.º 1864 da S. N. B. A.)

& etc

... UM FILME LANÇADO ÀS FERAS ?

... E o que parece, atendendo à opinião de Afonso Cautela (crítico que participou no júri internacional da recente XVII Semana de Cinema de Valladolid e, como tal, votou no filme «Pedro Só», de Alfredo Tropa, a quem foi atribuída uma «Menção especial do júri»), opinião expressa na revista «Rádio & Televisão» (de 6 do corrente) em resposta à pergunta «Encontra assim tantas virtudes no filme?»:

«... Virtudes, não. Qualidades, sim. Haverá, presentemente, no cinema português outros muito mais bem acabados. Com melhor fotografia, desempenhos mais a contento dos críticos cine-teatrais ou cineliterários. Virtudes mais visíveis e óbvias. Mas o que rende a «Pedro Só» é exactamente

ser ele uma obra sem virtude, sem ambições, sem brilhos e brilhantes, apagada, humilde e marginal como nós outros, críticos sem formação universitária. O que me torna o filme «Pedro Só» uma questão vital é ser ele um retrato tão completo — exactamente pelo que contém de negativo em relação à boa vida dos que vivem bem — de nossas frustrações, de nossa falta de técnica, de nossa colectiva falta de «métier». Somos colectiva e politicamente, como o filme de Tropa, «naifs», e pobres subdesenvolvidos e tristes, de uma tristeza desgarradora. O nosso gosto português é um tanto «kitsch» e o filme adopta, consciente ou inconscientemente, uma estética «Kitsch». Há na nossa

vida nacional um vazio e o filme enche-se desse vazio. Até agora ninguém tivera, no cinema português, a coragem de se calar para deixar falar o silêncio, que é a única coisa capaz de dizer as nossas coisas mais graves. Ninguém, como Tropa, tivera a ousadia dos longos, impacientes, enervantes e desconfortáveis silêncios até ao insuportável. Tropa tem essa coragem, sabendo que uma das coisas que público e crítica raramente perdoam é ser desconfortavelmente incomodados com o seu próprio espelho e retrato.

Como me disse o crítico espanhol Gomez Mesa, o filme actua como um revulsivo. E Miguel Rubio, na esplêndida defesa que dele fez perante o júri amedrontado pelo público, falava de um filme que vai contra todas as convenções.

Exacto: contra todas as convenções. É significativo e lógico que, por causa das convenções, o filme comece desde já a sofrer todos estes incidentes. E ainda agora a história começou. E estou perfeitamente convencido de que, quando o filme sair

para o público de Lisboa, críticos e anexos não irão fazer muito mais nem muito melhor do que agora. Já se espera. Já se calcula. Creio bem que um longo calvário espera «Pedro Só», corajosamente lançado às feras por Alfredo Tropa.

Nós ainda não vimos o filme de Alfredo Tropa. Mas, à cautela, transcrevemos por inteiro a opinião de Afonso Cautela — dado que não queremos passar por «feras» quando tivermos ensejo de criticar o Pedro Só. Paralelamente, a transcrição serve como achega prévia, junto dos nossos leitores, ao conhecimento dessa fita desde já rodeada de uma certa aura «polémica». A ver vamos.

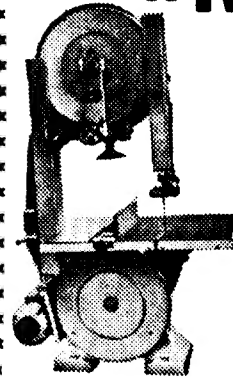
... BAIXAS NA CRÍTICA

E verdade. Estão no estaleiro, vítimas de acidentes de viação, dois membros da por alguns chamada «nova crítica» e colaboradores deste Suplemento: Eduardo Prado Coelho (fractura do

fémur, equimoses várias) e Nelson de Matos (mão esquerda partida, vários pontos na cara). Não iam no mesmo carro (o que será aborrecido para aqueles que vêem «capelinhas» por todo o lado) nem os aciden-

tes ocorreram no mesmo dia. Os resultados é que são, infelizmente, idênticos: dois críticos impossibilitados por algum tempo de exercerem crítica. Paz aos detractores e melhoras aos sinistrados!

«MIDA»



UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

SERRA DE FITA
MOD. SF-70-80-90

MAQUINA UNIVERSAL
Mod GDFT

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

AS DEPURAÇÕES

Continuação da primeira página

disse Breton. Da devoração à depuração vai um longo labirinto de seduções, metamorfoses, de brancas insónias. Quem me diz da proporção entre a medida e a desmedida, entre voragem e metalição? Esforço-me por responder, por tornar razoáveis as minhas razões — mas são terrenos devastados por máquinas supérfluas quem me responde (os privilégios da pobreza), quem sob o lençol dos dias, me compensa de sempre fascínio em suspenso. Injusta a beleza se convulsiva? Mas injusta é também uma certa ideia que dela faço. Que seria então se não fosse criação permanente, permanente destruição? Nela um homem se aloja como num corpo feito para lutar com o seu; e assim de sombras excessivas; o dia se calcina; o dia; a possível respiração: A cor do tempo apodrece-te enquanto muda: tal a beleza; as experiências do amor lembram-te as mínimas moradas do pó: também a beleza; e se falas a teus semelhantes e eles enfim te compreendem, se com eles formas um cordão contra a usura, eis que também aí a beleza se instala — e assim te penetra e devora. Ou convulsiva, ou nada. O assunto desta inscrição: a sempiterna busca de uma imagem perdida ou a pluralidade das palavras? a beleza ou a morte? ou a beleza-morte? ou convulsiva (repetem-me) ou nada: assim uma casa de paredes metálicas lentamente se deixa roer pelos dentes mais débeis. Da depravação falo — do nervo que se enrola no teu coração e, febre de napalm, tudo nega, tudo desintegra, tudo põe em questão — e depois se retira para dentro do silêncio. Como quem se reconhece na desmemória do pensamento (fulgurante rio amorfo e sem margens) eu sei que só as palavras, o álcool da escrita, me responde quem sou, que beleza corroem ou me corrompe, qual o sentido desta fascinante doença que somos. Da devoração à depuração vai pois o teu monólogo, o teu grito camuflado. Só nesse acontecimento encontrarás o sentido (se um sentido pretendes encontrar) da tua própria vida; que é como quem diz: da tua própria beleza convulsiva. Ao romper do dia a noite principia.

Casimiro de Brito

Viagens
Apolo

FÉRIAS EM LONDRES

7 DIAS

LET'S GO

PREÇO 3.290\$00

Incluindo IDA E VOLTA EM AVIÃO A JACTO, transporte Aeroporto - Hotel - Aeroporto. VISITA DA CIDADE, acomodação em BONS HOTÉIS com pequeno almoço.

Assistência durante toda a viagem por GUIA PORTUGUÊS.

Utilize
o
Credit-Star
Informe-se
e inscreva-se
na



VIAGENS ACOMPANHADAS

DE LISBOA A LISBOA

UTILIZANDO AVIÃO E AUTOCARRO
EXCURSÕES EM GRUPO A PREÇOS REDUZIDOS

10 DIAS A ITALIA	Esc. 6.970\$00
Lisboa, Zurique, Milão, Veneza, Florença, Roma, Pisa, Génova, Milão, Zurique, Lisboa.	
11 DIAS — CAPITAIS EUROPEIAS	Esc. 10.250\$00
Lisboa, Paris, Londres, Amesterdam, Bruxelas, Lisboa.	
19 DIAS — PAISES DO LESTE EUROPEU	Esc. 22.880\$00
Lisboa, Bruxelas, Varsóvia, Moscovo, Leningrado, Kiev, Budapeste, Praga, Zurique, Lisboa.	
7 DIAS — UMA SEMANA EM PARIS	Esc. 4.860\$00
Lisboa, Paris, Lisboa.	
15 DIAS — EUROPA ORIENTAL	Esc. 13.950\$00
Lisboa, Bruxelas, Budapeste, Sofia, Bucareste, Beigrado, Praga, Zurique, Lisboa.	
8 DIAS — TERRA SANTA	Esc. 10.890\$00
Lisboa, Zurique, Tel Aviv, Tiberíades, Nazaré, Haifa, Cesarea, Jerusalém, Lugares Santos, Tel Aviv, Lisboa.	
16 DIAS — BRASIL — DA AMAZONIA A S. PAULO	Esc. 33.780\$00
Lisboa, Recife, Manaus, Brasília, Rio de Janeiro, Quedas do Iguaçu, S. Paulo, Lisboa.	
11 DIAS — NEW YORK	Esc. 11.400\$00
Lisboa, New York, Lisboa.	
16 DIAS — MÉXICO E NEW YORK	Esc. 28.990\$00
Lisboa, México, Teco, Acapulco, Mérida, Uxmal, New York, Lisboa.	
29 DIAS — AFRICA	Esc. 36.950\$00
Lisboa, Joanesburgo, Cidade do Cabo, Ondshoorn, Wilderness, Port Elisabeth, Durban, Lourenço Marques, Kruger Park, Beira, Parque da Gorongosa, Salisbury, Joanesburgo, Luanda, Lisboa.	

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar, pois a respectiva lotação é limitada.

Informações e reservas em:

Belos Turismo

Setúbal-Av. 5 de Outubro- Tel. 23291
Évora-Rua da República-Tel. 24254

BILHETE DE IDENTIDADE

Se precisa de obter ou renovar o seu bilhete de identidade antes de Outubro, faça-o desde já. Nos meses de Verão, a afluência de público costuma ser tão grande que é impossível evitar bichas com as consequentes incomodidades para as pessoas.

O Arquivo de Identificação em Lisboa está aberto das 8 da manhã às 8 da noite sem interrupção de 2.ª a 6.ª feira, e ao sábado de manhã. Procure evitar as horas de ponta que são as do meio da manhã ou do meio da tarde e o dia de maior afluência que é o sábado.

Para renovar o bilhete de identidade, não precisa de certidão de nascimento se entregar o bilhete anterior, mesmo caducado. Se o não entregar, precisa, além da certidão, de justificar as circunstâncias em que o extraviou.

... UM FILHO COMO VOCÊ GOSTA

Filhos robustos: ossos rijos, bons músculos, dentes são... filhos alegres e saudáveis.

em cápsulas, o ÓLEO DE FIGADO DE BACALHAU «DIESE», é fácil de tomar.

em cápsulas, o ÓLEO DE FIGADO DE BACALHAU «DIESE», é um alimento puro, que concentra as poderosas vitaminas A e D.

em cápsulas, o ÓLEO DE FIGADO DE BACALHAU «DIESE», estimula o crescimento, aumenta a resistência, protege o organismo, evita o raquitismo.

em cápsulas, o ÓLEO DE FIGADO DE BACALHAU «DIESE», é fácil de tomar, dá mais saúde a seus filhos... dá-lhe filhos como você gosta.

Peça ainda hoje qualquer das embalagens disponíveis:

50 cápsulas	25\$00
250 cápsulas	80\$00
500 cápsulas	150\$00

EM TODOS OS SUPERMERCADOS E BOAS CASAS DE ALIMENTAÇÃO

diese ALIMENTAÇÃO RACIONAL
Av. da República, 46 - LISBOA 1

literogramas

TÍTULO: ESTRADA DE MORRER
AUTOR: URBANO TAVARES RODRIGUES
EDITOR: BERTRAND, AMADORA, 1972
N.º PÁGS: 186
PREÇO: 45\$00

EXORCISMO

«Catarse» é a palavra-chave justificativa, explicativa, de «A Agonia», texto que abre a última colectânea de «Contos e Novelas» de Urbano Tavares Rodrigues; simultaneamente, é também a chave primeira, a motivação última, o modelo nuclear de todos os restantes, e o que consagra esta obra como das mais equilibradamente conseguidas, em termos de unidade, dentre a abundante produção do seu autor.

Explicamo-nos, é aliás o próprio U.T.R. quem nos adverte liminarmente de que a «invenção verbal e obra de imaginação», que os textos são, se pretendem para «dar réplica a «figuras e situações» que podem existir — e até existem —) criando uma realidade que não se propõe ser essa mesma pois nunca lograria sê-lo, mas dentro dela» (sublinhados meus). Ora acontece, efectivamente, que todo o projecto discursivo se revela articulado em função de exigências profundas dum projecto temático determinado, o balanço-exame duma existência, simultaneamente retrospectivo («A Agonia», «Quarto Proibido», «As Veias Negras», «Os Pregos», e, de certo modo, «Mesmo na Água Estagnada») e prospectivo («Corpo», «Os Monstros Familiares», «As Moscas», «Mesmo na Água Estagnada»), e duma presença (os outros contos), à procura da superação necessária. Assim, temos que a catarse se realiza em termos dum exorcismo — por repetição, por identificação.

Sintomaticamente, o primeiro e o último textos marcam os limites, e definem o processo, implicados no ritual, a interrogação da origem e a interrogação do fim, a libertação dum útero original, pela declaração da sua morte, e a libertação do impasse existencial, por análoga antevisão de morte; o cunho dramático predominante, que a catarse-exorcismo se exige — na representação actual e imediata, como primeiro plano de existência discursiva, remetendo a narrativa, por vezes, para a subjacência (de que o conto «O Limiar» é exemplo ilustrativo); no encadeamento-fusão de perspectivas discursivas (passagens-alternâncias quanto à origem pessoal da escrita, com uma economia de meios deveras notável, como, por exemplo, na utilização sequencial, em «A Agonia», de uma primeira pessoa declarativa duma terceira, a Mãe, — denotando o afastamento necessário para o início do rito — que, em seguida, é interpelada na segunda — pivot dramático, fulcro do exercício ritual — e fluída-fundida na primeira — apuramento final do transe lírico, identificativo, resolvente e justificador da eficácia catártica, e porta de saída para a libertação pretendida —), e ainda no ocasional funcionamento simultâneo desse mesmo encadeamento-fusão em alguns casos: o «É, sou, serei um sobejo de gente», do último conto, por exemplo, que sugere e reforça a necessidade de anulação da perspectiva temporal (diacrónica), inevitável para a perfeita realização do acto (porque não?) mágico.

É mais, determinando os círculos concêntricos onde a escrita se organiza, a persistência concorrente duns tantos vectores, sempre os mesmos, e que são afinal os da própria determinação temática, a juventude, a senilidade, a reclusão, o exílio, a cidade futura, o papel da cultura, da literatura, a mulher — a Mulher, linha de força primeira, primitiva, original de tudo o mais, e que U.T.R. (na formulação de Pavla Lidmilova, «escritor da mulher, à qual concede um papel muito activo, crítico e independente, na sociedade actual, não deixando, porém, de apresentá-la como mulher»), na procura (do mesmo modo, catártica) da sua necessária compreensão, chega a assumir-se como primeira pessoa, origem de discurso (caso dos contos «Só um Joelho de Eva» e «A Hóspede da Hora Exacta», por exemplo; registando-se ainda o funcionamento parcial (em caso algum gratuito) da perspectiva feminina noutros contos, como «O Limiar», «Quarto Proibido», e até em «Os Pregos»).

Dir-se-á, porém, que toda a literatura é afinal exorcismo; e é verdade. Mas é também verdade, pelo que para trás anotámos, que se nos afigura igualmente certo ser a verdade-

-ficção do discurso de U.T.R. em «Estrada de Morrer» um testemunho notavelmente conseguido de coexistência eficaz dum desassossego de escrita com uma disciplina de lucidez, como um modelo-único, de si-própria, e, por isso mesmo, exemplar.

Em qualquer perspectiva que se entenda mais conveniente abordá-la, acrescente-se, tal como, ao nível da sua escrita, U.T.R. nada escamoteia, nada esconde, a verdade-vida do autor também lá está.

isso também importa.

F.C.M.

TÍTULO: O FIM DA HISTÓRIA
AUTOR: HENRI LEFÈVRE
EDITOR: PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE
TRADUÇÃO: ANTÓNIO REIS
COLECÇÃO: UNIVERSIDADE MODERNA
N.º DE PÁGINAS: 312

PROPOSTA VIVA

Henri Lefèvre é, de certa maneira, um teórico que tem, para já, o mérito de sempre suscitar uma vontade de contradição. Representa uma espécie de proposta viva de polémica. Lembra-me (por exemplo, quanto ao plano estético) o facto de, contra o neoclassicismo de Lukács, que arranca da análise da ficção e da pintura, ter ele tentado um neo-romantismo assente no estudo da música e da poesia. Lembrarei também o seu erro palmar, cometido na esteira lamentável de Reval (a pedir, passe o plebeísmo, o vigor da palmatória), sustentando que uma sociedade economicamente mais débil nunca poderá levar vantagem artística sobre outra mais pujante, se não num ou noutro âmbito sectorial. — lembraria ainda sei lá agora o que mais, e mais. Porém, não podemos esquecer que Lefèvre se situa, mesmo assim, no primeiro plano dos pensadores que, neste nosso tempo ocidental, mais tem contribuído para o conhecimento crítico do materialismo dialéctico. Terão mesmo sido poucos aqueles que intentaram, com veemência equiparável ou igual à sua, a discussão e a eliminação dos «efeitos esquemáticos» e dos «excessos burocráticos» implantados pelas conveniências das ditaduras estalinianas.

Numa «advertência» preliminar de O Fim da História, Henri Lefèvre interroga-se sobre se este seu livro (que não é estritamente o trabalho de um filósofo, de um sociólogo, de um historiador — mas de todos esses tipos culturais em conjugação) constitui, por isso mesmo, um texto «inclassificável». Escritor de linguagem cristalina, ele castiga-nos, no entanto, com as dificuldades que resultam da sua versatilidade.

Própriamente quanto a este volume que temos em causa, contribui sem dúvida para a sua ambiosidade, para o seu resvalamento em cada passo, o ponto de que o autor parte. Um ponto tripo (três pontos, portanto), disperso, oposto — para nós até irredutível. Lefèvre parte de Hegel, de Marx, de Nietzsche. «Não nos esqueçamos — escreve ele a página 11 desta tradução portuguesa de António Reis — de que as obras de Hegel, de Marx, de Nietzsche, que vão servir de ponto de partida para um trajecto difícil, não entravam em quadros de separações bem definidas». Mas se, com efeito, é verdade que várias dimensões (digamos três) — a filosófica, a histórica e a prática — emprestam aos modos europeus do pensamento e da consciência a sua actual complexidade (isto vem expresso e analisado em O Fim da História), não poderemos ir ao ponto de aceitar indefinições que metam no mesmo saco processos culturais diferentes, o irracionalismo de um Nietzsche com o racionalismo de Hegel e de Marx; e o idealismo de Hegel com o materialismo de Marx.

Estamos hoje marcados, mais do que nunca, pela História e pela reflexão crítica. Daí a importância actualíssima deste livro, o qual se situa além das discordâncias que naturalmente possa suscitar. Ele desperta-nos, pelo menos, para o facto da questão de um «fim histórico» encerrar ou implicar uma outra, a das próprias relações entre o Estado e a História, a propósito das quais se colocarão três hipóteses a discutir (a da perpetuidade, a da catástrofe, a da transição).

F.L.S.

TÍTULO: O COMPLEXO MILITAR-INDUSTRIAL AMERICANO

AUTOR: CLAUDE MOISY

EDITOR: DOM QUIXOTE

TRADUTOR: ANTÓNIO GUIMARÃES

COLECÇÃO: DOCUMENTÁRIO

N.º PÁGS: 375

PENTAGÓNIA

Claude Moisy é correspondente da agência noticiosa France Press em Washington. As suas actividades permitiram-lhe observar in loco o que foi a construção lenta, mas inexorável do complexo militar-industrial norte-americano, gigantesco polvo que vai desde a guerra química até à computorização de operações do tipo «procura-e-destrói», sem falar nos contratos fabulosos que os manipuladores do mesmo complexo vêm celebrando com as indústrias.

A entre-alimentação do poderio militar com as grandes empresas (corporations) criou até a necessidade de existirem os seus defensores no Senado e na Câmara dos Representantes. Escusado será acrescentar que senadores e membros da Câmara dos Representantes que estavam ligados ao complexo militar-industrial alinhavam ao lado dos mais ardentes falcões e que sempre defenderam, durante a administração Johnson como na de Nixon, «retaliação maciça» no Vietname.

Ora Claude Moisy, no seu livro enche-nos de informação sobre um assunto sobre o qual da mesma maneira, aliás, que os Krupp da Alemanha em tempos idos — tem reinado o mais discreto dos silêncios. Considerado sob este ângulo, trata-se duma obra importante e que convém ler. Pena é que o método de exposição de Moisy e a maneira antiquada como ele alinha números e verbas contribuam para uma certa confusão num problema escaldante que só ganharia em ser analisado com vigor e clareza.

Como um cogumelo, a estrutura e a infra-estrutura deste novo império espalhou-se por todos os Estados. Na cidade de Sunnyvale, na Califórnia, célebre pelas suas plantações de fruta, formou-se um grande centro de investigação aeroespacial e electrónica — mais designadamente mísseis e foguetões. «A Morte é a nossa indústria favorita», comentava sardonicamente um urbanista local, encarregado de re-desenhar o plano da cidade.

Os defensores da elephantíase do complexo militar-industrial conseguiram mesmo impôr-se, fazendo pairar o espectro da recessão. Menos contratos entre o Pentágono e as «big corporations» significariam menos empregos, menos prosperidade, menos lares felizes, inquietação, o regresso aos anos nervosos que se seguiram ao cessar-fogo na Coreia.

Muita gente talvez ignore, por exemplo, que o Pentágono emprega 4 700 000 pessoas sem contar com a infinidade de quadros e operários que, nas indústrias a que faz encomendas, investigam, planificam e trabalham para ele. O seu orçamento roça os 400 milhões de dólares, com 3 400 instalações militares no estrangeiro e 430 bases operacionais em países «amigos».

A inteligência e os serviços de informação também participam na voragem destes custos astronómicos. Ouçamos Claude Moisy: «... O U.S. Army Intelligence Command, instalado em Fort Holabird, em Baltimore, alargou progressivamente os limites dos informes militares até ao ponto de possuir dossiers de 7 milhões de civis, de que os computadores registam as acções e as declarações políticas, sindicais, religiosas ou meramente profissionais. E a memória mais fabulosa dos Estados Unidos, Chama-se Investigative Records Repository, ou Arquivo das Fichas de Inquérito. Isto vai muito mais longe do que tudo o que o F.B.I. pode fazer, que só se ocupa das actividades ilegais dos cidadãos».

Como os tempos mudaram desde que Henry Stimson, secretário de Estado durante a presidência de Herbert Hoover, proibia que fossem violados os comunicados das potências estrangeiras com o argumento «de que um cavalheiro não lê o correio das outras pessoas!»

O livro de Claude Moisy lança um grito de alarme sobre o poder duma máquina de apetite insaciável. Importante ler.

JVP

A C Adriano de Carvalho • C P Carlos Porto
 E G C Eduardo Guerra Carneiro • E P C Eduardo
 Prado Coelho • F C M Fernando Correia Marques
 F L S Fernando Luso Soares • J V P José Vaz
 Pereira • J M João Moreira • M M C Manuel
 Maria Carrilho • N J Nuno Judice • N M Nelson
 de Matos • R S Rocha de Sousa • V S T Vítor
 Silva Tavares